



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA
SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

VANESSA MARTINS RUBIM

Brasília – DF
2012

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

VANESSA MARTINS RUBIM

Dissertação apresentada para Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília - UnB, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação pela Faculdade de Educação - FE/UnB.

Orientador:

Prof. Dr. Fernando Luis González Rey

Brasília – DF
2012

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Doutor Fernando Luis González Rey - Orientador
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof.^a Doutora Cristina Massot Madeira Coelho
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof.^a. Doutora Claisy Maria Marinho-Araújo
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília

Prof.^a. Maria Carmem Villela Rosa Tacca (suplente) (UnB)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha Clara, minha parceira e companheira de todas as horas, minha pequena incapturável que a todo o momento me ensina a ser melhor e que a cada manhã me faz crer na beleza e leveza da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu Poder Supremo, por me conceder força, amor, coragem e tranquilidade nessa jornada acadêmica.

A minha filha Clara, por demonstrar docilidade, compreensão e tolerância aos meus rompantes nos momentos de aflição. Agradeço à sua presença necessária em minha vida e ao seu aconchego tão amoroso.

A minha família, por compreender minha ausência, meus livros espalhados pela casa e a minha necessidade de reclusão.

Ao meu mestre Fernando Luis González Rey, por me proporcionar crescimento, me acolher, compreender o meu processo e os meus deslizes e acreditar imensamente em mim.

À Professora Maria Carmen Villela Rosa Tacca, por ter me ensinado a ser destemida e a crer que os desafios nos impulsionam e nos tornam mais humanos, pela acolhida doce em seu grupo de pesquisa e por colocar-se tão disponível diante das minhas necessidades.

À Professora Cristina Massot Madeira Coelho, pelas reflexões infundáveis, parceria profícua, carinho verdadeiro e pela confiança em meu trabalho.

À Professora Claisy Maria Marinho-Araújo, por me fazer entender que não podemos nos vitimizar diante de nossa história e por sua disponibilidade em prontamente aceitar o meu convite.

Aos meus amigos Elisângela Mundim, Luciana Kalil, Hélio López e Francisco Neylon, pelos dias, tardes e noites de trocas de saberes e parcerias na produção do conhecimento. Pelo apoio e companheirismo.

À Ana Orofino, pela constante atenção, por abraçar as minhas necessidades, pelo olhar crítico que me instigava a melhorar enquanto pesquisadora e pela ajuda incondicional.

Aos meus parceiros da pesquisa, que se dispuseram a desnudar-se sem medos tornando esse percurso instigante e provocador. Por tornarem possível esta pesquisa.

À Antonieta Martins Alves, minha tia, por me incentivar a desvendar um pouco do espaço equoterápico e por me ensinar a amá-lo. Pelas muitas vezes em que se disponibilizou a me contar suas experiências e delas fazermos intermináveis discussões.

A minha mãe Iraci Rubim, por seu amor intenso, por sua acolhida maternal inefável e pelo

EPÍGRAFE

Não me deem fórmulas certas, porque eu não espero acertar sempre. Não me mostrem o que esperam de mim, porque vou seguir meu coração. Não me façam ser quem não sou. Não me convidem a ser igual, porque sinceramente sou diferente. Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão. Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma pra sempre.

Clarice Linspector

RESUMO

RUBIM, Vanessa Martins. *Equoterapia, escola e subjetividade: promoção de saúde, aprendizagem e desenvolvimento da criança*. Dissertação. Brasília: FE/UnB, 2012.

Este trabalho está orientado a compreender como a equoterapia ajuda os processos de desenvolvimento escolar do aluno e utiliza como aporte teórico central os pressupostos da Teoria da Subjetividade Cultural-histórica, desenvolvida por Fernando Luis González Rey, assim como os princípios da Epistemologia Qualitativa como processo comunicativo e dialógico de construção das informações produzidas no campo empírico. A eleição da Epistemologia Qualitativa como aporte metodológico à Teoria da Subjetividade nesta pesquisa se dá pelo seu caráter dinâmico em relação à produção do conhecimento, pela sua ruptura com a busca de respostas e verificações e também por ser uma metodologia comprometida com a construção do conhecimento como um momento de produção, elaboração e participação ativa do pesquisador. A intenção de analisar o contexto equoterápico e seus impactos na escola se deu pela compreensão desses dois locais como espaços possibilitadores de sistemas de comunicação e pela necessidade de investigar como a qualidade das relações, a abertura de um canal dialógico, a escuta sensível e a intervenção ativa como uma ação conectada à criança podem ser momentos de desenvolvimento de sua subjetividade, alavancando os processos de aprendizagem e a configuração subjetiva de uma personalidade saudável. A escolha do estudo de caso de uma criança implicada pela síndrome de *down* para esta pesquisa, surge como possibilidade de desvendar os caminhos isotrópicos de que dispõe a criança ao aprender e a mobilização singular de seu pensamento nesse percurso, assim a equoterapia como um processo conectado à criança e às suas especificidades diante da deficiência tornou-se um espaço investigativo e convidativo à compreensão do seu desenvolvimento subjetivo e de seus impactos no contexto escolar. Portanto, para compreender tais questões optou-se também pela pertinência em analisar os posicionamentos e as concepções das pessoas envolvidas nesses contextos de atuação. Assim, a construção da informação foi organizada em três eixos temáticos: o primeiro, trazendo a compreensão dos espaços de atuação dos professores e suas concepções, o segundo, marcando o trânsito das atividades concretas da criança na equoterapia e na escola e por último, as tramas subjetivas envolvidas na configuração subjetiva da criança e sua personalidade. As informações revelaram que o encontro de recursos subjetivos e a possibilidade de posicionamento da criança implicada pela deficiência no curso de suas atividades, tanto na equoterapia quanto na escola, passa pela provocação de seu envolvimento com as atividades concretas por meio de intervenções conectadas às suas necessidades e geradoras de impulsos ao seu pensar, estando também relacionadas à qualidade das relações estabelecidas, à abertura de um canal dialógico e à escuta sensível.

Palavras-chave: equoterapia, escola, subjetividade, promoção da saúde, desenvolvimento, aprendizagem.

ABSTRACT

Rubim, Vanessa Martins. *Therapeutic Riding, school and subjectivity: health promotion, learning and child development*. Dissertation. Brasilia: FE / UNB, 2012.

This work is aimed to understand how therapeutic riding helps the development process of the student and school uses as a central theoretical assumptions of the Theory of Subjectivity Cultural-historical, developed by Luis Fernando González Rey, as well as the principles of Qualitative Epistemology as a communicative process and dialogical construction of the information produced in the empirical field. The election of Qualitative Epistemology and methodological contributions to the Theory of Subjectivity in this research is through its dynamic nature in relation to the production of knowledge, for his break with the search for answers and checks and also a methodology to be committed to the construction of knowledge as a moment of production, preparation and active participation of the researcher. The intention to analyze the context and its impact on therapeutic riding school was due to the understanding of these two locations as enablers of space communication systems and the need to investigate how the quality of relationships, opening a channel of dialogue, sensitive listening and active intervention as an action connected to the child may be moments of development of their subjectivity, leveraging the learning processes and the subjective configuration of a healthy personality. The choice of case study of a child involved for Down syndrome for this research comes as a possibility to unravel the isotropic paths available to the child to learn and natural mobilization of his thinking on this path, and therapeutic riding as a process connected to the child and its specificities on the disability has become an investigative space and inviting the subjective understanding of their development and their impact on the school context. Therefore, to understand these issues we chose to also examine the relevance of the positions and views of people involved in these contexts of activity. Thus, the construction of information was organized into three themes: the first, bringing an understanding of areas of activities of teachers and their conceptions, the second, scoring the transit of specific activities of children in therapeutic riding and at school and finally the plots involved in subjective configuration of the child and his personality. The information revealed that the finding of subjective resources and the possibility of positioning the child's disability implied by the course of their activities, both in therapeutic riding and at school, goes through the provocation of their involvement in specific activities through interventions connected to their needs and generating impulses to his thinking, and is also related to the quality of relationships, opening a channel of dialogue and sensitive listening.

Keywords: therapeutic riding, school, subjectivity, health promotion, development, learning.

LISTA DE SIGLAS

ANDE - Associação Nacional de Equoterapia

DF – Distrito Federal

DRE – Diretoria Regional de Ensino

FRDI – Federation of Riding for the Disabled International (Federação Internacional de Equitação para Deficientes)

IFB - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

PIE – Pedagogia para Professores em Exercício no Início de Escolarização

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE HISTÓRIA.....	2
2. APRESENTAÇÃO.....	5
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
3.1. EQUOTERAPIA: ALGUNS APONTAMENTOS.....	08
3.1.1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EQUOTERÁPICO.....	11
3.1.2 O CAVALO – UM POSSIBILITADOR DE NOVAS EXPERIÊNCIAS.....	12
3.1.3. EQUOTERAPIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	16
3.2. A TEORIA DA SUBJETIVIDADE – A INCAPTURÁVEL “ESSÊNCIA” DO SER.....	20
4. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	28
5. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	29
5.1. A EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA – Um processo vivo, dinâmico e desafiador.....	29
5.2. O CENÁRIO DE PESQUISA – Uma metamorfose imprevisível.....	32
5.2.1. CENÁRIO 1 – A Equoterapia.....	33
5.2.2. CENÁRIO 2 – A escola.....	34
5.3 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	35
5.4. O ESTUDO DE CASO – Uma escolha acertada.....	39
5.5. OS INSTRUMENTOS.....	39
6. CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	47
6.1. O ESPAÇO DA EQUOTERAPIA E O ESPAÇO DA ESCOLA: FORMAS DE ATENDIMENTO E POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO DO SUJEITO – ALGUNS ENTENDIMENTOS NECESSÁRIOS.....	47
6.1.1. EQUOTERAPIA – O momento reflexivo como canal dialógico e escuta sensível do grupo.....	48
6.1.2 O momento reflexivo.....	54
6.2 A ESCOLA.....	63
6.2.2. Joice.....	70
6.3. PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NA IMPULSÃO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE: DESENVOLVIMENTO DE SUAS ATIVIDADES CONCRETAS.....	76
6.3.1. Dois Contextos, Dois Personagens.....	76
6.3.2. A equoterapia: o protagonismo do sujeito.....	87
6.4. TRAMAS SUBJETIVAS E CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS: A PERSONALIDADE.....	99
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
8. REFERÊNCIAS.....	114
9. APÊNDICES.....	117

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

1. PARA COMEÇO DE HISTÓRIA...

A nossa história é algo imprescindível para a compreensão de um processo de criação, pois nela encontramos elementos que norteiam o pensar e o agir no contexto atual das experiências vividas. Seria um equívoco deslocar o sujeito de sua obra e de seu contexto de produção, pois ela está impregnada de percepções incomuns colhidas singularmente e produzidas subjetivamente no encontro de sua história atual e passada, ambas inseridas em um contexto social e cultural.

Nem sempre as histórias precisam ter início, meio e fim seguindo uma lógica convencional, mas podem abrir caminhos para o entendimento da forma como a pessoa se situa na composição desta, partindo de extratos que produzam sentidos e gerem compreensão a quem se entrelaça a elas.

Hoje, depois de 18 anos como professora, de pré – escola a 4ª série do Ensino Fundamental no Distrito Federal, poderia dizer que tenho mais perguntas do que respostas para entender a complexa teia que envolve a educação e aqueles que por ela dizem ser educados. E são questões que movimentam e marcam a minha história.

Procuo buscar lembranças de quando era aluna do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino do DF e confesso que ao vasculhar a minha memória, limito-me a dizer que as únicas lembranças que emergem são sensações de impotência pela dificuldade em fazer analogias entre o conhecimento e a minha vida prática, assim como um histórico escolar de uma aluna sempre mediana. Nada estimulante para começar uma história!

Lidar com o conhecimento foi um desafio, principalmente quando na verdade o que se ensinava na escola era a reproduzir e não a pensar. Sentia a necessidade de extrapolar, de inferir e de criar, mas aos poucos acabei sendo tomada por aquele ambiente improdutivo e aprender passou a ser um descompasso. Eu era aquela “aluna do fundo” em constante sensação de medo do olhar do professor, medo de ficar visível demais e ser apontada a responder a qualquer momento aquelas perguntas sem respostas. E assim, a conturbada experiência infantil com a dificuldade, com a vergonha em me expor e virar motivo de chacota foi se transformando em artimanhas para lidar com as inseguranças e fracassos.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A escola verdadeiramente não era um lugar de encantamento: cadeiras sempre enfileiradas, atividades sem vida, um silêncio arrebatador e os castigos sempre corriqueiros, fora aquele desejo enorme do professor em controlar os nossos corpos tão inquietos. As trocas de experiências eram inexistentes, éramos simplesmente seres a-históricos e sem vida em um espaço morto que mais nos paralisava do que nos movimentava.

No Ensino Médio, a coisa também não foi tão diferente, principalmente quando se trata do Magistério. O ingresso no Curso Normal não foi uma escolha minha, na verdade foi um apelo de minha mãe, ela sempre dizia que profissão de moça pobre era ser professora. Os dois primeiros anos me causaram estranhamento, passar o dia todo na escola era algo desesperador, eu sentia a necessidade de tempo, tempo para me aventurar em outras descobertas, coisas de adolescente. O último ano trouxe algum alento, a fase da regência de classe me encantava, mas ainda não estava certa de que essa era a profissão que eu gostaria de seguir.

Quando terminei o magistério e consegui meu primeiro emprego como professora comecei a entender que na verdade o que me distanciava da profissão era a imposição de minha mãe e as atitudes de alguns professores que para mim eram exemplos do que eu não queria ser. Ser professora começa então através de uma tentativa conturbada em deixar para trás uma formação frustrante para iniciar uma jornada de buscas, de mais tropeços e desafios.

Durante três anos e meio atuando como professora da Rede Particular de Ensino e tentando alcançar o sonho de qualquer professora em compor os quadros da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), vivi intensos confrontos e competições por uma vaga no altar instituído em ser uma boa profissional e merecer a permanência na escola em que trabalhava até conquistar a almejada vaga no emprego público.

Ao chegar à SEEDF e compor as chamadas turmas de reintegração, passei a ser conhecida como a professora que resolvia casos difíceis, até incorporei a causa. Gosto até de trazer à tona a forma como me enxergava nessa história toda, uma professora comprometida com a “educação de qualidade”, assim entre aspas para mostrar o como na verdade isso se transforma em chavão, clichê na educação. Confesso que até dói descortinar o passado. Estudava as literaturas da época e da moda: Augusto Cury, Celso Antunes, Rubem Alves, Içami Tiba... Discutia as leituras no calor das coordenações coletivas, não que hoje eu tenha algo contra, que não leia, mas percebi que é preciso outras vertentes literárias para entender o que seja conhecimento científico para abastecer o fazer pedagógico.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A escolha da graduação em Pedagogia através da parceria entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Secretaria de Estado de Educação do DF ao que se constituiu no curso “Pedagogia para Professores em Exercício no Início de Escolarização”, o PIE, foi o início das inquietações, perturbações e mudanças. Digo que muitas questões do passado voltaram a ecoar, mas com solidez e novas percepções que romperiam de vez com aquela velha professora. Aqui nasceu a vontade de pleitear o mestrado, surgiram vários incentivos e o primeiro pré-projeto que dele apenas ficou um vulto na memória.

Uma parte relevante da história é o como e o porquê cheguei até aqui. Em 2004, iniciei um processo de adoecimento em princípio ocasionado por um estresse e que aos poucos se transformou em uma depressão. Remédios, psicoterapias, psiquiatria e ao longo do tempo um diagnóstico: transtorno afetivo bipolar e transtorno obsessivo compulsivo.

Vamos à confissão: no início era um deguste perpassar os sintomas e me encontrar em cada linha e uma decepção quando algum comportamento não se encontrava com o meu. Era uma necessidade desvairada de estar doente, de ser doente, de não ter qualidade de vida. Isso custou dois longos anos de afastamento do trabalho e de suspensão da vida.

O que eu não sabia era o quanto tudo isso era transformador, causador de mudanças. De repente a minha imagem profissional havia mudado, eu era uma prisioneira do meu diagnóstico, do meu atestado, eu não era mais competente e capaz, eu era apenas um distúrbio. E passei a ficar enclausurada por detrás do que passei a ser e deixei de ser o que era. São questões que até hoje atormentam.

Esses tormentos também trazem à tona minhas memórias enquanto professora, quando meu olhar limitante enclausurou tantas crianças que passaram por mim e na insipiência de minha pouca experiência, olho para trás e lembro-me de cada um dos alunos aos quais roubei a oportunidade de deixá-los sair do casulo do qual lhes impus a condição de serem lagartas e jamais se transformarem em borboletas.

E foi movida por um desejo de mudança do próprio olhar sobre mim e sobre o outro e de um desconforto em perceber que estamos em constante movimento e transformação que surgiu uma inquietação em pensar esse olhar de forma diferenciada.

Através desse desconforto, e de um convite de alguém especial para conhecer o trabalho da equoterapia e para ser auxiliada pelos seus benefícios, trabalhei como voluntária, passei a refletir sobre os processos equoterápicos e seu caráter interventivo como provocador do desenvolvimento subjetivo da criança.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

2. APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa pretende destacar a equoterapia na sua interface com a educação no que concerne às questões interventivas implicadas nesse contexto que impulsionam o desenvolvimento humano. Seu objetivo geral é compreender como o atendimento equoterápico e suas ações terapêuticas facilitam o desenvolvimento do aluno influenciando a aprendizagem e como os processos terapêuticos e pedagógicos interferem na configuração subjetiva de uma criança implicada pela deficiência, investigando os contextos escolar e equoterápico em que essa criança transita.

O problema que se anuncia e merece destaque nessa pesquisa é a relação que pode ser estabelecida entre a equoterapia e a sala de aula e quais os processos subjetivos implicados nesses espaços que favorecem ou não a aprendizagem e o desenvolvimento da criança com necessidades educacionais especiais. E é exatamente nessa trama complexa em busca de entendimento que a Teoria da Subjetividade (2002, 2004, 2005a, 2005b, 2005c, 2007, 2009, 2011a, 2011b, 2011c) elaborada por González Rey, nos brinda como suporte fundamental na compreensão da psique humana como sistema complexo de caráter epistemológico e ontológico diferenciados para desvendar o que subjaz a realidade objetiva não como oposição à subjetiva, mas como indissociáveis e complementares ajudando-nos a buscar não respostas finais, mas caminhos férteis à discussão e ao desenvolvimento de novas práticas.

Para esclarecer esses pontos, algumas perguntas são necessárias para a condução desse trabalho:

➤ De que forma a abertura de um espaço relacional dialógico que implique à conexão do educador com os caminhos e formas criativas e diversas do processo de ensino e aprendizagem da criança com deficiência promovem o seu desenvolvimento? Podemos dizer que tanto a equoterapia como a sala de aula podem ser espaços propícios a essa abertura?

➤ Como se dá o processo de produção subjetiva no espaço da equoterapia e da sala de aula e como esses espaços articulam-se entre si?

➤ De que forma a equoterapia ajuda na promoção da saúde do educando no espaço da sala de aula? Como esses dois espaços formam um sistema alavancador do desenvolvimento e aprendizagem da criança?

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Estas questões supracitadas nos inquietam quando as crianças a quem endereçamos o nosso olhar são estigmatizadas como deficientes e atravessadas pela exclusão perversa que diante de um diagnóstico taxativo, limitante e universal, retira a sua possibilidade de se tornar sujeito, ocultando a sua identidade, transformando-a apenas em uma síndrome, em um distúrbio, em uma paralisia, em um ser sem vida, limítrofe.

São questões como essas que nos instigam a compreender como se engendram as ações no espaço da equoterapia e da sala de aula e como estas são possibilitadoras do “desencapsulamento” das crianças das amarras dos diagnósticos e da produção da deficiência propiciando-as a tornarem-se sujeitos.

A promoção de saúde, o aprender e o ensinar são ações que podem ser ou estar num diálogo significativo e produtivo para corroborar e propiciar às crianças com deficiência diferentes alternativas para se posicionarem como pessoas de conhecimento, comunicação, descobertas, emoções, expressão, história, cultura, meio social, ensino e de aprendizagem.

Sendo assim, através de ações promotoras de saúde, a escola e a equoterapia podem ser enxergadas como espaços de promoção de uma personalidade saudável se compreendidos como um processo orientado ao desenvolvimento da pessoa. Nesse sentido, voltamos o nosso olhar para a equoterapia nestes três aspectos: o que beneficia a saúde das crianças trazendo qualidade de vida; o que impulsiona, instiga e desmistifica o caráter do processo de ensino-aprendizagem da criança com deficiência no que concerne ao seu desenvolvimento integral favorecendo as suas potencialidades, não à deficiência enquanto um fator limitador. Por último, as relações estabelecidas com o cavalo no espaço social dessa atividade como elemento promotor de novos sentidos, em outro espaço, o que promove o contato com a natureza que é lócus da ação, mas que move a percepção do corpo e do tempo através de uma nova relação, processos esses promotores de novas formas de sentir com desdobramentos simbólicos que escapam aos conceitos.

É importante assinalar nessa pesquisa o protagonismo que será dado à criança atendida pela equoterapia, no qual vislumbro primeiramente conhecer suas expressões peculiares, mergulhar em sua dimensão subjetiva marcada por um processo sistêmico, complexo, dinâmico e histórico-cultural. Não quero perder de vista, no entanto, a importância do educador como elemento fundamental, a peça que alavanca, a força motriz e, portanto, perpassar suas concepções, configurações e produções subjetivas na compreensão do que se propõe.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Desta forma, ao trazer um breve histórico da equoterapia buscamos imergir o leitor em como o cavalo passou a adentrar o contexto terapêutico desde tempos remotos e a projeção de seu uso na interface da saúde e educação no contexto brasileiro indo um pouco mais adiante e discutindo a sintonia possível destas duas áreas do conhecimento e seus possíveis desdobramentos.

Ao apontar o cavalo como motivador terapêutico por meio de seus movimentos tridimensionais, procuro compreender a complexa dinâmica existente na produção de sentidos da criança implicada pela deficiência e como a ação daqueles que conduzem o atendimento e as relações estabelecidas nesse espaço social são favorecedoras de seu desenvolvimento.

Atravessar as inquietudes suscitadas pela equoterapia, educação e saúde, torna-se relevante para a pesquisa quando buscamos entender a criança em sua totalidade a partir de uma dimensão subjetiva que não a entenda fora de seus contextos, de suas experiências, que não perca a sua historicidade e o seu caráter social e cultural e a qualidade de suas relações nos espaços em que transita e nos quais produz sentidos subjetivos¹ e configura subjetivamente a sua personalidade.

Outra questão é adentrar o universo da criança que aprende procurar desvelar os tensos e contraditórios movimentos no percurso dos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento, quais as tramas envolvidas na expressão de quem está implicado pela deficiência enquanto produção social e enclausurado no preconceito e amarras dos diagnósticos e das impossibilidades elaboradas pelo senso comum.

Dessa forma a Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005a, 2005b) foi um aporte metodológico imprescindível à pesquisa. Por meio da construção das informações trazidas é possível perceber a dinâmica da organização do pesquisador e seu processo de produção teórica. Assim, os eixos temáticos que norteiam a parte metodológica deste trabalho procuram evidenciar, primeiramente, a forma como a equoterapia e a escola tornam-se espaços propícios ao desenvolvimento da criança, em segundo lugar, as atividades concretas das crianças nesses espaços e por último dar visibilidade à forma como esta se organiza nesses espaços marcando a sua personalidade.

¹ Peço licença para marcar essa categoria perpassando sutilmente em sua definição nesse início de trabalho. De acordo com González Rey (2011c) o sentido subjetivo é a unidade indissociável entre o simbólico e o emocional onde a emergência de um evoca a aparição do outro sem se constituir em sua causa.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. EQUOTERAPIA: ALGUNS APONTAMENTOS

A utilização do cavalo com fins terapêuticos remonta a Grécia Antiga com Hipócrates (458-370 ou 351 a.C), médico grego, considerado o “pai da medicina”. Em seus ensinamentos propostos no compêndio “Das Dietas” indicava a equitação como fator de regeneração à saúde, principalmente no auxílio à insônia. Seus estudos serviram de base para outros médicos gregos e novas descobertas. É através dele que a medicina mística perde a tônica e alcança um cunho científico.

Galeno de Pérgamo (130-199 d.C), médico cirurgião e fármaco também propunha o uso do cavalo como benéfico à saúde, suas descobertas até hoje ecoam na medicina. No século XVI, Gerônimo Mercurialis (1530 – 1606) filologista e médico escreveu “*Da arte da gymnastica*”, um verdadeiro tratado sobre a ginástica na antiguidade e retomando as observações feitas por Galeno afirmava que a equitação ocupava uma posição de destaque entre os exercícios e ginásticas por exercitar não somente o corpo, mas também os sentidos (FREIRE, 1999).

As formas como esses conhecimentos ecoam e ganham novos contornos mostram a capacidade do homem de criar e recriar a história, de elaborar novas formas de lidar com o saber expressando toda a sua inquietude e gerando sempre infinitos desdobramentos, gerando inteligibilidade, descobertas e capacidade de novas produções, assim como sua atuação como sujeito concreto, ativo, histórico e cultural.

Na Inglaterra, no início do século XX o manuseio do cavalo como recurso terapêutico no contexto hospitalar é utilizado em benefício dos soldados feridos internados no Hospital de Oswentry durante a primeira Guerra Mundial (SEVERO e SEVERO, 2010).

Em 1980, a Federation of Riding for the Disabled International (Federação Internacional de Equitação para Deficientes, FRDI) é fundada e registrada na Bélgica com sede nos Estados Unidos, onde fica localizada a sua Secretaria Internacional, é uma organização sem fins lucrativos que passa a dar a sua colaboração e diretrizes a centros equoterápicos que se disponibilizam a utilizar o cavalo como instrumento reabilitador com fins filantrópicos, científicos e educacionais.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A FRDI traz uma proposta de equitação terapêutica e de partilha desses conhecimentos com os seus membros associados, o que hoje soma uma composição total com representação em 192 países (entre membros efetivos, associados e concedidos). Foi por meio dessa Federação que a partir de 1994 começa-se a dar mais ênfase, a partir do VIII Congresso Internacional de Hamilton, às áreas de psicologia, educação e educação terapêutica como diretrizes ao desenvolvimento desse tipo de trabalho.

A apresentação da FRDI é o ponto de partida para chegarmos a ANDE-BRASIL que é membro efetiva da Federação e, estar associada significa coadunar com os princípios de adesão a essa entidade.

Em 1989 no Brasil é fundada a Associação Nacional de Equoterapia, a ANDE - BRASIL, uma sociedade civil, de *caráter filantrópico², terapêutico, educativo, cultural, desportivo e assistencial, sem fins lucrativos*, com atuação em todo o território nacional, tendo sede e foro em Brasília - Distrito Federal (ANDE-BRASIL). E em 1997 (LERMONTOV, 2004) a equoterapia é reconhecida no Brasil como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina (parecer 6/7, aprovado em sessão plenária de 9 de abril).

A expressão equoterapia foi adotada pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) que etimologicamente é uma junção do latim “*equus*” (cavalo) com o grego “*therapeia*” (tratamento), sendo conceituada como:

Método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais. (ANDE-BRASIL, 1989)

O grande ganho da chegada da equoterapia no Brasil é o seu caráter educativo, não desmerecendo os fins terapêuticos, mas ressaltando o diferencial em relação a outros países. O que quero destacar firmando esse caráter educativo é que a figura do pedagogo efetiva esse ganho. Mesmo que exista um direcionamento nesse sentido em outros países como Canadá, Itália, Espanha, a figura do pedagogo não é ressaltada.

A equoterapia é composta por uma equipe chamada de multidisciplinar (ANDE-BRASIL) por envolver profissionais da área de fisioterapia, instrutor de equitação, auxiliar-guia, auxiliar – lateral e veterinário, podendo incluir psicólogo, pedagogo, professor de educação física, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, dentre outros. Atende pessoas

² As palavras em negrito destacam os princípios de adesão à FRDI para os seus associados efetivos.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

portadoras de deficiências sensoriomotoras³ e com distúrbios psicossociais⁴. O programa de atendimento é personalizado, visando às especificidades de cada criança, assim como o cavalo também é preparado, respeitando as suas necessidades.

Embora encontremos essa perspectiva multidisciplinar pela multiplicidade de profissionais envolvidos, na prática, o que ocorre é uma ação isolada de papéis, cada especialista isolado desempenhando a função que lhe compete. Esse caráter interdisciplinar apresenta um viés complexo e integrador e tem cada vez mais se adjetivado na prática de equipes do campo da saúde e o seu uso indevido tem evidenciado uma ação multidisciplinar, ou seja, uma reunião de distintos profissionais, longe da relação que estabelece com os distintos campos do saber, como pontua Penido (2002).

Quando aponto um viés educativo no contexto equoterápico, analisando seus benefícios e o papel do pedagogo nas equipes, é necessário ressaltar que ele pouco reflete uma ação pedagógica consistente que envolva a curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996) que sustenta e retroalimenta o processo complexo que é a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças e quais sejam os seus desdobramentos nesse espaço.

Muito do que traz a literatura sobre equoterapia ainda deixa a desejar quanto aos aspectos educativos envolvidos nesse contexto, principalmente quanto ao papel efetivo do pedagogo como alavancador dos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Foerstnow (2010) traz importantes considerações acerca do papel do pedagogo na compreensão desses processos dentro do espaço equoterápico e aponta que é a figura deste profissional que caracteriza a equoterapia como método educacional.

Freire (1999), Dias e Medeiros (2002-2003), Lermontov (2004) e Severo (2010), apresentam os aspectos técnicos da equoterapia e, mesmo quando dão relevância aos aspectos educativos dentro desse contexto, não rompem totalmente com uma visão comportamentalista, organicista e mecanicista de desenvolvimento e aprendizagem, tampouco discutem solidamente a relevância do pedagogo na impulsão desses processos. Por mais que procurem compreender a totalidade da criança ainda não rompem definitivamente com o desejo do comportamento socialmente aceitável por crianças com necessidades educacionais especiais.

³Tipos clínicos de paralisia cerebral, déficits auditivos, atraso maturativo, síndromes neurológicas (Down, West, Rett, Soto e outras), acidente vascular cerebral, traumatismo cranioencefálico, seqüelas de processos inflamatórios do sistema nervoso central (meningo-encefalite e encefalite), lesão raquimedular, entre outras.

⁴ Autismo, hiperatividade, deficiência mental, dificuldade do aprendizado, alterações do comportamento, psicoses infantis.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

3.1.1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO EQUOTERÁPICO

O trabalho equoterápico é organizado através de quatro programas distintos que visam atender as necessidades e potencialidades dos praticantes seguindo fins terapêuticos e educacionais (ANDE-BRASIL, 2011) a seguir:

- Hipoterapia: o cavalo é utilizado como instrumento cinesioterapêutico. É necessário um auxiliar-guia⁵ para conduzir o cavalo, um auxiliar lateral⁶ para manter a criança sobre o cavalo dando-lhe segurança, pois esta ainda não é capaz de conduzi-lo sozinha, e do terapeuta ou mediador⁷, a pé ou montado;
- Educação/Reeducação: neste caso o praticante⁸ já é capaz de realizar alguma ação sobre o cavalo podendo até conduzi-lo, necessitando de um apoio menor do auxiliar-guia e do auxiliar lateral. O cavalo atua como instrumento pedagógico, facilitador do processo de ensino-aprendizagem;
- Pré-esportivo: o praticante possui boas condições para atuar sobre o cavalo, embora não pratique equitação, existe um profissional da área que o acompanhe mais efetivamente. O cavalo é um instrumento de inserção social;
- Esportivo: este programa tem por finalidade preparar a pessoa com deficiência para atividades paraequestres.

O atendimento equoterápico ocorre semanalmente durante 30 minutos, o percurso do atendimento é discutido pela equipe através do estudo de caso atendendo às necessidades específicas de cada criança.

A pesquisa estará centrada no segundo programa pela ênfase na educação, no cavalo como um possibilitador do contato da criança não apenas com o outro, o seu terapeuta, que provoca o seu pensamento e promove a impulsão de sua aprendizagem e desenvolvimento, mas consigo mesma, na conexão com o cavalo por meio de seus movimentos, por meio das sensações provocadas em seu corpo (propriocepção) e da produção dos sentidos subjetivos implicados pela experiência vivida no espaço da equoterapia.

⁵ É a pessoa que conduz, com maior atenção possível, o cavalo do praticante. Deve estar sempre atento às orientações do mediador e às reações do animal. (ANDE-BRASIL, 2011, p. 179)

⁶ É aquele que, durante a sessão, acompanha o paciente, seguindo as diretrizes do mediador, com especial atenção na segurança. (ANDE-BRASIL, 2011, p. 179)

⁷ É o membro da equipe de atendimento equoterápico que acompanha o praticante, executando as estratégias terapêuticas para ele definidas, de acordo com o planejamento feito em equipe. Pode pertencer às áreas de saúde, educação ou equitação. (ANDE-BRASIL, 2011, p. 179)

⁸ É o termo utilizado para designar a pessoa em atendimento equoterápico.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

3.1.2 O CAVALO – UM POSSIBILITADOR DE NOVAS EXPERIÊNCIAS

Conceber o mundo é fazer história, é ser história, é compor a teia que dinamiza a cultura como um complexo sistema de sentidos e significados que se desdobram através das relações sociais estabelecidas e que estão em constante tensão, conflito e transformação.

A cultura incorpora toda uma historicidade de gerações precedentes que se reelaboram e se recriam através de novos movimentos históricos que não estão somente nos instrumentos, no trabalho, mas na linguagem, nos processos simbólicos, no eu, no outro, ou seja, na forma como o sujeito ressignifica essa dinâmica e se constitui enquanto parte dessa cultura.

Trazer o cavalo como um possibilitador de novas experiências no curso da pesquisa, exige entrar no que seja cultura, principalmente por também trazermos quais as implicações entre a criança e esse animal e a dinâmica do atendimento equoterápico, o que envolve um processo histórico-cultural imbuído de expressões simbólico-emocionais e o corpo como uma dimensão social, histórica e subjetiva que comparece em dados contextos em que os sentidos estão envolvidos. Sendo assim partilho com González Rey (no prelo) quando diz que:

A cultura, ao permitir explicar a multiplicidade infinita do humano a partir de produções simbólicas que se legitimam apenas dentro do espaço cultural em que aparecem, cria as condições para compreender a subjetividade humana como expressão dessa diversidade infinita de criação e sentido que o homem é capaz de gerar ante contextos diferentes. (GONZÁLEZ REY, no prelo)

E o que dizer da “*multiplicidade infinita do humano*”? Indubitavelmente esse turbilhão de produções simbólicas que comparecem em meio a emoções expressas nas produções de sentidos incapturáveis em cada sessão equoterápica experimentada, mas não somente geradas por todo esse arcabouço histórico de um sujeito apenas psicológico, mas de um sujeito que nesse momento também tem o corpo como um registro histórico e que no contato com o cavalo o sente provocado tanto pelo cavalo que é um promotor de sentidos quanto pelo seu terapeuta que é o outro social, o provocador de seus pensamentos.

Seria muito ingênuo pensar que a essência desse trabalho não estivesse pautada no dueto: cavalo e terapeuta e que também não se apoiasse em uma relação de provocação, conexão, intervenção ativa, criativa e dialógica e impulsos ao desenvolvimento e à aprendizagem do sujeito. Mas falar de cavalos dá asas à imaginação e não dá para começar sem se deliciar com um pouquinho de fantasia.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Cavalo e homem há muito tempo entrelaçam-se em histórias estonteantes de poder, magia, criação, espiritualidade, cura e conquistas que povoam o imaginário humano. Desde épocas remotas o cavalo tem sido um elemento de forte participação na vida do homem seja como meio de transporte, trabalho, reabilitação, alimentação, lazer, fabricação de soro e vacinas, de esporte ou mesmo na guerra como meio de conquista de territórios, lutas e enquanto mito num misto de crenças que o colocam como dotado de poderes, um ser alado. O cavalo também possui um registro histórico, é um ser empírico.

A sessão equoterápica é um momento desafiador para a criança, é uma constante busca pelo estado de equilíbrio, mesmo que haja sintonia entre os centros gravitacionais do sujeito e cavalo, os movimentos constantes do cavalo provocam desequilíbrios no cavaleiro. É uma relação tensa e de conflitos em busca de harmonia. É preciso organizar o momento social do atendimento⁹ elencando às necessidades da criança atendida, os objetivos propostos, as estratégias para a sessão. O diferencial é o posicionamento da equipe, é o como lidar com quem está sobre o cavalo e que já é beneficiado por seus movimentos, mas que também necessita da intervenção ativa de quem direciona o atendimento e o entendimento de como essa ação impulsiona e se alia a esses movimentos e são propiciadoras de novos desdobramentos em seu desenvolvimento.

Sob essa égide despontam questões fundamentais, pois organizar o contexto social do atendimento envolve olhar a criança “por trás do defeito”, sair das amarras das ausências, das faltas e dos limites, ou seja, deve haver o engajamento da equipe para a criação de possibilidades de desenvolvimento em que a impulsão a provoque a sair da “zona de conforto”¹⁰, aquele lugar em que a deixamos por torná-la incapaz. Sendo assim, é importante não olhar o defeito como algo estático e linear, pois de acordo com Vygotsky:

[...] é esse o processo orgânico, a primeira vista paradoxal, que transforma a enfermidade em um estado de maior saúde, a debilidade em força, o tóxico em imunidade, e que se denomina super compensação. Sua essência se reduz no seguinte: qualquer deterioração ou ação prejudicial sobre o organismo provoca por parte deste, reações defensivas, muito mais enérgicas e fortes que as necessárias para paralisar o perigo imediato. O organismo constitui um sistema de órgãos relativamente fechado e internamente conectado, que possui uma grande reserva de energia potencial e de forças latentes. Atua nos instantes de perigo como um todo

⁹ Tomo emprestado esse termo de Vigotski (1926/2004) em relação ao uso do termo “organização do ambiente social” por entender que na equoterapia esse momento precisa ser organizado pensando-se na escolha dos mediadores que serão utilizados para alavancar/impulsionar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. A escolha pela palavra **momento** deve-se pelo fato da ocorrência do atendimento em sessões curtas de 30 minutos.

¹⁰ Utilizo o termo “zona de conforto” na tentativa de ilustrar o sujeito que se coloca em um estado inerte quando não provocado a pensar, a refletir, a se posicionar, a se movimentar, a colocar o pensamento em funcionamento e diante disso permanece estagnado.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

único, mobilizando as reservas ocultas de forças acumuladas, concentrando no lugar de risco mais generoso as doses muito maiores de antitóxico que a dose de tóxico que o ameniza. De tal modo, o organismo não apenas compensa o mal que se segue, mas está sempre trabalhando em uma superação, uma vantagem sobre o perigo, que o coloca em um estado mais elevado de defesa que foi antes do aparecimento de perigo. (VIGOTSKI, 1924-1935/1997, p.41 e 42)¹¹

O defeito é uma relação dialética de força e superação na produção diferenciada de alternativas da criança por meio das experiências vivenciadas nos seus contextos de atuação e expressadas em sentidos subjetivos e significados diversos. Portanto, colocá-la na “zona de conforto” é negar-lhe o desenvolvimento. O perigo imediato é deixar que o organismo sendo a sua grande energia potencial fique a deriva por falta de impulsão social. A deficiência não é nenhuma barreira infranqueável para o desenvolvimento psíquico (GONZÁLEZ REY, 2011c).

A equoterapia é uma possibilidade de desenvolvimento subjetivo da pessoa por propiciá-la por meio do atendimento a provocação da organização da sua capacidade de produzir e expressar sentidos subjetivos diante das suas ações e relações com o mundo, não uma produção pontual e capturável, mas do âmbito do simbólico, do emocional que a movimenta na história, na cultura, no social, mas que também implica a dimensão corpórea.

Essa dimensão corpórea em movimento e que é um registro histórico, cultural e social da pessoa demanda atenção, pois se inunda de emocionalidade nas atividades nas quais está envolvida, e é tomada por essa emocionalidade que há uma organização frente às situações que experimenta e a equoterapia é uma experiência em que a criança está em um movimento, em busca de uma organização subjetiva na qual o corpo está implicado integralmente e participando ativamente de uma complexa teia simbólico-emocional. Portanto a equipe tem um papel fundamental: intervir ativa e criativamente potencializando e impulsionando a produção de sentidos subjetivos da criança atendida criando um espaço fértil e propício ao diálogo com esta, conectando-se às suas necessidades e ao seu pensamento, procurando descobrir e desfazer seus nós no percurso de sua aprendizagem e desenvolvimento, estabelecendo uma relação de provocadores e retirando-a da “zona de conforto” em que se encontra.

Desta forma, meus pensamentos coadunam com a pesquisadora Tacca (2008) quando aponta atitudes que corroboram com o trabalho do professor que se encontra no espaço da equoterapia na figura do pedagogo e do terapeuta:

¹¹ Tradução minha

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

- Abertura para o diálogo – investigar o aluno na busca de decifrar seu pensamento ou seu funcionamento psicológico e a produção de sentidos e significados que indicam as relações cognição-afeto;
- Intervenção atenta e criativa – a fim de colocar seus recursos pessoais e diferentes instrumentos e estratégias em favor da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno. (p. 141)

Colocar o terapeuta na posição de um provocador é um fator potencializador da ação terapêutica junto ao cavalo, acrescenta um elemento intrigante para se repensar sobre a tônica do processo equoterápico na interface com a educação, ou seja, como esse terapeuta captura o pensamento dessa criança no momento do atendimento e nessa conexão procura entender seu funcionamento psicológico para intervir e provocá-la por meio de ações que se entrelacem à prática pedagógica.

Destarte, quando GONZÁLEZ REY (2007) aponta o terapeuta como um *provocador* ele considera-o sujeito desse processo, não alguém que ocupe uma posição assimétrica em relação ao outro que está diante de si, mas uma pessoa acessível, um facilitador do desenvolvimento de emoções, reflexões e posicionamentos, um possibilitador da emergência de novos sentidos subjetivos que permita novas alternativas de desenvolvimento ao outro.

Portanto, essas produções subjetivas encontram-se e expressam-se no espaço do atendimento, promovendo aprendizagem e desenvolvimento, gerando novas ações e atuações, tanto da criança atendida quanto da equipe que a atende. O que corrobora com a ideia de que:

O social não entra de forma mimética devido ao comportamento dos outros. Ele se configura pelos sentidos que o sujeito produz através de seus vários espaços de relação, e também dos processos de institucionalização e contextos que caracterizam esses espaços de relação. O social se produz em nível subjetivo em seu sentido para o desenvolvimento psíquico das pessoas. Nenhuma experiência social tem um sentido universal para aqueles que a vivenciam. O sentido subjetivo só aparece na relação diferenciada de cada sujeito com experiências concretas. (GONZÁLEZ REY, 2009, p.91)

São ações concretas experimentadas no curso das atividades propostas que promovem o encontro de recursos subjetivos para se gerar alternativas criativas na elaboração de caminhos diferenciados na busca de se alcançar um determinado objetivo. Entendo que aqui se encontra o foco central da relação terapeuta/criança: a promoção de alternativas capazes de fazer com que esse sujeito emerja e posicione-se criativamente no curso de sua aprendizagem e desenvolvimento e que isto se amplie ao espaço da sala de aula. E essa relação faz uma ponte com os pressupostos de Vigotski (1924-1935/1997) que aponta em sua obra sobre os Fundamentos de Defectologia a expressão da criatividade que desponta em crianças implicadas pela deficiência em relação às crianças normais. Uma citação de Mitjáns Martínez

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

(2009b) que é uma grande pesquisadora da área de criatividade e subjetividade ajuda-nos a esclarecer essa questão:

Um importante desdobramento das ideias de Vigotski é a possibilidade, da perspectiva histórico-cultural, de conceber também a criatividade em uma dimensão diferente da concepção dominante: concebê-la como processo de constituição e de reconstituição de configurações subjetivas implicadas no desenvolvimento do sujeito e como forma de funcionamento do sujeito psicológico, caracterizada pela autonomia e pela singularidade no enfrentamento das exigências pessoais e sociais perante as quais está colocado. Essa forma de compreender a criatividade não nega outras. Um desafio seria caracterizar suas articulações com elas, avançando assim na compreensão das múltiplas dimensões da criatividade e de suas interrelações. (p.33)

A relevância das questões apontadas na relação entre criança e cavalo é a consideração do processo de desenvolvimento subjetivo da criança com deficiência como um processo peculiar e criativo, não como uma formação de hábitos. Faz-se mister salientar o que Mitjans Martínez (2004) considera como criatividade: “[...] um processo complexo da subjetividade humana, incluindo ambas as suas dimensões: individual e social” (p.83), o que nos permite dizer que a ação criativa pode ser desenvolvida em maior ou menor grau dependendo do que é oferecido a essa criança nesse espaço de relações, o que também permitirá que as produções de sentidos subjetivos organizem-se e corroborem para a configuração subjetiva de uma personalidade saudável.

Destarte, quando especifico a ação provocadora do terapeuta por meio de uma intervenção criativa e afinada com o funcionamento psicológico da criança na sessão equoterápica capaz de tirá-la da “zona de conforto”, isso envolve ações planejadas e constantes retomadas que rompam o espontaneísmo e a improvisação.

3.1.3. EQUOTERAPIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Quando o assunto tratado percorre a equoterapia dentro da área educativa na interface com a saúde, considerando a dimensão subjetiva desses processos, poderíamos dizer que a literatura atual é pouco fértil nesse terreno, poderemos encontrar uma diversidade de produções teóricas que relatam experiências descritivas travadas no contexto da equoterapia relacionadas a resultados obtidos, os aspectos metodológicos apresentados são mais quantitativos e comparativos do que propriamente qualitativos.

Depois de pesquisar monografias, artigos e dissertações na literatura acadêmica foi possível perceber a escassez em produções quanto a uma perspectiva educativa na equoterapia

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

na interface com a subjetividade saindo de uma abordagem psicanalítica e apontando aspectos relacionados à integração desse espaço com a sala de aula.

Silva, C. (2003), Silva, M. (2006) e Motti (2007) apresentam contribuições relevantes em suas pesquisas quanto aos benefícios da equoterapia, porém os aspectos descritivos e as características sobressalentes universais trazidas pelos diagnósticos deixam escapar nesses escopos teóricos, a doença e a deficiência, com fatores limitantes, padronizantes e organicistas. Assim, ainda não há um rompimento com um modelo mecanicista imposto pelo modelo biomédico separando a pessoa dos seus processos de adoecimento e da subjetividade em que está implicada. Dessa forma, os assuntos encontrados em dissertações, monografias e artigos pesquisados puderam instigar o desejo de dar um novo percurso ao que se pretendia, contribuir com novas reflexões e possibilitar outras inquietações.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é considerada como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecções ou doenças¹²”. Talvez seja esta a razão de encontrarmos volumes significativos de produções que caminhem na direção da visão desconstruída da pessoa de seus processos de constantes conflitos e tensões com o meio em movimento dinâmico e complexo que rompa com definições idealísticas-estáticas (de bem-estar/estar bem), numa relação pontual de causa e efeito (WERNER, 2000).

A intenção dessa pesquisa não é trazer definições acerca do que seja equoterapia, pontuar que modelos de saúde sejam mais coerentes ou incoerentes nesta prática, fazer históricos, trabalhar com os aspectos técnicos do atendimento, mas mergulhar no desenvolvimento humano em sua dimensão subjetiva nos aspectos teóricos e pedagógicos que implicam esse espaço, nas questões que implicam a deficiência, na organização das ações da equipe, nas concepções que direcionam os atendimentos, na subjetividade que subjaz essa atividade, na promoção de saúde como indissociável dos processos de sentido articulados com o contexto de atuação vinculados à qualidade e modo de vida saindo do modelo biomédico hegemônico e no processo de ensino-aprendizagem das crianças atendidas.

Não podemos entender que a escola não possa ser um espaço gerador de uma personalidade saudável e que seus processos estejam desvinculados do desenvolvimento da saúde humana. Destarte, a qualidade da comunicação no espaço interativo da ação, o

¹² Tradução minha

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

favorecimento da escuta e do diálogo, a abertura à criação, a organização do contexto social e a colaboração social são caminhos férteis a uma personalidade saudável.

Quando enfatizo uma personalidade saudável quero ressaltar que a qualidade de vida do indivíduo não está apenas associada a hábitos e atitudes que promovam a saúde, mas à qualidade das relações que esse indivíduo constroi e desenvolve propiciando o desenvolvimento de recursos subjetivos para seus enfrentamentos (GONZÁLEZ REY, 1994). Nesse sentido a personalidade está em constante desenvolvimento, pois ela é uma organização sistêmica das diferentes formações psicológicas do indivíduo, produzidas nos espaços de suas relações e de atuação como sujeito social e individual, que se configuram e se expressam atravessadas por distintas emoções.

Assim a configuração de uma personalidade saudável não está relacionada a uma expressão harmônica e estática do indivíduo, mas a uma processualidade em que as tensões e os conflitos são momentos de desenvolvimento para a geração de alternativas e possibilidades de lidar com seus enfrentamentos.

Em relação às premissas supracitadas torna-se imprescindível uma reflexão acerca da concepção mecanicista de saúde-doença, que invade o espaço educativo, principalmente quando nos deparamos com essa visão em relação às crianças com desenvolvimento atípico e à naturalização desse processo como enfermidade fora de um contexto no qual ele é vivido:

Ao estabelecer uma relação linear entre causa e efeito, sem levar em conta a multiplicidade de fatores envolvidos no binômio Saúde-Doença, o homem é reduzido a uma simples máquina, constituído por peças, como um robô. De mais a mais, a idéia de doença limitada ao defeito em uma ou várias “peças” do corpo é uma ficção, pois além de não considerar os aspectos inter funcionais do organismo, isola a doença do sujeito social que a sofre e das condições concretas de vida que a produzem. (WERNER, 2000, p. 24)

Nesse sentido, a equoterapia na interface com a educação e a saúde pode estabelecer um diálogo alçando romper com esse modelo hegemônico em que o encontro dessas áreas não seja apenas um momento para se justificar ou explicar o fracasso escolar, mas um momento de entendimento dessa junção como um processo complexo, sistêmico e dinâmico indissociável do indivíduo que o sofre.

Outra questão é a não separação da pessoa dos seus processos de constituição, sua história, seu contexto cultural e social, a forma como produz sentidos e significados singulares às suas experiências e o constante movimento nessa trama, a indissociabilidade entre mente e corpo e demais dicotomias que o sujeitam a um reflexo pálido e inerte do meio.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Sem dúvida, a escola deve promover à criança o desenvolvimento de uma personalidade saudável, organizando o espaço social por meio do favorecimento da qualidade das relações e dos sistemas de comunicação estabelecidos entre professor e aluno, compreendendo os processos diferenciados de aprender e se desenvolver e possibilitando-o gerar alternativas também diferenciadas nesse processo:

A educação no diálogo e a tolerância às diferenças são partes de um bom programa de educação para a saúde. O desenvolvimento dos processos de identidade pessoal e de grupo relaciona-se com a qualidade de vida de qualquer grupo social. A condição de sujeito do ser humano, associada à sua responsabilidade pessoal dentro dos acontecimentos que vivencia, passa pelo desenvolvimento de uma identidade pessoal que lhe permite assumir posições perante a diversidade de situações enfrentadas em seu dia-a-dia. (GONZÁLEZ REY, 2004, p.47)

Enfim, elegi a equoterapia como espaço de pesquisa pela dinâmica educativa, envolvida no atendimento implicada pelo movimento tridimensional do cavalo articuladas às intervenções da equipe que visam gerar aprendizagem, desenvolvimento, promover a saúde da criança e a produção de sentidos subjetivos peculiares precedentes de seu movimento histórico, social e cultural, carregadas de expressões simbólicas e emocionais por meio do encontro com a sua experiência atual. Desta forma podemos considerar que:

Os espaços sociais não são apenas espaços coletivos não caracterizados, que podem ser julgados pela soma da ação e das intenções dos indivíduos que os integram; são sistemas complexos de produção de subjetividade, e sua forma de organização atual está sempre comprometida com os novos campos de subjetivação que surgem na ação social. (GONZÁLEZ REY, 2007, p.167)

Não podemos apenas lançar mão de uma visão ingênua da linearidade desses processos. A personalização parte do pressuposto de que no encontro das ações os confrontos são partícipes, que as ações são imprevisíveis, pois os sentidos são subversivos e a criança nem sempre é tão passiva e domesticável quanto parece. Mas são exatamente nos percursos conflituosos que a criança cria, recria e encontra sempre outros caminhos, estabelece novas ordens e descobre alternativas para as suas dificuldades.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

3.2. A TEORIA DA SUBJETIVIDADE – A INCAPTURÁVEL “ESSÊNCIA”¹³ DO SER

Quando me propus a enfrentar esse desafio, encontrei mais perguntas do que propriamente respostas, não queria me assombrar frente a elas e fechar a questão que despontava: Existe uma relação entre a equoterapia e a sala de aula? Esclareço que não é uma relação em que uma está contida na outra e vice-versa e que isso apareça explicitamente, mas uma relação em que há a presença simbólico-emocional de elementos carregados de sentidos subjetivos que se organizam em configurações subjetivas.

Com o intuito de abrir uma zona de sentido sobre o que inunda essa questão e possíveis aberturas ao diálogo encontrei na Teoria da Subjetividade Cultural-Histórica (1994, 2002, 2004, 2005a, 2005b, 2005c, 2007, 2009, 2011a, 2011b, 2011c) de González Rey a possibilidade de não cristalizar conceitos e de encontrar terreno fértil para explorar o desenvolvimento humano no que concerne às possibilidades interventivas no campo das crianças com necessidades educacionais especiais.

Ademais, a subjetividade por sua perspectiva histórico-cultural nos permite entender o desenvolvimento humano não como algo dado, mas como uma cadeia de produções simbólicas e emocionais das ações e relações do sujeito no curso de suas experiências e que não somente os aspectos cognitivos estão implicados, mas um mundo subjetivo até então ignorado (GONZÁLEZ REY, no prelo).

A proposta de um modelo teórico diferenciado que rompa formatações ou padrões universais de comportamentos e psique, que sejam passíveis de medições e quantificações, revela uma teoria comprometida com o sujeito da ação e do pensamento, que propõe uma visão da psique enquanto sistema complexo, dinâmico, dialético e dialógico (GONZÁLEZ REY, 2005c), o que para a pesquisa é uma possibilidade de desmistificar a figura da criança com deficiência enquanto sujeito de impossibilidades e ausências.

A teoria da subjetividade evidencia a complexidade da atuação dos sujeitos e da forma como estes criam e recriam suas experiências através da confrontação, da contradição consigo e com o outro, de como estas se desdobram em novos sentidos subjetivos e significados engendrando novas ações, de como estes sujeitos também estão implicados uns nos outros e

¹³ Apenas um trocadilho com o filme “A Insustentável Leveza do Ser” baseado no livro de Milan Kundera

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

atravessados por emoções, não como algo externo e dado, mas algo tecido em suas ações no espaço de suas relações.

A compreensão da realidade através de um prisma objetivista perde o caráter gerador e singular da produção humana, perde a expressão do sujeito psicológico concreto nos seus espaços de atuação e a forma peculiar de dar sentidos diversos a momentos também diversos de suas experiências, como se tudo se explicasse por infinitas dicotomias e padrões universalizados de comportamentos que se justificassem por meros reflexos ou estímulos e respostas determinadas unicamente pelo meio de maneira linear. Para tanto, objetivamos compreender que a equoterapia possa ser um espaço relacional diferenciado que mobilize o sujeito a posicionar-se no espaço da sala de aula gerando recursos subjetivos criativos para o seu desenvolvimento.

A escolha da Teoria da Subjetividade de González Rey como aporte central desta pesquisa aponta a macro categoria subjetividade como uma possibilidade de:

[...] compreender o psicológico humano não pela sua separação e, conseqüentemente, pela sua redução a formas de expressão e a processos simples, mas como processos de sentido e significação que apontam para a complexidade pelo caráter multidimensional, recursivo e contraditório com que são concebidos. (MITJÁNS, 2005, p. 15).

Portanto, a compreensão da realidade objetiva não é vista como uma oposição à subjetividade, mas como qualidade desta, como um sistema interrelacionado. Sendo assim, não são os processos objetivos que determinam o homem em suas experiências, mas a produção singular de sentidos e significados diante dessas experiências e os contornos e desdobramentos que estas alcançam e que de maneira alguma são lineares e invariáveis “O sentido expressa a forma singular e psicológica pela qual se manifesta uma história social, com as sutilezas e desdobramentos que essa situação vai tendo dentro da história única de produção de sentidos que caracteriza uma pessoa ou um grupo social” (GONZÁLEZ REY, 2009, p.57).

Entendo que esta teoria é uma expressão do paradigma da complexidade e traz um diferencial à compreensão do homem enquanto ser fragmentado, reativo e passivo, para nos apresentar uma visão da mente humana que leva à superação de dicotomias que tem sido muito caras ao pensamento psicológico: individual e social, consciente e inconsciente, interno e externo, objetivo e subjetivo e a todas as separações até hoje ainda muito difundidas. A integração, a inseparabilidade, a interdependência e a interrelação em que estas questões estão

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

implicadas, mas que não se diluem uma na outra, são momentos de produção e desenvolvimento.

A relevância da perspectiva da teoria em um marco histórico-cultural gera visibilidade para a percepção do sujeito nos diferentes espaços sociais em que atua, suas experiências atuais evocam não somente sentidos subjetivos do espaço em que pratica a ação, mas precedentes de outros espaços e momentos de sua vida.

Analisar a equoterapia como espaço possibilitador de um sistema de comunicação saudável comprometido com a formação de uma personalidade saudável, percorrer a escola como favorecedora do diálogo em conjunção com a aprendizagem e com o desenvolvimento e sua implicação para a compreensão do que significa ser sujeito quando se está implicado pela deficiência, creio que sejam fios condutores desta pesquisa.

As categorias subjetividade social e individual, sentido subjetivo e configurações subjetivas articuladas entre si na teoria da subjetividade permitem gerar inteligibilidade sobre as questões levantadas nesta pesquisa.

É importante compreender a forma como o espaço equoterápico e a sala de aula organizam-se e configuram-se de forma recíproca na subjetividade social da escola e na subjetividade dos alunos que participam de ambos os espaços. Por serem instituições sociais estão marcadas pelo trânsito de diferentes emoções advindas de diferentes contextos também sociais implicados por diferentes culturas que se atravessam desdobrando-se em sentidos diversos em cada sujeito. Uma produção contínua e processual que constitui a subjetividade do espaço social da ação e do próprio sujeito que atua nesse espaço “A subjetividade está constituída tanto no sujeito individual, como nos diferentes espaços sociais em que este vive sendo ambos constituintes da subjetividade” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 24).

Para compreender a equoterapia e a sala de aula e a forma como se organizam suas ações há que se buscar analisar o contexto social na qual estão inseridas, bem como entender de que forma estes contextos se expressam nos professores, alunos e demais atores desses espaços. Assim, a subjetividade é uma categoria que ajuda a dar visibilidade e a gerar inteligibilidade acerca desses processos. E foi ela que marcou a análise do que subjaz esses espaços e nos conduziu na construção das informações das hipóteses que surgiram no curso da pesquisa.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para tanto é necessário entendermos de que subjetividade está se falando, o que sai da ordem do intrapsíquico, do consciente e alcança o entendimento da psique enquanto sistema complexo e gerador de sentidos e significações, em uma perspectiva ontológica¹⁴ e epistemológica diferenciadas, de caráter social, histórico e cultural, plurideterminado, organizado através das complexas relações sociais estabelecidas nos diversos contextos de atuação dos sujeitos (GONZÁLEZ REY, 2005c).

Por entender essa complexa teia de relações e conexões entre o individual e o social, a forma como estes transitam no espaço da equoterapia e da sala de aula e se entrelaçam dando novos contornos e desdobramentos às emoções e ações produzidas, far-se-á necessário compreender que a subjetividade possui dois espaços de constituição permanente e interrelacionados que se constituem reciprocamente, onde um está constituído no outro caracterizados pela subjetividade social e individual, sendo momentos diferentes de um mesmo sistema. Por subjetividade social podemos entender:

[...] o sistema integral de configurações subjetivas (grupais ou individuais) que se articulam nos vários níveis da vida social, envolvendo-se de maneira diferenciada nas várias instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta. Essas formas tão dessemelhantes guardam relações complexas entre si e com o sistema de determinantes de cada sociedade concreta, aspectos que devem ser integrados e explicados pela psicologia social. (GONZÁLEZ REY, 2007, p.146-147)

Compreender o movimento em que é tecida a trama social da equoterapia, permite-nos entender como os sujeitos se desenvolvem permanentemente e de que maneira se expressam e se posicionam no curso desse desenvolvimento. A subjetividade social e individual relaciona-se de maneira dialética e uma não se sobrepõe à outra, são momentos de um mesmo sistema que produzem sentidos implicados com a história de vida do sujeito e o momento atual da experiência vivida que se configuram em suas ações manifestadas em outros contextos de atuação. Desta forma a subjetividade individual:

[...] indica processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto, ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais de subjetivação. (GONZÁLEZ REY, 2007, p.141)

A subjetividade é simultaneamente social e individual, o que marca o sujeito do social e do individual e a capacidade geradora da psique em articular e romper esses aspectos dicotômicos impostos pela realidade dada que não se decompõem, mas que expressam o seu caráter dialógico, dialético, contraditório e recursivo.

¹⁴ De acordo com González Rey (2005c) o caráter ontológico da psique assume em sua especificidade a forma de conceber a realidade em um nível qualitativamente diferente de outras formas de realidade e não como conceito de essência última do fenômeno.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A equoterapia e a sala de aula por serem espaços sociais instituídos estão permeadas por crenças, valores, ideias, normas e princípios que norteiam e limitam as ações e expressões das pessoas que ali transitam. As ações do sujeito em qualquer espaço de atuação geram mudanças em si e no outro, ao mesmo tempo em que ele se constitui, também é constituinte:

A pessoa, ao atuar como sujeito, expressa, em qualquer de seus atos concretos, uma subjetivação que implica sua subjetividade individual e a subjetividade social, integração única que surge em forma de sentidos subjetivos singulares, que se desdobram em trajetórias únicas em suas ações concretas. (GONZÁLEZ REY, 2007, p.145)

E são essas ações concretas constituídas e constituintes na e da subjetividade social que mobilizam a pessoa na sua organização subjetiva para lidar com as experiências. A equoterapia e a escola são espaços em que essas experiências estão inundadas de um tecido simbólico e emocional social atravessado pela cultura e pela história de cada partícipe não como uma soma de acontecimentos objetivos, mas como a configuração subjetiva das experiências singulares dessas pessoas que se expressam nesses espaços sociais concretos.

A subjetividade rompe com a perspectiva linear de entendimento do sujeito e nos oferece a oportunidade de compreendê-lo dentro das dinâmicas sociais como parte integrante de uma teia de sentidos e significados dinâmicos, processuais e singulares em constante tensão e contradição com as experiências travadas.

O sujeito é uma expressão singular que manifesta sua história de vida e um movimento social particular por meio de uma emocionalidade que se desdobra em sentidos subjetivos diversos que o implica em posicionamentos e ações diferenciadas diante da experiência vivida, portanto a mesma experiência jamais será sentida e entendida da mesma forma. Por sentidos subjetivos podemos entender especificamente a:

[...] a integração de uma emocionalidade de origens diversas que se integra a formas simbólicas na delimitação de um espaço da experiência do sujeito. No sentido subjetivo integra-se tanto a diversidade do social quanto a do próprio sujeito em todas as suas dimensões, incluindo a corporal. As emoções associadas à condição de vida do sujeito se integram em sua produção de sentido. (GONZÁLEZ REY, 2009, p. 127)

Essa origem diversa apontada pelo autor nos imerge em um sujeito que carrega consigo aspectos históricos incomuns, experiências tecidas em um meio social e cultural e que também marcam não apenas o caráter gerador da psique, mas também do corpo como um registro inseparável dessas produções subjetivas. Portanto, o corpo como registro histórico,

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

cultural e social do sujeito expressa também essa produção simbólica e emocional carregada de emoções.

Os sentidos subjetivos são verdadeiros sistemas motivacionais, processuais e dinâmicos que impulsionam o sujeito implicando-o “em todas as suas dimensões” nas diversas atividades que este desenvolve, essas experiências atuais alimentam-se de outras emoções, significações e crenças formadas em outros contextos e espaços gerando novos sentidos.

Todas as dimensões objetivas que caracterizam a existência humana aparecem na subjetividade constituídas em forma de sentidos e significados, que não são simples reflexos de uma condição objetiva única do ser humano, mas de uma complexa rede de informações, instituições, relações, modelos, representações, climas sociais, etc., que, ao confrontar-se com a história do sujeito, a qual tampouco é uma soma dos fatos objetivos que tiveram lugar em sua vida, dão lugar ao sentido subjetivo e a significação da experiência. (GONZÁLEZ REY, 2002, p.29)¹⁵

Essa complexa teia de emoções, significados e símbolos traduzem o caminho singular de cada sujeito e por isso nunca expressa uma linearidade em relação a alguma situação objetiva imediata.

De acordo com González Rey “As diferentes manifestações psíquicas relativamente estáveis das pessoas possuem, por trás, uma configuração subjetiva encarregada do sentido subjetivo, que perpetua um estado ou forma de expressão do sujeito” (2007, p. 139). Por configurações subjetivas podemos entender “a integração dos diferentes sentidos que se integram de forma relativamente estável na organização subjetiva de qualquer experiência” (GONZÁLEZ REY, 2005c, p. 256).

Assim, a ação do sujeito nos diferentes campos de sua atividade é uma ação subjetivada em que aparecem sentidos subjetivos precedentes de diferentes espaços de sua experiência atual e passada que se integram e organizam-se de forma relativamente estável constituindo a sua personalidade. Desta forma:

As configurações subjetivas não são unidades estáticas que definem a priori um sentido subjetivo único e unidirecional que guia a ação do sujeito: elas são um momento constitutivo do desenvolvimento daquele e, neste sentido, sofrem modificações no curso deste processo, do qual, por sua vez, são um elemento constituinte. (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 27)¹⁶

¹⁵ Tradução minha

¹⁶ Tradução minha

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Os sentidos subjetivos produzidos no curso das atividades do sujeito marcam a processualidade da integração dos espaços de relação em que se desenvolvem sua vida social e a forma como essas produções se expressam e se organizam configurando a sua personalidade, não como uma entidade estática e fixa, mas que se constitui e se desdobra por meio de suas experiências singulares. Destarte, as configurações subjetivas:

[...] não podem ser analisadas como causas do comportamento, mas sim como uma fonte de sentido subjetivo para qualquer atividade humana. As configurações subjetivas expressam a organização subjetiva do sujeito, a qual é constituinte de todas as suas ações, ainda que os novos sentidos subjetivos surgidos no curso da ação não estejam contidos nessa organização subjetiva *a priori*. Esses novos sentidos subjetivos entram na organização da configuração atual e, nela, podem levar a uma série de mudanças que terminem transformando a própria configuração, mas também, ao redor de novos sentidos subjetivos, é possível integrar outros, definindo outra configuração subjetiva que passe a ter um lugar dominante nos processos de subjetivação de uma atividade concreta. (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 138)

Nesse sentido, os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas são produções que se atravessam e se recriam em sua processualidade na constante tensão, conflito e contradição dos sujeitos no curso de suas ações, assumindo diferentes formas e desdobramentos no comportamento humano. Longe dos estados de harmonia, sejam no espaço da equoterapia ou da sala de aula, são os constantes conflitos que criam no sujeito alternativas no curso da sua ação.

As configurações subjetivas nos permitem compreender a personalidade do sujeito não como um sistema fixo, imutável e pré-definido, mas como um sistema aberto e dinâmico relativamente estável que se expressa de maneira diferenciada em contextos sociais específicos nos quais o sujeito expressa a sua ação (GONZÁLEZ REY, 2004). A personalidade pode ser definida como:

[...] a organização sistêmica, viva e relativamente estável das diferentes formações psicológicas e seus sistemas e as integrações funcionais de seus conteúdos que participam ativamente nas funções reguladoras e auto-reguladoras do comportamento, sendo o indivíduo quem as exerce. Ele está constituído por elas e, de forma simultânea, é constituinte delas. (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 72)

As ações do sujeito dão o contorno para a organização e formação de sua personalidade não como reflexo imediato do meio, mas como um momento de constituição, onde sujeito e personalidade não se diluem um no outro, são processos de desenvolvimento da relação tensa, contraditória e viva entre o social e o individual e que regulam o seu comportamento.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Pensar nessa teia dinâmica e processual no espaço da equoterapia e da sala de aula e na articulação desses espaços como momentos de produção de sentidos subjetivos e configurações subjetivas que expressam a organização peculiar do sujeito e de sua personalidade são uma tentativa de compreender a organização da psique e seu caráter ontológico histórico-cultural fora de uma perspectiva coisificada e objetivista como um ente que se revela fora do sujeito.

A relevância da escolha dessa teoria para esta pesquisa é a intrigante e constante processualidade na qual nos encontramos e que nos evidencia enquanto sujeitos inacabados em processo de transformação, o que é um convite a brindarmos nossa inerente curiosidade e nossa faceta metamórfica que nos move à incessante procura. Assim, esta escolha permite ver a singularidade do sujeito nos seus espaços de atuação e os processos subjetivos que acontecem nesses espaços para além da pessoa em foco, pois na verdade, a subjetividade é resultante de todos os espaços e encontros que passam a fazer parte do sujeito.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

4. OBJETIVOS DA PESQUISA

Para que esta pesquisa fosse possível foram necessários delineamentos que vislumbrassem um olhar mais aguçado e direcionado acerca do espaço da equoterapia e da sala de aula, para tanto os seguintes objetivos foram propostos:

OBJETIVO GERAL

Compreender como o atendimento equoterápico e suas ações terapêuticas facilitam o desenvolvimento do aluno influenciando a aprendizagem e como os processos terapêuticos e pedagógicos interferem na configuração subjetiva de uma criança implicada pela deficiência, investigando os contextos escolar e equoterápico em que essa criança transita.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explicar a equoterapia e a escola como espaços possibilitadores ou não de sistemas de comunicação comprometidos com a transformação de crianças com deficiências;
- Compreender como a articulação equoterapia e escola facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento de uma criança envolvida nessa experiência.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

5.1. A EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA – Um processo vivo, dinâmico e desafiador

Sendo a pesquisa aqui apresentada um processo dialógico e dialético, a escolha dos princípios da Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005a, 2005b) através da pesquisa qualitativa configura uma perspectiva desafiadora à construção, interpretação e compreensão da produção delineada, bem como também de zonas de sentido¹⁷. Como, perfeitamente, aponta González Rey: “A *Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta.” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.5).

Jamais podemos compreender o conhecimento como algo estático e cristalizado, nem nos apropriar da realidade sem compreender a dinâmica viva que a movimenta. O caráter construtivo interpretativo da realidade indica que onde há sujeito, há intencionalidade, desenvolvimento, vida, produção, não-linearidade.

É importante destacar que o caráter ontológico proposto pela teoria traz uma dimensão diferenciada no entendimento da subjetividade, por sua perspectiva histórico-cultural está comprometido com a cultura, com a história e com os processos sociais. Sendo assim, a escolha desta proposta epistemológica corrobora com essa pesquisa quanto à possibilidade de gerar inteligibilidade ao que se propõem, buscando um ponto de encontro entre passado e presente e apontamentos futuros.

Analisar as configurações e produções subjetivas dos indivíduos envolvidos na pesquisa não é uma tarefa fácil, são processos que necessitam de um olhar aguçado do pesquisador, de uma escuta sensível, principalmente no que as palavras por si só não são capazes de traduzir. O pesquisador é um elemento partícipe e ativo da pesquisa, não somente como produtor de um conhecimento, mas como aquele que também produz sentidos subjetivos, que confronta, dialoga e reflete sua história nesse percurso. Nesta perspectiva, González Rey nos aponta que:

¹⁷ Definida como aqueles espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.6)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O pesquisador como sujeito não se expressa somente no campo cognitivo, sua produção intelectual é inseparável do processo de sentido subjetivo marcado por sua história, crenças, representações, valores, enfim de todos os aspectos em que se expressa sua constituição subjetiva. (2005a, p. 36).

Seria equivocado entender o pesquisador como um ser isolado de suas emoções, que se encapsulasse e alcançasse uma neutralidade. Se assim fosse estaríamos em uma perspectiva dicotômica cognição/afeto, empírico/teórico, ou seja, a pesquisa seria algo estéril e sem vida, sem articulação entre a produção intelectual do pesquisador e o momento empírico em que se tecem as tramas e os delineamentos teóricos que engendram o percurso. É importante ressaltar que a Epistemologia Qualitativa valida o papel ativo do pesquisador como produtor de ideias.

Por acreditar nessa faceta em que o pesquisador é um sujeito produtor e não um leitor de resultados, penso que suas escolhas, suas tessituras, as hipóteses que levanta, sua produção intelectual, a aproximação para com os pesquisados, as idas e vindas com os instrumentos, revelam sua árdua caminhada. Portanto, a escolha pela Epistemologia Qualitativa é algo que também revela a primazia por princípios que não apenas sustentam a proposta metodológica (GONZÁLEZ REY, 2005b) de seu trabalho de pesquisa, mas o entendimento de si e do outro como fonte preciosa de conhecimento, como partícipes do processo implicados pelo diálogo, pelas tensões, pelos conflitos e em constante desenvolvimento subjetivo. Desta forma, cabe ressaltar os três princípios desta epistemologia de pesquisa:

✓ O conhecimento possui um caráter construtivo interpretativo, o real não é um sistema dado e acessível passível de acesso ilimitado, mas uma construção a ser tecida por meio da pesquisa científica e dos olhos sensíveis e aguçados do pesquisador que cria zonas de sentidos abrindo espaços de inteligibilidade para a produção do conhecimento. Assim:

O conhecimento é um processo de construção que encontra sua legitimação na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo. Portanto, não existe nada que possa garantir, de forma imediata no processo de pesquisa, se nossas construções são as mais adequadas para dar conta do problema que estamos estudando. A única tranquilidade que o pesquisador pode ter nesse sentido se refere ao fato de suas construções lhe permitirem novas construções e novas articulações entre elas capazes de aumentar a sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento para avançar na criação de novos momentos de inteligibilidade sobre o estudado, ou seja, para avançar na criação de novas zonas de sentido. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 7)

Portanto a pesquisa é um momento dinâmico, complexo, dialógico e sistêmico de produção contínua, de mobilização e articulação do momento empírico e do teórico que permitem a criação do pesquisador, a especulação, que jamais será algo pontual, mas que possibilitará sempre amplos desdobramentos. A interpretação do investigador não se

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

caracteriza por meio de categorias preestabelecidas deixando perder a riqueza e a diversidade do objeto de estudo, mas por categorias que prezem o processo diferenciado e a singularidade daquilo que se propõe estudar (GONZÁLEZ REY, 2005a).

✓ Legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico, valorizar o singular não perpassa pelo conceito de individualidade, mas pelo entendimento de que “A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do indivíduo” (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 35). Desta forma, “O conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão” (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 35).

Portanto, o valor do singular para a pesquisa é imprescindível, pois é fonte de conhecimento e legitimação da interrelação entre o social e o individual que se articulam no sujeito em sua dimensão subjetiva e expressam-se no curso de sua ação de forma que geram inteligibilidade ao pesquisador por meio de instrumentos que provoquem essa expressão.

✓ Compreensão da pesquisa como um processo dialógico, a relação pesquisador-pesquisado é um sistema comunicativo de caráter interativo no qual estes sujeitos envolvem-se emocionalmente no curso da pesquisa:

A comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem. Por intermédio da comunicação, não conhecemos apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados nesse processo, estamos tentando conhecer outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 13 e 14)

Esse outro nível apontado pelo autor denomina-se subjetividade, o qual não se expressa de maneira dada, imediata e explícita, mas que é tecido por meio de indicadores, em espaços dialógicos que vão sendo construídos e interpretados por meio da tensão e conflito encontrados no percurso empírico que se entrelaçam à produção teórica do pesquisador onde:

A pessoa que participa da pesquisa não se expressará por causa da pressão de uma exigência instrumental externa a ela, mas por causa de uma necessidade pessoal que se desenvolverá, crescentemente, no próprio espaço de pesquisa, por meio dos diferentes sistemas de relação constituídos nesse processo. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 15)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

5.2. O CENÁRIO DE PESQUISA – Uma metamorfose imprevisível

A criação do cenário de pesquisa é algo que vamos elaborando aos poucos, a princípio um processo bem imaginativo do “vir a ser” para aos poucos “constituir-se, tornar-se”. Interessante como o “antes” se transforma numa cadeia de sucessivas composições, onde organizamos o ato imaginativo do encontro, do confronto, dos acertos. O “depois”, a hora do convite, e o verdadeiro encontro se revelam em desconcertantes tomadas e retomadas, idas e vindas, construções e desconstruções, deliciosos desequilíbrios que nos refazem e que recriamos de certa forma o curso da pesquisa. O conflito entre a teoria e o momento empírico, que implica movimento:

Uma teoria tem um núcleo fundamental de inteligibilidade que se estende em espaços distintos de significação, os quais devem se modificar permanentemente em relação ao empírico, em um processo de reconstrução teórica que pode levar à própria modificação do núcleo fundamental da teoria. As teorias existem no pensamento e na reflexão dos pesquisadores, sem os quais uma teoria se transforma em um conjunto de categorias estáticas e naturalizadas que impede o contato com os problemas a serem pesquisados. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 31)

Quando González Rey aponta esse processo de “reconstrução teórica” no movimento com o momento empírico salientamos que aqui verdadeiramente desencadeia-se um fluxo fluido da mobilização do pensar do pesquisador, os conflitos teóricos, a tensão e a produção provocam uma constante criação e reflexão intelectual o que faz com que a teoria avance em suas categorias e mergulhe o pesquisador na procura, no refazer, na intencionalidade, na descoberta e nos desafios impostos nesse percurso.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

5.2.1. CENÁRIO 1 – A Equoterapia

Meu primeiro desafio era dar início à pesquisa. Como já conhecia parte do grupo, iniciei meu percurso fazendo visitas sem nenhuma pretensão. O cenário escolhido foi o Instituto Federal de Brasília (IFB) – Campus Planaltina, onde localiza-se o Centro de Equoterapia de Sobradinho e Planaltina, que eram ligados até então às Diretorias Regionais de Ensino (DRE'S) de Sobradinho e Planaltina. Atualmente encontra-se num processo de transição para a assinatura de convênio entre a SEEDF e o IFB, o que na verdade fará com que esse Centro deixe de ser responsabilidade das DRE'S e passe a ser de responsabilidade do IFB.

A minha chegada ao grupo foi em setembro de 2010. A aproximação se deu por meio de convite e apresentação da proposta de pesquisa através de um diálogo e exposição dos aspectos teóricos e metodológicos do que se propunha e abriu espaços para perguntas e dúvidas. A pesquisa foi bem aceita gerando acolhimento, questionamentos e interesse por parte do grupo. Dessa forma, antes de iniciar formalmente as idas e observações iniciei meu percurso abrindo espaços de aproximação e envolvimento com o grupo por meio de visitas no primeiro momento (out-nov/2010) para a compreensão da organização do grupo, da organização das ações, acompanhamento dos atendimentos e escolha do caso a ser estudado.

Em fevereiro de 2011, efetivamente comecei o acompanhamento ao grupo e a minha permanência passou a ser mais frequente. O ano letivo demorou a dar início, um misto de ansiedade e preocupação tomava conta do lugar. Houve uma mudança de prédio, o que ocasionaria melhores instalações ao grupo e às crianças, mas a mudança foi demorada e contou apenas com a força braçal da equipe. Todo esse processo acontecia simultaneamente com a organização das ações para o ano que iniciava. Assim, de fato, a equoterapia iniciou suas atividades, foi o momento de análise e expectativa para a escolha dos participantes.

Diante do perfil da pesquisa que buscava analisar crianças que se encontravam no programa de educação/reeducação encontrei uma turma que se encaixava no perfil, porém, uma das crianças estava iniciando e suas intervenções seriam um pouco diferenciadas daquelas que eu esperava. Nesse sentido, optei pelo acompanhamento sistemático de uma criança que já estava há mais tempo na equoterapia e inserida no programa, pois assim eu poderia ver essa ação de perspectiva pedagógica mais consistentemente.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A criança escolhida foi Miguel, de 9 anos, que frequentava o 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular e já estava há alguns anos na equoterapia e na mesma escola, o que oportunizaria entender como a equoterapia estaria ou não lhe ajudando a se organizar subjetivamente, impulsionando a sua aprendizagem e desenvolvimento e como esses processos compareceriam na escola ou não, assim como a possibilidade de investigar como a sua personalidade se configuraria nesses contextos.

5.2.2. CENÁRIO 2 – A escola

O segundo cenário dessa pesquisa é uma escola da Rede de Ensino Particular de Sobradinho/DF que atende a crianças desde o maternal ao 9º ano do Ensino Fundamental. Ressalto que como professora da Rede Pública de Ensino do DF não poderia deixar de trabalhar meus olhos marcados pelos preconceitos relativos ao ensino na rede particular.

O acolhimento da escola de Miguel não foi diferente do vivido no espaço equoterápico, pois ela também abriu suas portas generosamente. O primeiro momento foi com a diretora e a coordenadora onde fiz a apresentação do que seria a pesquisa, seus objetivos e implicações para a escola. Posteriormente tive um encontro com a professora que foi marcado por um longo diálogo, trocas de experiências e por fim fui apresentada à auxiliar que é responsável pelo acompanhamento de Miguel em sala de aula.

A partir desses diálogos marcamos quais seriam os dias em que estaríamos juntas, que seriam às segundas-feiras para as observações e intervenções e às sextas-feiras para as coordenações.

5.3 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA¹⁸

Miguel - Um anjo que pousou no curso da pesquisa

Miguel, a escolha desse nome foi proposital, pois ele foi como um anjo para mim. Algo dizia que essa escolha mudaria o rumo da minha jornada enquanto pesquisadora. Para pesquisá-lo foi necessário aprender a aprender, e foi com ele que os dias passaram a ser instigantes e desafiadores. Aprendi a “cutucar” pensamentos, a ser antagonista, a criar e recriar, a ver possibilidades quando as ausências e barreiras são mais visíveis, a fantasiar e a imaginar para me organizar subjetivamente e entender a realidade. Não foi fácil compreender sua organização peculiar, como não é fácil entender a multiplicidade de pensamentos peculiares, são caminhos isotrópicos que nos forçam a encontrar quais as energias geradas para mobilizar essas estruturas psíquicas e como a emocionalidade movimenta tudo isso o que González Rey (2011c) notavelmente aponta:

O que precisa ser enfatizado é a natureza subjetiva e não operacional desse mecanismo, para o qual temos de dispor de categorias que, como o sentido subjetivo e a configuração subjetiva, permitam resgatar o caráter gerador do emocional no curso da ação do sujeito (p. 54).

Ele foi o René, o Jesuíno Cangaceiro, o Zóio Furado, o Abner, o Vinícius, dentre tantas personagens novelísticas... Não poderia deixar de apresentá-lo na forma mais pura em que o conheci, nas tramas e dramas, destarte a “Roda de história” foi um instrumento ímpar para a apresentação de Miguel sendo indispensável a sua utilização nesse espaço de caracterização do sujeito.

Seu nascimento também daria um belo roteiro para uma trama novelística, ele seria um personagem indescritível, não saberíamos ao certo se antagonico, coadjuvante ou protagonista como sempre gostou de livremente fazer suas escolhas de acordo com os acontecimentos vorazes que os atos e fatos impõem.

Miguel, é uma criança de 9 anos implicada pela síndrome de *down*, uma anomalia, um defeito genético ocasionado pela presença de um cromossomo 21 extra total ou parcialmente e como bem traduz Tunes (2006), diferentemente das literaturas deterministas acerca do assunto, “Todavia, tal defeito não implica, necessariamente, o desenvolvimento de uma

¹⁸ Todos os sujeitos participantes desta pesquisa tiveram sua identidade preservada por meio do uso de nomes fictícios.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

deficiência. Apesar de se afigurar como uma dificuldade ou uma barreira para o processo de desenvolvimento comum à maioria das pessoas, ela não é intransponível ou incontornável (p. 11)”.

Não desconsiderando os aspectos conceituais da anomalia e nem querendo dar por “batido” o assunto, mas o que me chamou a atenção ao apresentar o sujeito foram os impactos do que é a síndrome de *down* antes e depois do nascimento. Ela é um processo histórico de mudanças impactantes na família, de produções de sentidos subjetivos, configurações subjetivas, de enfrentamentos e aprendizagens.

Quando Miguel foi concebido, algo soprou fortemente no ouvido de seu pai que ele seria uma criança especial: *“No dia em que fui buscar o exame dela (da mãe) no laboratório Santa Cruz eu vi um downzinho subindo do outro lado da rua”. Alguém falou no meu ouvido “seu filho vai ser daquele jeito”*. Sua intuição o marcou durante os nove meses de gestação de sua mulher e essa inquietação já apontava as angústias que travaria consigo mesmo em busca de perguntas para o entendimento e aceitação da nova situação.

Seu nascimento foi marcado pelo distanciamento momentâneo do pai, não da figura de Miguel, mas da situação que necessitava de entendimento e aceitação. A mãe relata que a “ficha” não caiu de imediato: *“Fiquei em contato com ele 15 dias e não percebi, não sei se você não quer ver... Para mim foi muito difícil, o mundo caiu na minha cabeça. Eu não acreditava, não é verdade, não pode ser”*. Foram longos dias para de fato saber da real existência da síndrome e o contato com a realidade a fez querer isolar-se de tudo e de todos naquela pequena cidade em que as notícias corriam: *“Meu Deus, vou esconder isso de todo mundo, não quero que ninguém fique sabendo disso, até isso eu pensei no primeiro momento.”*

O nascimento marca a fase de isolamento e impacto da família diante do inesperado, a procura por informações e entendimento, no início a síndrome era um emaranhado de desentendimento: *“Se alguém perguntasse o quê que era a síndrome de down eu não ia falar nada, a gente não conseguia falar síndrome de down, a gente não conseguia falar a palavra parece que deu um bloqueio, eu não conseguia falar”*. O contato com a literatura trouxe medo e sofrimento, mas grandes transformações e aceitação do enfrentamento para nova organização da convivência com Miguel.

Miguel foi a ponte para a condução de uma nova parceria entre seu pai e sua mãe, o impacto gerou força para lidar com suas possibilidades de desenvolvimento e a busca pela

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

descoberta de atendimentos que o fizessem integralmente. Aos 3 anos passou a frequentar a escola regular e foi encaminhado para a equoterapia.

Por mais que exista essa busca por um desenvolvimento integral do sujeito Miguel, a preocupação maior dessa família chama-se “escola”, é nessa instituição que os enfrentamentos tem sido maiores, que a ideia apenas de socialização dessa criança permanece arraigada: *“O que mais me machuca é a escola, essa coisa de que “Ah, tá aqui pra passar tempo””*. (Pai de Miguel)

Hoje além da equoterapia e da escola Miguel ainda recebe acompanhamento fonoaudiológico, psicoterapêutico, possui uma auxiliar em sala de aula paga pela família e atendimento psicológico que também orienta a escola na medida do possível.

Se no início a síndrome de *down* é um impacto doloroso ao longo do processo de enfrentamento ela desdobra-se em desenvolvimento de novos posicionamentos da família: *“Acho que se eu tivesse o conhecimento que eu tenho hoje, o entendimento que eu tenho hoje eu acho que eu não teria, eu acho não, eu não teria sofrido como eu sofri.”*

E Miguel em cada personagem que encarna revela um pouco o retrato do que aprendeu a enfrentar junto a família, é antagonista, protagonista e quando necessário coloca-se no papel secundário e fica à espreita esperando o momento certo de dar o show. Como sua mãe diz:

O Miguel é uma criança maravilhosa, pra gente é tudo de bom, é uma criança alegre, é uma criança feliz, então assim, nada pra ele tá ruim, né? Cê sai com ele tudo tá bom, né? Ele tá feliz, alegre, satisfeito com tudo, conversa com todo mundo, não tem ninguém estranho pra ele, aonde ele vai passando ele vai cumprimentando as pessoas, acho assim que é uma criança maravilhosa, é um filho maravilhoso, muito carinhoso, sabe? Não tenho nem palavras para definir. (Mãe de Miguel)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Gabriel, Joice e Anita

Gabriel, Anita e Joice são professores do Ensino Fundamental, trabalham em escolas diferenciadas, em redes diferenciadas.

Gabriel trabalha 40 horas na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal é formado em letras e direito, atua com atividades e é o equitador da equipe de equoterapia. Atende Miguel no programa de educação/reeducação uma vez por semana.

Joice é formada em pedagogia e trabalha na Rede Particular de Ensino, pela manhã na escola em que a pesquisa foi realizada e não é efetiva do quadro de professores, apenas fica a cargo do acompanhamento de Miguel em sala de aula de segunda à sexta-feira e é paga por seus pais. Pela tarde trabalha em outra escola na Educação Infantil com crianças de 5 anos.

Anita é a professora regente de Miguel, é pedagoga e atua com as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Outros Participantes

Participaram também desta pesquisa oito integrantes do grupo equoterápico do Centro de Equoterapia de Sobradinho (IFB) dentre eles: educadores físicos, fisioterapeuta, psicopedagogo e pedagogos. Assim como também os pais de Miguel que foram solícitos em compartilhar a sua história.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

5.4. O ESTUDO DE CASO – Uma escolha acertada

Toda pesquisa envolve tomada de decisão, embora haja dois espaços profícuos a serem pesquisados como a escola e a equoterapia imbuídos de pessoas, a escolha por Miguel, unidade indissociável do todo, me faz crer que essa opção foi acertada. Para Goldenberg (2004):

O pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas, e, também, para reorientar seu estudo. É muito frequente que surjam novos problemas que não foram previstos no início da pesquisa e que se tornam mais relevantes do que as questões iniciais. (p.35)

A opção pelo estudo de caso foi feita pela possibilidade que esse tipo de estudo possui de gerar inteligibilidade sobre a diversidade do singular em uma perspectiva epistemológica e metodológica na qual a eleição da subjetividade permita a representação do subjetivo como uma produção qualitativa diferenciada em que a organização sistêmica do sujeito em seus contextos de atuação seja percebida em seus aspectos subjetivos, históricos, culturais e sociais como direcionadores para a construção das informações geradas no campo empírico.

5.5. OS INSTRUMENTOS

Outro ponto a ser destacado, é a escolha dos instrumentos para essa linha de pesquisa, pois estes se definem por “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.42). Nesse sentido, os instrumentos estabelecem uma relação dialógica entre pesquisador-pesquisado, abrem um espaço interativo que implicam não somente o “dito”, mas o que subjaz a expressão do sujeito e que possibilita ao pesquisador mergulhar em hipóteses que sejam relevantes para a pesquisa.

Pesquisador e pesquisado são protagonistas da pesquisa, não existe um espaço demarcado de sujeição a instrumentos e a respostas padrões, mas a processos qualitativos, em que a expressão do sujeito não segue uma relação linear de causa e efeito, mas uma produção singular carregada de sentidos (GONZÁLEZ REY, 2005a).

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Portanto, a escolha dos procedimentos metodológicos visa permitir aos sujeitos colaboradores da pesquisa transitar por diferentes vias de produção de sentidos subjetivos. Diante de algumas necessidades e especificidades surgidas na pesquisa para melhor organização, produção dos dados e construção das informações, houve uma divisão dos instrumentos de acordo com os sujeitos pesquisados.

A separação se deu da seguinte forma: alguns instrumentos foram utilizados apenas com o grupo (todas as pessoas da equoterapia), outros foram usados apenas com a auxiliar e a professora da escola de Miguel, outros foram escolhidos apenas para o grupo de atendimento do sujeito de pesquisa na equoterapia (o auxiliar lateral e o mediador) e por último apenas para a família.

A tabela abaixo especifica os instrumentos e a quem eles se destinam:

Grupo da Equoterapia	Professora e Auxiliar	Equipe de Atendimento	Família
-Dinâmica conversacional; -Momento reflexivo.	-Dinâmica conversacional; -Complemento de frases; -Questionário aberto.	-Dinâmica conversacional; -Questionário aberto.	-Roda de história.

1. **Dinâmica conversacional**: Aproximar o participante do objeto da pesquisa e colher suas impressões para interpretá-las, é essencial para conflitar e repensar aspectos epistemológicos.

A conversação é um processo ativo que se trava entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados e que deve ser acompanhado, com iniciativa e criatividade, pelo pesquisador, que deve ter paciência e empregar diversos recursos com as pessoas que apresentam dificuldade em envolver-se. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.47)

Ampliar as oportunidades de estar construindo espaços relacionais dialógicos não somente dentro do cenário de pesquisa, mas em outros contextos que favoreçam a proximidade com os sujeitos pesquisados propiciando-os novas expressões que extrapolem a rigidez e formalização que por vezes o cenário impõe, acreditamos que seja um dos pontos favorecedores da escolha da dinâmica conversacional nesta pesquisa. A sugestão de uma caminhada, de um encontro em outros ares, bem como outros recursos que instiguem o envolvimento e a espontaneidade da pessoa são aspectos que se somam aos objetivos.

2. **Complemento de frases**: É salutar instigar a espontaneidade acerca da proposta de pesquisa, este instrumento facilita a percepção da subjetividade. Vale ainda destacar, que de acordo com González Rey:

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O completamento de frases é um instrumento que nos apresenta indutores curtos a ser preenchidos pela pessoa que o responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.57)

O caráter aberto do instrumento suscita no sujeito a expressão espontânea de uma multiplicidade de questões que se entrelaçam ao foco da pesquisa possibilitando-o ir e vir num movimento fluido e complexo de produção de sentidos subjetivos que estão muito além de seu controle consciente (GONZÁLEZ REY, 2005a). E este é o objetivo da utilização do complemento de frases, mergulhar no implícito, trazer à tona as expressões que subjazem o dito para a compreensão daquilo que causa tensão e conflito nos contextos de atuação da pessoa.

3. **Questionário aberto:** Busca elementos precisos, sólidos e não-padronizados para a pesquisa, perpassa por sentimentos ao mesmo tempo comuns e peculiares através de perguntas significativas e “permite a expressão do sujeito em trechos de informação que são objetos do trabalho interpretativo do pesquisador.” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.52). E essa interpretação é fonte comunicativa, dialógica e relacional que exige do pesquisador uma postura de entendimento do outro enquanto sujeito que concebe o mundo por uma ótica peculiar complexa, histórica, social e cultural.

Desta forma, essa ótica se expressa por palavras e ações que dialogam com os instrumentos que merece ser “ouvida” e ampliada por meio da retirada de dúvidas, da boa conversa que sucede a leitura do instrumento e o questionário aberto visa a integração dessa tríade: instrumento, participante e pesquisador e seus contornos para a construção da informação.

4. **Diário de campo:** Registrar as informações surgidas no curso da pesquisa inserindo as impressões que se manifestam implicitamente por meio da fala e de outras expressões que ressoam nos contextos em que as situações irrompem são relevantes ao pesquisador, as suas reflexões teóricas que se entrelaçam à sua produção intelectual, como aponta González Rey:

Uma das características epistemológicas que atribuímos à pesquisa qualitativa é a sua natureza teórica; o que não implica um divórcio com o empírico, mas se assinala como via de produção de conhecimento em que o lugar da teoria é momento central. Esse lugar da teoria não se define por seu uso como marco supra-individual rígido, que se opõe às novas ideias e conceitos empíricos, mas se entende como teoria articulada e conduzida ativamente pelo pesquisador, que representa um momento vivo por meio de sua produção intelectual. (2005b, p.59)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nesse sentido, o diário de bordo visa abrir um espaço de articulação entre as situações surgidas no momento empírico e a produção de conhecimento do pesquisador como fonte de reflexão teórica na tessitura da construção da informação.

5. **Observação participante**: Triviños (2009, p.153) aponta que “‘Observar’ naturalmente não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.)”. Acreditamos que a observação não desconsidere o caráter tanto objetivo, quanto subjetivo do fenômeno que se observam na produção do conhecimento, estes estão imbricados à produção emocional e simbólica de quem observa e que se entrelaça aos aspectos individuais, sociais e culturais do contexto ao qual o observador esteja inserido. É salutar que nesta técnica o pesquisador esteja em um contato mais direto com a realidade, o que é um ponto de partida da investigação social (LAKATOS, 2010, p.174). Nesta perspectiva, o planejamento sistemático da ação e o registro são imprescindíveis, bem como a formulação de um plano de pesquisa para a cientificidade da observação. A modalidade de observação que trazemos é a observação participante que “Consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (LAKATOS, 2010, p.177).

É importante salientar que a observação foi utilizada no espaço da equoterapia e da sala de aula e estarão vinculadas aos registros no diário de bordo das impressões, percepções e da teia complexa que movimentava esses dois espaços de atuação. Destarte, ressaltamos que na equoterapia o movimento da observação perpassa o atendimento da criança pesquisada e as coordenações da equipe de atendimento, quanto à sala de aula a dinâmica é conduzida por meio de observação em sala de aula, encontros com a professora e auxiliar, observação das atividades extras e acompanhamento das reuniões com a psicóloga, quando estas ocorrem.

6. **Momento reflexivo**: o momento reflexivo surge da necessidade de implicar-se no movimento da prática equoterápica, de entender como as concepções engendram e dão a tônica a esse trabalho. Dessa forma esse instrumento visa analisar as inquietações surgidas no curso da pesquisa nas falas, em outros instrumentos, nas conversas formais e informais e se desdobra em um momento de discussão, reflexão, um diálogo travado em grupo com desabafos, questões de ordem teórica e prática que aquecem, provocam e instigam uma boa conversa.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

7. **Roda de história**: é um instrumento que visa criar um espaço de abertura com a família da criança pesquisada, propõe a construção da sua história de vida, o roteiro é construído por seus atores que elencam os momentos relevantes desse percurso trazendo à tona indutores que permitam a compreensão da constituição histórica, social e cultural desse sujeito e a imersão deste no contexto escolar, os confrontos, os conflitos e tensões implicados pelas produções de sentidos subjetivos experimentadas pela deficiência e como o espaço equoterápico por meio de suas ações terapêuticas promove e provoca a possibilidade ou não de gerar alternativas que corroborem no seu desenvolvimento subjetivo impulsionando a sua aprendizagem e a configuração de sua personalidade de forma saudável.

Os instrumentos que se seguem foram selecionados pensando em facilitar a expressão da criança pesquisada em vista da sua imensa espontaneidade, idade e possibilidades de interação e aproximação com os mesmos. Outra questão que merece destaque e que já foi assinalada anteriormente é a dinâmica conversacional que também foi utilizada como instrumento facilitador de espaços relacionais dialógicos que possibilitaram o ir e vir sobre os instrumentos abaixo selecionados:

1. **Massinha “A composição do personagem de uma novela real”**: Miguel é uma criança que se utiliza da novela para conectar-se à realidade, insere-se no mundo da imaginação e fantasia para dar cor e magia ao que chamamos de realidade. Adentrar o seu mundo e entender como tece e significa a forma como se vê diante de si e do outro é um elemento imprescindível à pesquisa. Nos inúmeros contatos era visível a forma como se entrelaçava a cada uma das personagens assistidas em novelas, nelas encontrava um pouco de si, efervescia a sua essência e trazia à tona os matizes de como entendia e desvelava as coisas. A massinha possibilita a criação, a modelagem de um mundo próprio, com cores e formas de entendimento peculiares que vão surgindo e ganhando vida e é exatamente esse ganhar vida o objetivo desse instrumento. Propor a massinha ao Miguel é desvendar esse personagem, desatar os nós e fazer emergir quem é esse ator, é mais que possibilitar uma pura descrição, é construir, dar significado, dar sentido, mergulhar na condição de ser sujeito. Portanto o que se propõe é que escolhamos a novela, sejamos o personagem, nos encontremos nele e façamos nossa história pontuando desejos, angústias, amores, impondo e desmistificando os nossos sentimentos.

2. **A sala de aula como ela é**: o título do instrumento faz uma aproximação com as crônicas intituladas por Nelson Rodrigues de “A vida como ela é”. A intenção é dar

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

relevância aos aspectos cotidianos vividos em sala de aula, por isto o trocadilho com a obra em questão.

“A sala de aula como ela é” é um instrumento que visa mergulhar na organização do contexto social da sala de aula buscando no desenrolar de algumas atividades propostas analisar as expressões da criança pesquisada em sua forma fluida e espontânea, bem como nos seus momentos de conexão de pensamento com o auxiliar, professor, pesquisador e colegas. É uma forma de entender seus caminhos no percurso da aprendizagem e do desenvolvimento procurando construir e interpretar por meio do levantamento de hipóteses suas produções de sentidos subjetivos peculiares e como estas organizam-se e configuram-se subjetivamente em dados contextos de sua atuação como sujeito concreto provocando e promovendo ou não que este torne-se sujeito de sua aprendizagem.

A ideia é que as atividades corroborem à produção de sentidos subjetivos que permitam ao pesquisador entender as tramas tecidas no universo da sala de aula. O presente instrumento surge através do diálogo com a professora da turma na intenção de alavancar a pesquisa e entender como se articulam dois espaços distintos: a equoterapia e a escola.

A proposta busca inserir-se no contexto da escola e de suas atividades, engendrando-se em sua organização pedagógica. O diferencial é que procura, como instrumento, abrir espaços de diálogo, expressões e possibilidades de atuação do sujeito no seu contexto, com seu grupo, analisando a qualidade de suas relações, seu espaço de comunicação e ação, seu momento atual no encontro com suas experiências passadas que estão vivas e presentes movimentando-o e configurando sua personalidade por meio de suas produções subjetivas.

Desta forma, esse instrumento favorece ao nosso sujeito expressar-se oral, escrita e corporalmente, expressões estas que somados a atividades como o teatro dão cor e vivacidade aos capítulos da novela que lançamos ao ar, e nessa trama complexa damos vida a um sujeito que a cada um dos capítulos pode nos surpreender, pois ele é imprevisível e por sua subjetividade ser um sistema em constante transformação, não temos sinopses para dar conta da intensa e deliciosa teia com a qual possamos nos deparar.

3. **Desenho:** Propor o desenho como instrumento de pesquisa para crianças favorece-nos provocar outras formas de expressões do sujeito que favoreçam a emersão de aspectos simbólicos e emocionais precedentes de outras experiências vividas que se manifestam em forma de produção de sentidos subjetivos:

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O significado dos indicadores propiciados pelos instrumentos não se define pela análise da resposta abstrata, mas pelo que ela significa no conjunto de elementos de sentido expressos pelo sujeito no instrumento e na situação de sua aplicação, em que exigem especial pertinência as conversações com o pesquisador. Esse é outro elemento que reafirma a natureza interativa dos instrumentos na pesquisa psicológica, o que os separa radicalmente do caráter objetivo de sua aplicação, defendido pelos enfoques positivistas. (GONZÁLEZ REY, 2005b, p. 93)

Ou seja, a utilização do desenho não se dá de forma a encaixar os indutores em valores universais de maneira a atribuir resultados que formatem um tipo de personalidade, mas são elementos que servem como indicadores para a construção de informações que vão corroborar para o entendimento do caráter subjetivo do desenvolvimento humano e seus desdobramentos no curso de suas ações. Outra questão é possibilitar que o desenho seja uma via interativa que abra espaços de comunicação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, portanto, não somente o desenho livre, mas também aquele em que seja proposto um tema gerador. São caminhos para se acompanhar, observar e buscar elementos que enriqueçam a pesquisa.

4. **Teatro:** De acordo com González Rey (2005a) o uso de instrumentos que não se apoiam na palavra escrita, mas na oralidade possuem uma riqueza como modelo da vida real facilitando o envolvimento do sujeito pesquisado em nível subjetivo. Explicita ainda que estes instrumentos operam de forma interativa e que possibilitam o enfrentamento de situações-problema onde as crianças são convidadas a tomarem decisões, retirarem dúvidas e a fazerem reflexões favorecendo suas expressões mais espontâneas e o envolvimento, sendo um momento privilegiado para a produção de sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2005a). Nesse sentido, a escolha desse instrumento oportuniza ao sujeito pesquisado a expressão no trânsito em que articule suas percepções reais com o mundo da imaginação, da fantasia.

Para que possamos dar maior visibilidade aos instrumentos que serão utilizados com a criança pesquisada utilizamos um quadro em que especificamos pontualmente cada instrumento e seu devido objetivo:

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

INSTRUMENTOS A SEREM UTILIZADOS COM A CRIANÇA PESQUISADA	
INSTRUMENTOS	OBJETIVOS
✓ Massinha: escolha das novelas que mais agradam ao participante da pesquisa, composição dos personagens e criação ou recriação do enredo.	Promover situações comunicativas que gerem a espontaneidade, a criação, imaginação e a fantasia para alcançar a confiança da criança pesquisada para elencar questões que perpassem sua vida familiar, escolar e pessoal, buscando compreender os recursos subjetivos encontrados para lidar com as situações que vivencia.
✓ Desenho: livres e com temas geradores	Promover a abertura de um espaço relacional dialógico em que o desenho seja um indicador de elementos inconscientes que se manifestam na expressão da criança por meio de sentidos subjetivos diversos que serão tecidos no diálogo com o pesquisador.
✓ Teatro: dramatização de cenas de novela em consonância com os aspectos trabalhados em sala de aula.	Criar situações-problemas que estejam em sintonia com os contextos experimentados em sala de aula pela criança pesquisada por meio da inserção da novela buscando entender o percurso de seus pensamentos e as possíveis sintonias para o caminho da intervenção.
✓ A sala de aula como ela é: análise da organização do contexto social da sala de aula.	Captar a criança em suas expressões espontâneas na sala de aula analisando a qualidade das relações estabelecidas com o grupo no desenvolvimento de suas atividades.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

6. CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

6.1. O ESPAÇO DA EQUOTERAPIA E O ESPAÇO DA ESCOLA: FORMAS DE ATENDIMENTO E POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO DO SUJEITO – ALGUNS ENTENDIMENTOS NECESSÁRIOS

Quando Freire (2001) aborda a transformação do homem a partir da experimentação do mundo entendo que iniciar essa construção valida as minhas próprias experiências enquanto pesquisadora nesse processo, a pesquisa é uma experimentação conjunta, um movimento transformador em que todos não “são”, mas estão “sendo” transformados. Além disso, é imprescindível ressaltar que a emergência dos indicadores no processo vivo de construção de hipóteses do pesquisador, onde suas ideias tem um papel essencial na conversão dos resultados empíricos em significados, vão permiti-lo gerar inteligibilidade sobre a informação.

A pesquisa é uma experiência transformadora para o pesquisador. Ele se transforma nos momentos de confronto e tensão desfazendo as suas verdades e se colocando como um aprendiz em constante movimento. A teoria e a prática vão sendo desmistificadas e ganhando novos contornos por meio de sua produção intelectual em busca de gerar inteligibilidade sobre o que se estuda. E foi exatamente assim que me senti nesse percurso, transformada, inacabada e cheia de desafios pela frente que me instigavam a criar, imaginar e a fantasiar cada passo dado.

Toda trama precisa de um começo, de um fio condutor que possa conduzir o enredo. Era necessário entender como a subjetividade social de um grupo pode marcar a subjetividade individual, ou se a pessoa cria autonomia e se desvincula dessa força maior, não que ela não o constitua. Em instituições sociais como a escola e a equoterapia em que se forma um trabalho coletivo poderia dizer que a subjetividade social funciona como um mosaico em que o sujeito quando se desprende causa certo impacto quando há certo engendramento e conexão das peças.

Portanto, compreender quais as concepções marcam as práticas pedagógicas, direcionam os fazeres e permeiam o entendimento do grupo acerca do que seja aprendizagem e desenvolvimento, sujeito, deficiência, intervenção, equoterapia/educação dentre outros aspectos relevantes era o ponto alavancador da pesquisa para a compreensão do movimento de Miguel nesses dois espaços e da configuração de sua personalidade e atuação como sujeito.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A tabela abaixo mostra como o Diário de bordo é um exercício diário de observação e registro e como constitui um ponto fundamental na organização dos objetivos dessa lógica configuracional, ele é um marcador do processo vivo, impõe o registro como uma conexão do pesquisador com os indicadores que emergem e transpõe esses resultados acrescidos de significados da pesquisa marcando o desenvolvimento da construção das informações. Desse modo é um espelho do percurso do pesquisador e favorece o entendimento da densa jornada de adentramento no campo empírico e da forma como este também vai se organizando subjetivamente e imprimindo sua condição de ser sujeito e produtor intelectual no contrastante fluxo de conflito entre o teórico e o empírico.

EQUOTERAPIA	
DATA	OBJETIVOS
22/09/10	✓ Propor ao grupo da equoterapia por meio de um convite ao diálogo a pesquisa em questão;
OUT/NOV-2010	✓ Visitar o campo empírico como forma de aproximação e envolvimento com o grupo;
14 a 28/02/11	✓ Compreender a dinâmica de organização da equipe e todo o movimento antecedente à chegada das crianças: discussões, planejamentos, tabelas de atendimento, estudos de caso;
02 a 18/03/11	✓ Acompanhar a mudança de prédio da equoterapia analisando as expressões dos sujeitos, os preparativos para o retorno, os sentimentos envolvidos no processo vivenciado;
21,24, 28 e 31/03/11	✓ Analisar o segundo programa (educação reeducação) em busca do sujeito a ser pesquisado, assim como as expressões das crianças vivenciadas no atendimento e as primeiras impressões de como ocorre a intervenção;
4, 6, 18,20 e 25/04/11	✓ Compreender como se dá a organização das coordenações pedagógicas e de sua implicação no trabalho interventivo do atendimento do terapeuta; ✓ Acompanhar e analisar o possível sujeito a ser pesquisado;
9, 16,26 e 30/05/11	✓ Observar o sujeito e as ações da equipe de atendimento; ✓ Propor a toda equipe equoterápica o desenvolvimento de dois momentos reflexivos no intuito de dialogar sobre a interface da equoterapia com a educação;
6,8,13,15,20 e 7/06/11	✓ Observar e intervir em alguns pontos da intervenção das ações da equipe com a devida permissão do grupo envolvido; ✓ Dialogar com a equipe por meio do primeiro momento reflexivo;
8, 22 e 29/08/11	✓ Observar e intervir no contexto do atendimento da criança pesquisada; ✓ Destacar pontos interventivos teórico-práticos junto ao terapeuta da criança atendida;
5, 12,14,19 e 26/09/11	✓ Planejar e intervir no atendimento equoterápico com a criança pesquisada e o grupo que a acompanha; ✓ Dialogar com toda a equipe por meio do segundo momento reflexivo.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

6.1.1. EQUOTERAPIA – O momento reflexivo como canal dialógico e escuta sensível do grupo

O momento reflexivo surge como resultante dos exercícios feitos para o entendimento dos questionários abertos, dos momentos de observação e de participação junto ao grupo. Muitas questões me inquietaram, as expressões de certa forma chegavam a um ponto comum, havia uma intersecção, eram pessoas que se afinavam nas respostas, talvez não devesse ser algo surpreendente, mas tudo isso parecia sair um pouco do lugar comum (e de certa forma eu estava no espaço da equoterapia) e dialogar sobre isso seria analisar como a subjetividade social desse grupo é organizada e como é constituinte da subjetividade individual, não como uma relação imediata, mas como dois momentos que possuem independência relativa, que estão em contradição e tensão e que se configuram um no outro de forma recíproca (GONZÁLEZ REY, 2011a), sendo alavancador das intervenções nos atendimentos equoterápicos ou não.

A partir do questionário aberto, levantei inicialmente os motivos que moviam essas pessoas a trabalharem com a equoterapia, saber o que as levava a sair das estruturas clássicas da escola convencional para lidar com um trabalho embaixo de sol forte, que exige o esforço braçal, o trato com animal e o conhecimento acerca de crianças com necessidades educacionais especiais em um ambiente rural me gerava dúvida. Foram levantadas questões interessantes:

Professor Darci: *“Atendimento em rede; Utilização do animal como implemento didático/pedagógico; Espaço natural como causador do prazer”.*

Professor Joel: *“Estar cansado de trabalhar com os supostamente normais, Afinidade com animais; Ambiente rural e inclusão”.*

Professora Flora: *“Uma experiência nova no atendimento aos alunos do Ensino Especial”.*

Professor Gabriel: *“O trabalho com pessoas com deficiência é uma experiência que enriquece meu viver, aprendo muito com eles e também com os cavalos que são os verdadeiros terapeutas. Um segundo motivo refere-se a realização e atingimento dos objetivos propostos aos praticantes de forma rápida e eficaz”.*

Professora Diva: *“A diversidade de modalidades de atendimento. A possibilidade de visualizar os resultados após aplicação dos métodos de atendimento. O contexto ambiental o qual a equoterapia está inserida entre outros”.*

Essas expressões aparecem como verdadeiros sistemas motivacionais que são as bases de expressão da pessoa, portanto elas podem nos indicar por onde caminham esses motivos e como estes são provocadores da busca pela realização de uma atividade que gere prazer e novas experiências.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Podemos também inferir que lidar com o “*espaço natural*” e “*estar cansado de trabalhar com os supostamente normais*” sejam questões que se desdobrem entre o prazer do encontro do “dito” lugar ideal de trabalho e da saída da escola clássica, da sala de aula abarrotada com alunos “*supostamente normais*”, ou seja, com seus comportamentos previsíveis: a indisciplina. São expressões simbólicas e emocionais que carregam mais que registros atuais, mas um percurso histórico dos pesquisados que costumeiramente ouvimos nas queixas dessa categoria relacionadas à frustração em lidar com o desrespeito dos alunos.

As expressões podem revelar que essa “*experiência nova*” e o “*contexto ambiental*” relatados seja uma forma de sair do modelo desgastante da escola formal abarrotada de alunos dentro de uma sala de aula que muitas vezes ocasionaria a falta de prazer de alunos e professores e alcançar um espaço propiciador de liberdade fora das quatro paredes em que o uso do cavalo seja algo relativamente novo em relação ao que se é convencional. Podemos hipotetizar que a oportunidade de um atendimento individualizado propiciador de se chegar a um objetivo de forma “*rápida e eficaz*”, pudesse ser um elemento que gerasse menos frustrações a esses professores.

A descrição do grupo no qual a equipe está envolvida evidencia a parceria e o envolvimento no direcionamento das ações equoterápicas e como diz González Rey (2011a) é uma forma de entender como a subjetividade social aparece configurada nas pessoas desse espaço, nos processos e nas formas de organização, pois ela toma sentidos subjetivos diferentes em cada um:

Professora Flora: “*O grupo está sempre atento a toda estrutura que proporciona o atendimento equoterápico é flexível e muito comprometido*”.

Professor Gabriel: “*Somos um grupo com algumas dificuldades no que se refere ao funcionamento. Pois, além do atendimento dos alunos, dividimos muitas outras funções. Temos cada dia nos superado, melhorando consideravelmente nossas ações. Aguardamos uma melhor estrutura a fim de desafogar o grupo de tantas atribuições para que possamos nos dedicar mais aos estudos, pesquisa e ao atendimento em si*”.

Professora Diva: “*Considerando as dificuldades administrativas, de espaço físico e outras, insisto que essa equipe é aguerrida, dinâmica, que põe a mão na massa com o objetivo de ver o barco andar. Não se deixa quedar com as dificuldades. Toda essa vontade de ver a Equoterapia acontecer tem como objetivo em primeiro lugar no nosso praticante de Equoterapia*”.

Professor Joel: “*Um grupo que possui divergências e que embora nem sempre as questões idiossincráticas sejam respeitadas, no final, o objetivo maior é alcançado*”.

Professor Darci: “*Comprometido com os ideais da educação, com nível técnico-científico em desenvolvimento*”.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Os momentos de observação foram fontes de encontro com esses registros, o pesquisador também é parte significativa nessa tessitura de informações, lembro-me de uma passagem que marca bem essas palavras imbuídas de sentimentos de enfrentamento, de dificuldades e comprometimento do grupo no Diário de bordo:

“[...] Percebo o quanto essas pessoas são obstinadas e persistentes, apesar do convênio entre a SEEDF e IFB não ter saído e pela espera por anos, o fato de serem os responsáveis por anos por tudo no espaço (até a limpeza, a alimentação dos cavalos no final de semana e férias, dentre outros afazeres que fogem as suas verdadeiras funções) eles não perdem de vista a preocupação constante com a qualidade do trabalho” (Diário de campo, 28/02/11).

É interessante assinalar que o prazer a que se referem anteriormente parece ser um fator de impulsão ao enfrentamento das dificuldades que afirmam encontrar no espaço das atividades concretas, parece ser um indicador de sentidos subjetivos que se organizam e se configuram subjetivamente em um grupo dinâmico, ativo.

Embora haja divergências, e a fala do Professor Joel traz esse ponto, assim como constatei na observação, esse é um aspecto da expressão dos sujeitos concretos, assim como a convergência, e são condições do desenvolvimento humano dentro das atividades concretas que realizam. Desconfiemos das relações sempre tão harmônicas!

Vejamos que a ajuda mútua, o sentimento de compromisso, mesmo em detrimento da carga assumida com outras funções produzem no grupo sentidos subjetivos que expressam momentos de angústia diante da situação, mas que não os paralisam, pelo contrário configuram-se subjetivamente em um coletivo forte, determinado.

Essas produções simbólico-emocionais sobre o que é ser grupo revelam a subjetividade social expressa em valores e crenças históricas naturalizadas nos registros trazidos pelos professores e que contraditoriamente na prática desvelam as tensões e contraditoriedades de uma subjetividade individual que se refaz, mas que não desfaz a configuração subjetiva do grupo em sua dinamicidade e unicidade.

Por conseguinte levantar quais os fatores relevantes para o desenvolvimento de um bom trabalho possibilitaria fazer com que o grupo elencasse fatores que julgassem necessários para o desempenho do trabalho desenvolvido e era outra forma de levantar mais informações para compreender a organização do trabalho pedagógico dessa equipe:

Professora Flora: *“Equipamento adequados e de boa qualidade, formação dos profissionais envolvidos no trabalho e investimentos financeiros na aquisição dos equipamentos, formação e estruturação em geral do centro equoterápico”.*

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Professor Gabriel: *“O trabalho em equipe bem elaborado reflete bastante em nossos objetivos para com nossos praticantes. A “multidisciplinariedade”, a troca de experiência são primordiais ao sucesso profissional da equipe”.*

Professor Darci: *“Empoderamento do maior número de informações possíveis; Identidade com a proposta de trabalho; Disponibilidade na avaliação, crítica ou mudança de procedimento no desenvolvimento do processo”.*

Professor Joel: *“Ambiente, recursos materiais, valorização profissional, incentivo, atualização profissional e amor ao que se faz”.*

Professora Diva: *“Em primeiro lugar comprometimento, re-conhecimento das dificuldades e inseguranças, sempre busca de conhecimentos significativos para nossa prática. Rompimento com preconceitos”.*

É interessante a forma como explicitam a necessidade de recursos materiais, a preocupação com investimentos financeiros no centro de equoterapia para a sua estruturação, mas a preocupação com a valorização do profissional por meio da formação é tão imprescindível quanto e se destaca nessas falas. Algumas das minhas anotações marcam bem essas preocupações do grupo:

“Percebi um interesse de alguns professores em entender o percurso acadêmico do mestrado, surgiram inquietações acerca da pesquisa muito interessantes, principalmente quanto à perspectiva subjetiva que a ancora”. (Diário de campo, 14/02/11)

“Interessante acompanhar essa dinâmica de organização do grupo, a mobilização para melhores condições de trabalho para crianças, cavalos e profissionais, ver que a preocupação perpassa por todos os atores do processo”. (Diário de campo, 15/02/11)

Essas questões trazidas indicam a compreensão da formação como possibilitadora de um pensar reflexivo e ativo que possam ser um diferencial no atendimento das crianças e no próprio desenvolvimento profissional. Embora também expressem as dificuldades em desenvolver um trabalho de qualidade sem os instrumentos que garantam um bom atendimento, percebe-se um envolvimento do coletivo para o engajamento em busca de melhores condições de trabalho. Esses trechos são indicadores de que a formação dessas pessoas é um importante elemento da configuração subjetiva do grupo e aparecem como um fator de mobilização da práxis, sua força motriz. Essas ideias são importantes para uma representação diferente da prática do professor na escola e parecem ser um dos elementos de integração do grupo em relação a seus objetivos profissionais.

A compreensão do trabalho equoterápico também foi um ponto relevante para se pensar em como o grupo está implicado pela qualidade das relações nesse espaço de trabalho e como essa qualidade como abertura ao diálogo, à participação e ao comprometimento do grupo são elementos que corroboram uma sintonia saudável que impulsiona esse grupo no desempenho e desenvolvimento de suas ações. Os trechos abaixo explicitam isso:

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Professor Joel: *“Uma ação multidisciplinar onde a soma de esforços é capaz de proporcionar qualidade de vida aos praticantes e a cada um de nós que também se beneficia com a transferência de energia tal qual feedback”.*

Professora Diva: *“É uma equipe inter/transdisciplinar que estudam e avaliam cada caso (praticante) facilitando assim possíveis substituições. É uma equipe bem articulada emocionalmente e demonstra bastante comprometimento com o trabalho”.*

Professor Gabriel: *“Trabalho com um grupo de profissionais excelentes, muito comprometido e com participação e empenho além do que é atribuído. Temos boas relações profissionais que vem sendo prejudicada pelas dificuldades que temos vivido no dia-a-dia motivada, principalmente pela falta de estrutura”.*

Professora Flora: *“O comprometimento do grupo é fundamental para o trabalho equoterápico funcionar, vejo que vai além das funções de cada profissional. O grupo está sempre sanando alguma falha do sistema (ex: reposição de equipamento)”.*

Professora Lúcia: *“Considero trabalhar com a equoterapia um ato heroico” (ou louco???) pois a falta de conhecimento sobre o método e vontade política por parte dos gestores, torna a equoterapia um desafio diário a ser enfrentado pelos profissionais envolvidos. Assim, somente com a participação efetiva, comprometimento do grupo e bom entrosamento este Programa pode permanecer e avançar”.*

A fala da Professora Lúcia marca bem o que seja a trabalhar com a equoterapia *“um ato heroico (ou louco???)”* e que este se constitui em um constante *“desafio diário”* para o grupo. Indubitavelmente as expressões dos colegas coadunam com a ideia de Lúcia, esse ato heroico ou louco indica a força que extravasa a vontade, ou seja, trabalhar com a equoterapia exige confrontar o sistema, corrigir suas falhas.

Ir além das funções que lhes são cabíveis quer dizer: mexer com a limpeza do espaço, alimentar os cavalos e cuidar de sua limpeza mesmo estando de férias, tirar dinheiro do próprio bolso para a compra dos instrumentos necessários ao atendimento, somar esforços incomuns para manter o centro funcionando. E isso se deve a esse envolvimento em querer que tudo dê certo. Quando Diva coloca que esse grupo é bem *“articulado emocionalmente”* podemos dizer que isso seja um forte indicador de parceria, de coleguismo e do envolvimento emocional ali existente.

Gabriel diz que as boas relações estão sendo prejudicadas principalmente *“pela falta de estrutura”*, essa expressão na verdade revela que o tempo demandado para a realização de tarefas que fogem a alçada do grupo acaba atrapalhando-os no envolvimento com a organização do trabalho coletivo.

Essas questões revelam a forma de organização subjetiva desse grupo, o modo como lidam com as dificuldades que mais o motivam a buscar soluções e novas ações do que os

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

vitimizam. Destacam também a subjetividade social como um sistema de constituição da subjetividade individual reciprocamente expresso em suas ações e produções simbólico-emocionais. Dessa forma a compreensão do grupo e as concepções que marcavam a prática desenvolvida ali naquele espaço são condicionantes ao entendimento de como a equipe de atendimento de Miguel se configurava dentro dessa trama subjetiva.

6.1.2 O momento reflexivo

O momento reflexivo foi organizado em dois encontros de discussões que versavam sobre questões como aprendizagem, desenvolvimento, sujeito, deficiência, intervenção, papel do terapeuta e a organização do contexto social de atendimento. Essas questões eram direcionadas de maneira dialogada, pautada em aspectos teórico- práticos e tendo como ponto de partida a experiência do grupo de equoterapia, o questionário aberto, as conversas travadas no campo empírico, a observação dos atendimentos equoterápicos e da própria dinâmica da escola. A intenção não era confrontar saberes, era conversar, estabelecer um diálogo produtivo e provocador aos participantes que instigasse a reflexão.

Partindo de um quadro com as palavras semeadoras do diálogo (aprendizagem, desenvolvimento, sujeito e deficiência) que propunha remetê-los à prática resgatando ações que desvelassem o que estava por trás de cada uma delas, cada professor escrevia seus verbos desnudando as suas concepções. De fato as palavras deixam transparecer a forma como esse grupo toca suas ações, no primeiro momento deixei claro que teríamos uma surpresa, peço que analisem o quadro e uma fala muito bem tecida corrobora com a questão:

Professora Helena: *“Nós não somos iguais, nós somos seres históricos, mas diferentes, com a historicidade diferente, com as relações diferentes e isso faz com que a gente se conheça um pouco mais, né? E amadureça. Quem começou hoje, não vai terminar hoje, né? E o pensar nos leva a esse processo. Quem sou eu? E hoje, provavelmente, eu sou uma pessoa diferente do que eu fui ontem, né? E esse é o momento de eu pensar nisso”.*

A Professora Helena é sempre uma presença convidativa à reflexão do grupo, essa fala marca bem seus posicionamentos firmes que coadunam com outros momentos experimentados em conversas e observações em seus atendimentos. Sua expressão marca bem o entrosamento emocional do grupo, é relevante ver o como em sua fala deixa bem notável a presença do “nós”, do grupo como fator de desenvolvimento. Essa fala deixa vir à tona o

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

caráter reflexivo de Helena, a forma como percebe a si e ao outro numa dinâmica transformadora.

Helena era a coordenadora do grupo e sempre procurava evidenciar sua preocupação pelo que tangiam as questões administrativas e pedagógicas da equoterapia, nas conversas travadas nas caronas, nos cantos propícios, nos tempos livres, na montagem das tabelas de atendimento era sempre muito presente o seu interesse por cada criança, cada professor, cada documento. E foi por meio dela que tive acesso a cada detalhe do funcionamento do grupo.

Nosso primeiro diálogo foi respaldado pelas palavras trazidas pela imersão na prática e afixadas no cartaz. Ao falarmos sobre deficiência fomos inundados pelas convenções sociais sobre como o determinismo biológico ainda está tão naturalizado e enraizado em nossos pensares e fazeres. E foi exatamente por isso que ao ler em um dos questionários que “*todo mundo é deficiente*”, um jargão comum ouvido com tanta frequência, que tive a certeza de que começávamos pelo caminho certo, o diálogo.

E foi dialogando sobre deficiência que percebi o quanto esse assunto ainda causava melindres, o medo de como tratar o outro em meio a nomenclaturas acaba fazendo com que essa aderência ao que é politicamente correto em relação à deficiência cause mais distanciamento do que aproximação.

Colocar-se como parâmetro para a análise do outro em detrimento de sua deficiência é uma maneira de “ser mais correto”, mais “justo”, ou seja, de não discriminar, excluir. E foi exatamente começando pela questão - “*Todo mundo é deficiente?*”, “*O que é deficiência?*”- que adentramos esse território tão árido dentro dos contextos escolares:

“A deficiência não é totalidade, é o contrário, o ser é total, a deficiência é inerente a ele. O que é importante é o ser total, né? A deficiência para mim não é tão importante, ela faz parte..” (Professora Helena, 15/06/11)

A expressão de Helena aponta as divergências nesse assunto dentro do grupo, mas revela que são embates produtivos e significativos ao desenvolvimento de todos. Discutir reflexivamente acerca da concepção de deficiência é um movimento de rever conceitos e pré-conceitos dentro do grupo e impulsiona os variados posicionamentos, contradições, tensões e conflitos ainda existentes ali.

“Ué, baseado na individualidade, né? Do que o que você toma como o que é certo, o correto. [...] Desse ponto de vista o meu conceito com referência ao outro e deficiente para mim. O que é a deficiência para mim? A deficiência em si é qualquer coisa que não funcione no formato que eu acho ideal”. (Professora Diva, 15/06/2011)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Diva ainda se prende à questão do certo e do errado no trato com a deficiência, na verdade essa questão advém das convenções sociais preconceituosas que criam tantas visões fictícias acerca da deficiência que acabam ecoando nos espaços educativos. Dessa forma, quando ela coloca a deficiência como algo que “*não funcione no formato ideal*” vemos a ideia de um organismo fraco e incompetente como aponta Werner (2002), presente no imaginário social e que coloca o defeito como uma possibilidade de igualdade à essas pessoas.

“Isso que a gente está fazendo aqui, essa é uma discussão, ela é muito mais além, muito mais profunda. Quando a gente diz simplesmente assim ou é certo ou errado, não é simplesmente certo e errado. Certo e errado segundo o quê? Segundo quem? De que prisma? Que sociedade nós vivemos? Que sociedade nós queremos? Qual é a política implantada pelo governo, pelo estado, pela secretaria ou por nós? Então não é simplesmente certo e errado, sabe? Essa coisa maniqueísta bom e mau, certo e errado ela é muito simplista, ela é muito fácil pra quem é pragmático pr’uma sociedade puramente técnica. Então é uma concepção de mundo, é uma concepção de vida, uma visão política, social, psicológica, erótica e por aí vai. Não é simplesmente dizer assim “Ah, o fulano é deficiente!”. Deficiente segundo o quê? Como deficiente? [...] Esse padrão estabelecido é que a gente tem que ter muito cuidado quando nomina e quando cita”. (Professor Darci, 15/02/2011)

Essa fala de Darci é um convite à reflexão, aponta que nos deixamos levar pelos maniqueísmos sociais. O bem e o mal estão sempre sobre um prisma dominante que nos absorve e nos impede de refletir sobre os padrões estabelecidos. Essa expressão revela os posicionamentos embativos e firmes de Davi no grupo que promovem crescimento e reflexão.

As expressões trazidas são fontes inesgotáveis de reflexão, apontam a contradição que esse assunto envolve: o certo, o errado, o estabelecido. E é exatamente esse movimento contraditório e tenso que indica o movimento do grupo para romper com o politicamente correto. Os elementos simbólicos e emocionais presentes nessas falas mais uma vez confrontam passado e presente, pois, perpassam pela forma em que essas concepções travadas consigo e com o mundo por meio da experiência empírica vão tomando forma e desvelando o olhar sobre o outro à medida que vamos tecendo a nossa história.

Quando Helena coloca que o ser é total é um indicador relevante de que ela tenta vencer a dicotomia entre sujeito e deficiência, tenta enxergar o sujeito enquanto ser em potencial para aprender e se desenvolver independente de como e quanto ele esteja implicado pelo defeito. Assim quando ela afirma que a deficiência não seja tão importante em seu trabalho podemos dizer que as suas percepções acerca da pessoa com deficiência não é um fator limitador ou paralisante para o desenvolvimento de suas potencialidades. E essa expressão de Helena encontra eco na fala de Darci, ou seja, não é discutir o que é certo ou errado, mas o como nós enquanto sujeitos nos deixamos levar pelos maniqueísmos, pelo que é

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

imposto hegemonicamente pela sociedade e como driblamos essa forma de poder dialogando com nossas percepções de mundo, movimentando nossa inquietude diante do pragmatismo posto. As questões destacadas por Darci marcam o seu posicionamento ativo e reflexivo dentro do grupo, são expressões firmes que indicam a forma como se configura subjetivamente nesse contexto. Darci é uma presença convidativa ao movimento de mobilização do pensamento e reflexão do grupo e constitui-se como sujeito alavancador de boas discussões.

A professora Diva traz em sua fala o conflito vivido pelo que se toma como certo e errado quando se fala em deficiência, o que é um indicador de como os aspectos sociais dominantes sobre esse assunto, constitui-se em momentos de contradição e tensão para ela. Esses elementos simbólicos e emocionais presentes na expressão de Diva apontam a dificuldade em se desamarrar das convenções sociais, mas também são indicadores do movimento reflexivo ao qual está imersa.

Ao analisar as palavras colocadas pelo grupo sobre aprendizagem perguntei-lhes sobre como esse processo se dava em um contexto diferenciado fora das rotinas padronizadas da escola:

“A gente não tem como fazer essa coisa linear, né? E isso a gente sofre porque a gente é cobrado. A gente se cobra e é cobrado. Em que a equoterapia melhora a aprendizagem do menino na escola se eu não estou lá? Mas eu estou aqui buscando novas alternativas, novas sinapses e tornando o ser mais íntegro e completo e mais feliz até para que ele tenha a possibilidade de novas aprendizagens. Mas isso é complicado pra gente e é complicado pro mundo. Se ele melhora a autoestima ele passa a ter uma visão de mundo diferente e a partir do momento que ele passa a ter uma visão diferente do mundo ele está aberto a outras coisas”. (Professora Helena, 15/02/2011)

“Para mim o componente mais importante pro ser humano é a felicidade e que a gente na escola não discute esse componente. Você aprende mais é infeliz. [...] Você não aprende por prazer, esse componente prazer e felicidade a gente muitas vezes não discute isso e se pensa isso a gente não explicita, a gente não materializa, a gente não coloca isso nem sequer em planejamento, nem enquanto objetivo. [...] O componente felicidade para mim ele é primordial, de fundamental importância, ele é capital pra qualquer que seja a atividade seja ela laboral ou em trabalho produtivo ou seja ela simplesmente a questão da cognição, entendeu?” (Professor Darci, 15/02/2011)

As falas dos professores acima mais uma vez são contundentes e reafirmam que a percepção desse espaço como uma alternativa diferenciada à aprendizagem não acontece como algo linear, mas como algo que promova o rompimento de ações padronizadas e que abra caminhos para o prazer, para a felicidade. Esse prazer e felicidade referidos são questões esquecidas nas rotinas padronizadas em salas de aula, a percepção do aluno em todas as suas dimensões e a acolhida de suas necessidades específicas são fatores que causam a

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

incompreensão para o próprio grupo e para quem está de fora desse contexto. Esse ponto indica que existe uma caminhada para se romper com as visões dicotômicas em relação ao sujeito e percebê-lo como um sistema em constante movimento e reciprocidade entre o individual e o social, entre a cognição e o afeto. Essas expressões indicam também que a felicidade seja uma força motriz à aprendizagem, pois, gera prazer e prazer gera envolvimento e alavanca a emocionalidade do sujeito auxiliando-o em busca de recursos subjetivos para lidar com a atividade e posicionar-se mediante as demandas experimentadas no curso de suas ações.

Quando Helena aborda que a visão de mundo diferenciada favorece ao sujeito estar aberto a “*outras coisas*” é um indicador de que a equoterapia possa favorecer o desenvolvimento do sujeito em outros espaços, como por exemplo, na escola, pois, as alternativas diferenciadas, os caminhos e as sinapses promovidas são promotoras à recursividade do sujeito em outros contextos de atuação. Uma outra fala de Helena interessante no momento reflexivo e que mais uma vez coaduna com essas questões traz a visão do grupo sobre a forma como a equoterapia é organizada reafirmando a tentativa de saída dessa linearidade encontrada nas escolas:

“A gente pulou os muros da escola, o praticante nosso hoje ele é único, ele tem necessidades e avaliação específica. A visão de avaliação que eu tenho para a L. é diferente da que eu tenho para o D., não existe padrão avaliativo, nós não temos padrão avaliativo, aqui cada um é um dentro do seu ser total, dentro da sua condição total e é isso que nos diferencia enquanto grupo. Agora a gente tem momentos de discussão, a gente tem momentos de construção, a gente tem momento de isolamento, tem momentos de coletividade, mas a gente conseguiu pular sim a questão dos muros da escola. [...] A gente está como Illich: “vamos fazer um mundo sem escola””. (Professora Helena, 15/06/2011)

“*Pular os muros da escola*” é uma expressão que chama atenção para a libertação da forma como a escola está organizada, para a metodolatria rígida que engessa o trabalho dos professores. Sair dessa rotina não quer dizer “*laissez-faire*”, trabalhar de forma espontaneísta e improvisada, mas em meio aos momentos de discussão, de construção, de isolamento e coletividade procurar fazer diferente, dar uma nova tônica. A alusão ao pensamento de Illich (1973) marca na verdade uma reflexão à forma como a escola organiza-se e como essa organização é uma forma de aprisionamento do sujeito, de massificação e universalização do conhecimento. E essa universalização e padronização são as mesmas que esquecem a produção singular diante do conhecimento e que a sujeita a avaliações despersonalizadas. A meu ver essa expressão de Helena possibilita-nos mergulhar em sua produção de sentidos subjetivos que reportam a sua experiência enquanto aluna e professora de escolas

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

convencionais e que se configuram subjetivamente em posicionamentos ativos que marcam a sua personalidade.

Essa análise trazida é necessária à compreensão de como o atendimento equoterápico e suas ações terapêuticas facilitam e impulsionam o desenvolvimento do aluno, e mais ainda em como esses profissionais comprometidos com a reflexão e com a transformação de suas ações e engajados na discussão, nos embates e conflitos produtivos se constituem subjetivamente nesse grupo promovendo a aprendizagem dessas crianças. Essas discussões que saem do âmbito técnico da equoterapia e que avançam nos processos terapêuticos e pedagógicos vividos nesse espaço interferem na configuração subjetiva de quem está à frente do trabalho com a criança implicada pela deficiência. Outra questão é verificar a disposição do grupo à aproximação do contexto escolar como possibilidade de articulação às suas ações o que ficou visível na atuação entre mim e Gabriel no decorrer da pesquisa na busca pela compreensão desse espaço como facilitador do desenvolvimento da criança.

Outra questão foi pensar com o grupo a forma como entendem como a equoterapia e a educação podem estar ou não consoantes, como aspectos terapêuticos e pedagógicos estão presentes na ação no momento do atendimento. Essa é uma questão que na verdade ainda encontra-se mal resolvida, ou seja, ao mesmo tempo em que conseguem visualizar essa intersecção não sabem explicitar como as ações pedagógicas adentram efetivamente esse espaço no planejamento de suas ações:

“Ao mesmo tempo em que se trabalha o terapêutico oportuniza que se trabalhe o pedagógico também. Então a criança sem perceber ela está sendo trabalhada nos dois aspectos”. (Professora Ingrid, 14/09/2011)

“A questão do terapêutico e do educacional, quer dizer, eu não sei, nunca parei para pensar nisso, não sei onde isso se complementa, se aproxima ou se distancia. [...] A partir do momento que você trabalha o praticante como um todo ele vai se manifestando em todos os espaços, inclusive na escola e isso é o que faz a diferença”. (Professora Helena, 14/09/2011)

“Eu penso assim, a equoterapia como método terapêutico por meio do cavalo, ela favorece adaptações para melhorar a situação corporal da criança, né? A partir do momento que esse sujeito melhora qualquer dificuldade que ele tem assim com o corpo físico melhora consequentemente o cognitivo, né? As questões cognitivas em sala de aula vão ser favorecidas”. (Professora Diva, 14/09/2011)

“A gente consegue aproveitar o que o aluno tem ali sobre o cavalo. É... Nesse movimento que o cavalo proporciona que a gente consegue fazer algumas interferências. Não dá para especificar esse foco.[...] Se a gente for olhar o terapeuta mesmo é o cavalo, o terapeuta não somos nós, somos os adjacentes aí, né? [...] Quem é o terapeuta maior? Na minha visão é o animal que é quem tá promovendo na verdade saúde, promovendo estímulo.[...] Nós estamos direcionando esses estímulos que ele (o aluno) está recebendo”. (Professora Sofia, 14/09/2011)

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“Quando a gente discute isso: É terapêutico ou é pedagógico? Onde começa um e termina o outro? Nós estamos estimulando a fala ou o movimento? Se é cognitivo ou ...? Sabe? Eles estão interligados, eles estão entremeados, é uma simbiose mesmo, sabe? Não existe separação, senão a gente não veria a pessoa de forma holística, inteira. A gente quando fica nessa visão pragmática de separar os campos, a gente se perde. É um viés que acredito eu seja errôneo”. (Professor Darci, 14/09/2011)

Os trechos de fala trazidos apontam as inquietudes geradas pelos aspectos do adentramento pedagógico no espaço equoterápico e seus desdobramentos no atendimento. Ao mesmo tempo em que as falas evidenciam o amálgama entre equoterapia e educação elas também revelam certa dúvida de como os aspectos pedagógicos efetivamente se evidenciam na prática equoterápica. O fato é que a prática pedagógica se revela no atendimento por meio das intervenções, mas não existe uma consciência e um planejamento de ações pedagógicas que se conectem ao documento construído pelo grupo nos estudos de caso que evidencie as especificidades e necessidades de cada praticante e de como isso está ocorrendo sem tirar o caráter dos aspectos da terapia em relação aos movimentos do cavalo.

Em contrapartida essa questão indica a separação das atividades que se realizam fora da sala de aula das atividades que se consideram educativas. Essa é uma questão central para superar a educação formalista, abstrata e intelectualizada que domina ainda a ideia de escola e, conseqüentemente a visão da aprendizagem.

Implicitamente há uma sinalização de que o cavalo “sozinho” possa ser o provocador do processo de rapidez e eficácia do desenvolvimento da criança, o apontamento do cavalo como “*terapeuta*” pode ser um grande indicador disso. Quando Sofia aponta que o maior *terapeuta* é o cavalo há um indicador da não percepção de seu papel como um provocador dos processos psíquicos da criança que estarão em consonância com a ação benéfica do cavalo, seu papel interventivo como alavancador desse processo nesse momento é ressaltado no papel do cavalo. Sem dúvida não questiono a relevância do cavalo na terapia, mas é preciso entender que sem a organização desse contexto social de atendimento em que não somente as ações terapêuticas do cavalo sejam levadas em consideração, mas também o papel ativo da intervenção do provocador como uma conexão ao pensamento e às necessidades de quem está sendo atendido por meio de ações pedagógicas profícuas, o cavalo sozinho jamais poderá impulsionar e mobilizar os processos de aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, existe uma relação de parceria, uma conjunção.

A expressão do professor Darci me permite enxergar a visão pragmática existente nas escolas e a forma como esse pensamento hegemônico corrobora para as dicotomias vigentes até hoje prejudicando o entendimento do sujeito como um sistema em constante movimento.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Revelam também seus posicionamentos políticos e ideológicos como direcionadores do seu pensar e agir. São expressões que se repetem e marcam esse caráter firme e seguro que nesse contexto de atuação revelam a forma como sua personalidade configura-se.

Portanto é imprescindível a esta pesquisa perpassar pela concepção do que seja intervir, pois, é ela que vai direcionar a ação do terapeuta no atendimento:

“Atuar num processo que é alheio à sua própria ação. Tem um acontecimento e você intervém nesse acontecimento que está alheio a você”. (Professor Gabriel, 14/09/2011)

“Direcionamento na necessidade mais específica do menino. Direcionar aquele momento”. (Professora Sofia, 14/09/2011)

A fala de Gabriel revela que a intervenção não é uma ação intencional e planejada, mas que surge em meio aos acontecimentos impulsionando assim uma ação imediata alheia à sua vontade. É fato que a intervenção é um processo intencional, mas também é fato que em muitos momentos essa ação exige uma perspicácia para lidar com situações adversas que saem daquilo que é planejado, dessa forma aquele que intervém precisa estar conectado ao pensamento e às necessidades de quem está do outro lado. Mais do que o direcionamento e o planejamento dessa ação de intervir é necessária a pré-disposição para um encontro com o outro e isso exige a abertura de um espaço propício ao diálogo, portanto a intervenção é uma conexão ativa com esse outro.

Quando Sofia aponta que essa ação é um “*direcionamento na necessidade mais específica do menino*” nota-se a percepção dessa ação intencional, porém esse direcionamento ainda caminha fora de uma ação planejada e acontece apenas em meio às necessidades surgidas no momento do atendimento. Quero ressaltar que existe um planejamento específico das ações desenvolvidas com as crianças no estudo de caso, mas que o sentir diário para analisar os objetivos traçados e as estratégias de forma que exista um movimento constante no direcionamento das ações seja um ponto que mereça reflexão.

A intervenção é um ponto pouco explorado pelos professores, geralmente o ato de planejar por si só dita a ação por completo, é como se ele fosse capaz de prever todos os acontecimentos por carregar os objetivos e procedimentos, mas na verdade ele não prevê a ação com o sujeito, mas com o conteúdo a ser desenvolvido e isso é completamente estéril.

Outro fator de grande importância foi pensar a coletividade nesse grupo, ou seja, perceber como a subjetividade social está configurada subjetivamente nesses professores e como esse sistema ecoa na subjetividade individual desses sujeitos, em seus posicionamentos,

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

nas tomadas de decisões e no próprio desenvolvimento da ação no atendimento. A fala da coordenadora do grupo deu o tom do que seria a coletividade nesse espaço, o grupo apenas referendou o dito:

“Aqui o eu não é o primordial, o primordial é o praticante e a coletividade, mas a coletividade no sentido de dar o direito a todos a partilhar e a partilhar do praticante, a participar dessa construção e dessa visão do praticante. [...] Não é o meu aluno, o que eu decido, o que eu faço, a pasta é aberta a todos, a discussão do aluno é aberta a todos. [...] A questão da gente não ter um chefe e um chicote passa também pela necessidade de termos prazer em estar aqui. O dia que quem não vem fica preocupado com o que aconteceu aqui: Meu aluno foi? Deu tudo certo? Sobrecarregou alguém? Quer dizer que quem sai, sai confiando que o atendimento continua. [...] E isso é presente certamente em uma grande parte do grupo porque é a coletividade em busca da construção de um praticante integral, né? De uma equipe integral”. (Professora Helena, 14/09/2011)

Como afirma González Rey (2007) o espaço social é um sistema complexo de produção de subjetividade. Essa fala marca esse caráter do coletivo como espaço de subjetivação, ou seja, a trama social como geradora de sentidos subjetivos e que aparecem expressas na configuração de Helena. Essa fala corrobora com as expressões e ações do grupo e reafirma mais uma vez o compromisso deste com o engajamento das ações coletivas em prol do desenvolvimento da criança.

A expressão de Helena indica que o aluno é de todos e que deliberar sobre o seu desenvolvimento e aprendizagem não seja só responsabilidade da equipe que o atende, mas de todo o grupo. Essa fala marca bem a parceria desse grupo, todos conhecem quem é quem nesse espaço, de forma que quando um deles falta quem assume o lugar sabe o que precisa ser feito.

No espaço do Centro de Equoterapia não há chefes, ou seja, não há um diretor e Helena traz uma importante consideração acerca da não existência de alguém que exerça esse papel hierárquico no grupo indicando que o comprometimento das pessoas ali envolvidas independe de ordens imediatas. Esse indicador revela que Helena embora exerça de certa forma esse papel como coordenadora não atue como uma força autoritária que imponha ao grupo o que deva ser feito, mas que o convoque a agir conjuntamente nas deliberações tomadas.

Analisar essa forma de organização do grupo é uma possibilidade de compreender Gabriel, suas expressões e ações no contexto de atendimento, a forma como o fluxo de emoções e processos simbólicos vividos nesse espaço vão configurá-lo subjetivamente.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

6.2 A ESCOLA

A construção da tabela abaixo é um desenho de como foi organizado o trabalho de pesquisa na escola, mostra a inserção cuidadosa em um espaço que inspira doses homeopáticas de abertura às sutis reflexões, principalmente quando nos convidamos a observar a sala de aula, o professor e os alunos. Quando esse convite parte de fora, ou seja, do pesquisador à escola, esta é solícita, mas quem se vê no enfrentamento, como o professor que estará frente a frente à pesquisa, este deixa seus medos aflorarem.

A tabela também revela o caminho para a compreensão do desenvolvimento subjetivo da criança na sala de aula e a possibilidade nesse caminho de se entender como o trabalho desenvolvido na terapia ecoa nesse contexto, não como o surgimento dos cavalos em desenhos e falas, mas se essa criança por meio de um atendimento provocador e que a impulsiona em sua organização subjetiva possui a possibilidade de encontrar recursos subjetivos que se desdobrem no desenvolvimento de suas atividades concretas nesse espaço sendo ela capaz de produzir sentidos subjetivos que expressem a vontade de participar do grupo dando sugestões, de procurar alternativas para os erros cometidos tendo uma postura reflexiva e desta forma configurar-se subjetivamente autoconfiante e segura em sala de aula.

Para voltar a esse ponto, o que nos leva a questões mais abrangentes, precisamos percorrer pelo entendimento da ação de intervir e da intencionalidade que a suporta e isso requer compreender como o professor e a auxiliar direcionam esse fazer.

Confesso os meus limites nesse trajeto e pondero que só poderei fazê-lo e discuti-lo no âmbito das minhas observações e registros e dos instrumentos utilizados com a auxiliar de Miguel. Acredito que o medo de se expor e a correria para dar conta das demandas da escola particular levaram a professora de Miguel a não entregar os questionários e complemento de frases, mas permanecem suas expressões vivas na tinta azul gravada nas minhas palavras e na memória de cada gesto e discurso no diário de bordo. Por vezes insisti na entrega dos instrumentos, marcava datas para recebê-los e a cada momento recebia uma desculpa, depois de entregar por quatro vezes os instrumentos, pois, em meio a tantos materiais carregados para a sala eles acabavam se perdendo, entendi que devia respeitar a decisão de Anita.

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

ESCOLA	
DATA	OBJETIVO
11/04/11	✓ Apresentar à escola a proposta de pesquisa e possibilidade de intervenção em dados momentos junto à professora;
16/04/11	✓ Organizar o primeiro momento com a professora regente da turma da criança pesquisada de modo a esclarecer os objetivos da pesquisa e a minha presença na sala de aula; Obs: conheci a auxiliar que acompanha Miguel em suas atividades.
18, 25 e 29/04/11	✓ Observar o trabalho de intervenção desenvolvido com Miguel tanto pelo professor regente quanto pela auxiliar; ✓ Analisar as produções de sentidos de Miguel diante das atividades realizadas; Obs: 25/04 - dia de atividade avaliativa na sala de aula, oportunidade de entendimento do funcionamento do seu pensamento, sentei-me ao lado.
02, 09, 16 e 23/05/11	✓ Dialogar com a professora e a auxiliar acerca da intervenção desenvolvida com Miguel, sobre a intencionalidade dessa ação;
06, 10, 13, 17 e 20/06/11	✓ Intervir conjuntamente com a auxiliar e professora no percurso do pensamento de Miguel no desenvolvimento de suas atividades analisando os seus descompassos; ✓ Dialogar com a auxiliar procurando compreender a organização de suas ações interventivas;
08, 12 e 26/08 *12/09/11 (finalização das atividades previstas no planejamento)	✓ Propor inserir-me no contexto de planejamento elencando ações que promovam o entendimento de como conectar-se ao pensamento de Miguel; ✓ Planejar as ações e intervir na sala de aula funcionando como suporte à professora e auxiliar.

O ponto de partida para dar início à aventura na sala de aula era organizar as ações que direcionariam os meus olhares, intervenções e análises, não como algo engessado e metódico, mas flexível e que acompanhasse o movimento vibrante e caloroso da sala de aula.

Nesse primeiro momento procuro aproximar-me da professora e da auxiliar na tentativa de compreender como é organizado o contexto social de atuação com Miguel, como é propiciada a colaboração com os pares, o planejamento das intervenções, a parceria estabelecida entre essa dupla, a ação da escola, o grupo no qual estão inseridas, as concepções

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

que movimentam a prática pedagógica, a escolha dos mediadores que auxiliariam a criança na impulsão de seu funcionamento psíquico, enfim todos esses fatores que direcionavam o fazer pedagógico e que seriam imprescindíveis para a pesquisa.

Era exatamente no meio de todas essas situações empíricas que a produção intelectual se dava, que os aspectos teóricos começavam a se confrontar e a tomar corpo. A teoria é uma construção sistemática que vai sendo tecida por meio do confronto das ideias à medida que elas vão sendo compartilhadas, tanto por quem produz quanto por quem se opõe a elas resultando em um conjunto de alternativas que se expressam na pesquisa abrindo diferentes zonas de sentido sobre a realidade estudada. (GONZÁLEZ REY, 2005a).

O primeiro encontro em 15/04 deu-se apenas com a professora Anita. Primeiramente havia feito o pedido à direção da escola e agora a convidava formalmente, ela demonstrou gostar do que vira após ter ouvido os objetivos e demais informações sobre a pesquisa. O convite foi aceito de fato e logo iniciamos uma conversa produtiva e acolhedora sobre a sua sala de aula.

Logo, logo, estávamos falando de Miguel e aproveitamos para conversar um pouco sobre como era organizado o trabalho com ele, pedi para que contasse um pouco de suas dificuldades, de como ela e a auxiliar conduziam esse processo, as alternativas encontradas e por aí travamos um momento de diálogo que acabou apontando indicadores que expressavam a possibilidade da emergência de sentidos subjetivos frente a uma tarefa nova, num caminho de alguém que mesmo atravessada pelas dúvidas em lidar com o desconhecido, no caso o trabalho com crianças com necessidades educacionais especiais, buscava alternativas de como lidar com elas. Essa hipótese foi gerada a partir de algumas questões colocadas por Anita na conversa como: buscar informações para lidar com a criança em literaturas vigentes, pedir sugestões para melhorar o trabalho, apontar as dificuldades da criança no trajeto de desenvolvimento, mas buscar apoio para resguardar sua aprendizagem, dúvidas quanto ao uso do livro, trabalhar com ele o mesmo que trabalha com o grupo.

Definimos também o meu horário de chegada na sala de aula, percebi que não pegaria o momento inicial, a rodinha e a leitura do Diário de Bordo que era partilhado no início da manhã, mas o pedido de Anita expressava a necessidade de organização das crianças, portanto era compreensível.

Anita contou-me que sua turma possuía um diário de bordo, era um caderno de registros de notícias, informações e reportagens ocorridas na semana e que por dia uma

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

criança o levava para casa e compartilhava a produção com o grupo no dia seguinte, mas que ainda não tinha se arriscado a deixar Miguel levá-lo, achava que seria “difícil”. É comum essa tendência do professor em enxergar um sujeito de ausência, incapaz de realizar o que as outras crianças são capazes de fazer e de anulá-lo de certas atividades, são produções simbólicas de uma subjetividade social dominante, mas que se expressam na subjetividade individual do professor em suas crenças e concepções que marcam a sua prática pedagógica. Após perguntar-lhe o porquê da dificuldade e ouvir suas explicações sugeri que fizesse uma tentativa partindo de gêneros textuais conhecidos de Miguel, como a novela, sua sinopse, que de alguma forma abrisse um espaço de participação dele no diário.

Por fim, elegemos as segundas-feiras como dias propícios à observação das ações em sala de aula e as sextas-feiras para que eu participasse do movimento da coordenação no sentido de observar como se dava o planejamento das ações com Miguel e também o grupo no qual estava inserida.

Anita e Joice discutiam em sala de aula os encaminhamentos com Miguel. Joice sentava-se sempre ao seu lado e o acompanhava durante toda a aula ajudando-o em suas tarefas, quando surgia algum descompasso no momento da intervenção, Anita estava ali para dar-lhe suporte. Joice não participava da coordenação juntamente com Anita, na verdade a única ligação de Joice com a escola era o acompanhamento de Miguel, pois, nas escolas particulares existe a exigência de um auxiliar para crianças com necessidades educacionais especiais em sala que é pago pela família da criança. Assim nos momentos de coordenação de Anita, às sextas-feiras, com todo o grupo da escola, Joice estava em sala acompanhando Miguel nas atividades extras (natação e informática).

Os momentos em que acompanhei Anita no espaço da coordenação pedagógica revelaram que esse espaço não era um espaço de troca de experiências, pois, existia a preocupação de cada professor unicamente com suas turmas. Anita era a única professora de 3º ano, assim acabava caminhando sozinha na organização e planejamento de suas ações em sala de aula.

Havia uma disponibilidade para o companheirismo e trocas naquele espaço e isso se revelava no clima de amizade e aproximação do grupo, mas os poucos momentos de encontro com o coordenador não se constituíam em momentos de contradição e tensão emergentes por meio do pensar as ações pedagógicas, da discussão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento implicados nessas ações. Aquela sala expressava o que comumente vimos

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

em nossas escolas: um momento de tempestade de ideias de como desenvolver certos conteúdos e procedimentos, uma lista de afazeres com procedimentos didáticos e estratégias para o desenvolvimento daquele conteúdo proposto para o período. Não quero colocar esse movimento como algo específico das escolas particulares, mas das escolas em geral, pois, existe uma ideia pré-concebida de que o coordenador não seja um possibilitador da formação em serviço, mas alguém que desempenhe atividades técnico-burocráticas e não se constitua enquanto liderança pedagógica dentro do grupo fortalecendo-o.

Assim o trabalho desenvolvido na coordenação acaba sendo um caminho solitário onde cada um é responsável apenas pela sua alçada, não havendo trocas férteis de experiências que provoquem o pensar do professor, que se constituam em ponto de apoio ao seu trabalho pedagógico e que o impulsionem a pensar nas singularidades existentes em sala de aula procurando desenvolver uma intervenção ativa, criativa, dinâmica e conectada ao pensar do aluno.

Anita e Joice não tinham uma parceria na coordenação, mas em alguns momentos dentro da dinâmica na qual se organizavam conseguiam se comunicar acerca das ações com Miguel, não uma conexão da qual Joice efetivamente fizesse parte, mas a socialização do planejamento.

No início do ano Anita e Joice contaram com a presença da psicóloga de Miguel na escola para auxiliá-las quanto à forma de trabalhar com ele os conteúdos e o desenvolvimento das atividades. Eram visíveis as preocupações em como garantir sua aprendizagem e como conduzi-la com os mediadores. A psicóloga de Miguel costumava fazer esse acompanhamento quando era possível.

As primeiras sextas-feiras de acompanhamento do planejamento na coordenação foram bem sucedidas, pude conversar bastante com Anita sobre Miguel e perceber também suas angústias com a quantidade de conteúdos a serem trabalhados e pela necessidade do uso do livro didático como figura cativa em sala de aula. Mas à medida que o tempo passava percebi que as exigências com atividades avaliativas, organização de momentos festivos e a própria exigência do grupo de professores de sua participação na organização desses eventos fazia com que minha ida à escola nesse dia não fosse muito bem-vinda. A princípio eu insisti nas idas, mas elas acabavam sendo inúteis e gerando desconforto, a mim e ao grupo, deixei para ir apenas quando Anita estava disponível.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A presença de um pesquisador na escola causa certo desconforto, pois, o olhar investigativo é confundido com o olhar avaliativo, fiscalizador e as ações dos professores acabam ficando artificiais. Precisei entender que necessitaria de cautela para adentrar esse espaço e optei por deixar Anita livre para escolher os dias em que eu poderia estar ali.

Conversávamos em sala de aula em alguns momentos, quando possível em meio aos seus momentos de acompanhamento das atividades, outras vezes no início do recreio, ou ao final da aula quando as crianças estavam organizando-se para ir embora e mesmo no estacionamento fora da escola. Percebia em Anita um movimento reflexivo de sua ação, pois, tinha muita clareza das suas falhas e potencialidades, contou-me sua experiência com o curso de pedagogia, alguns fatos difíceis vividos naquele momento: o roubo do carro, a abordagem e agressão de assaltantes. Conversamos muitas vezes acerca da dinâmica de trabalho na escola particular, sua vontade de fazer uma especialização, passar no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e seus sonhos educativos em ser e fazer melhor.

Joice permanecia a semana inteira na escola pela manhã fazendo o acompanhamento de Miguel, no período da tarde trabalhava em uma escola particular com o segundo período da Educação Infantil com crianças de 5 anos. Diante da dificuldade em poder trazer informações mais consistentes acerca de Anita por meio da construção da informação, optei por travar esse percurso com Joice que se disponibilizou a abrir um pouco de sua história com Miguel, sendo assim apresento suas expressões reveladas por meio do complemento de frases, dinâmica conversacional e questionário.

Apesar de não poder trazer as expressões de Anita gostaria de destacar um pouco das percepções que tive em sua sala de aula. Naquela sala de aula havia um clima propício ao diálogo, Anita dava abertura às crianças para extravasarem suas falas. Anseios e dúvidas eram bem vindos, havia uma parceria entre as crianças e isso era provocado por ela. Elas não precisavam de fila, eram livres, seus corpos estavam em constante movimento, assim como externavam seus pensamentos, ela não exercia o autoritarismo, ela impunha respeito e também respeitava-as.

Havia uma preocupação de Anita em como lidar com Miguel, ela achava importante ele fazer o que todos faziam, desenvolver as mesmas atividades, e isso era importante. Mas “o como” desenvolver esse trabalho de maneira a entender seus caminhos era o que faltava para o sucesso de Anita. Ela propunha parcerias, se disponibilizava a organizar o que seria desenvolvido com Miguel, mas faltava a intervenção como possibilidade de conexão com os

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

pensamentos dele, como um momento de aproximação dele às atividades. Em alguns momentos esse fazer o que todos faziam acabava desconectando Miguel da turma, não pela possibilidade de ser igual a todos, mas pela impossibilidade de desenvolver as atividades do mesmo modo.

Os sucessos de Anita com Miguel eram percebidos quando ela disponibilizava recursos a ele para se posicionar diante do que aprendia, mas os seus descompassos caminhavam pela dificuldade de se conectar com ele por meio da mobilização de seu pensamento. Assim, a integração de Miguel ao grupo e às atividades propostas em muitos momentos ficava comprometida.

Nesse ponto destaco o caráter da articulação entre a equoterapia e a sala de aula, a conexão não se dá pelo fato de trazer à tona as atividades desenvolvidas em outro espaço, da expressão do cavalo em sala de aula, mas pelo entendimento do que se desenvolve nesse outro espaço que favorece o desenvolvimento da criança na sala de aula e que pode ser utilizado como impulso à sua aprendizagem. Anita tinha a “impressão” de que a equoterapia apenas favorecia o desenvolvimento motor de Miguel e conseguia enxergar esses benefícios na sua desenvoltura em lidar com o corpo, porém não compreendia que essas expressões corpóreas se desdobravam em outras possibilidades de desenvolvimento.

A articulação entre esses dois contextos de desenvolvimento pode ser eficaz quando as partes envolvidas -professor e terapeuta- compreenderem a necessidade de consonância entre o fazer de um espaço e outro como facilitadoras do desenvolvimento da criança. Como pesquisadora pude perceber que as minhas percepções acerca dos descompassos com a aprendizagem e o desenvolvimento de Miguel na sala de aula levadas ao contexto da equoterapia e discutidas com Gabriel em seu atendimento o auxiliavam a intervir em suas especificidades e corroboravam na sintonia deste com o funcionamento psíquico de Miguel. Outra questão é que o trabalho desenvolvido com Miguel nessa perspectiva tinha ressonância em seu desenvolvimento e aprendizagem em sala de aula, o que foi constatado pelos relatos de Anita.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

6.2.2. Joice

Quando entrei pela primeira vez na sala encontrei um ambiente muito propício a trocas, as mesas ficavam juntas lado a lado formando fileiras ou em forma de “U”, eles nunca estavam separados solitários em fileiras um atrás do outro. Essa forma de organização da sala desvela a percepção do professor em relação ao conhecimento, aponta que ele o enxerga como uma produção conjunta, trocada, negociada e que exige parceria. Nesse dia vi Joice mais ao fundo da sala em uma carteira sentada ao lado de Miguel, não separadamente das outras crianças, mas no meio delas. Sentei-me um pouco atrás e um dos meus primeiros registros indica a minha primeira percepção desse contexto:

“Uma questão interessante em ser abordada é a forma como Miguel é visto, entendido e tratado pelo grupo, é como se a síndrome não existisse é uma criança como todas as outras, envolvida, inserida, integrada e acolhida, e o mais belo, intensamente motivada pelo grupo de colegas, assim como também as motiva. É uma troca”. (Diário de campo, 18/04/11)

No decorrer das atividades do dia aproximei-me de Joice para observar como ela mobilizava o pensamento de Miguel diante das atividades propostas pela professora, como intervia e utilizava o seu próprio pensar para impulsionar a aprendizagem e a primeira inquietação que surgiu nesse momento era como Joice compreendia o seu papel de auxiliar: *“É uma pessoa que ajuda, dá assistência, no caso da aprendizagem do aluno”*. Esse registro de Joice no questionário aberto indica a compreensão de seu trabalho como um sentar e fazer junto, assistir a forma como o aluno opera com a atividade e demonstra que a intervenção seja um ato passivo e que implica colocar o aluno em estado de atenção, escuta e concentração sem provocações e intencionalidade.

Quando indaguei acerca de como essa aproximação beneficiava a criança atendida registrou que *“Existe um benefício muito positivo. Como estou sempre ao seu lado acontece uma boa atenção, escuta melhor e se concentra mais.”* Esse registro de Joice aponta que a ação de se atentar, escutar e se concentrar sejam garantias da aprendizagem sem haver a abertura de um canal dialógico propício a uma escuta sensível em que o outro revele seus caminhos e reflita sobre o que aprende

Muitas vezes no espaço da sala de aula, enquanto pesquisadora, eu procurava intervir na ação de Joice sutilmente instigando-a a dialogar com Miguel sobre aquilo que ele aprendia, procurava orientá-la a abrir espaços para a reflexão dele, para que ele se posicionasse. Percebi que quando Joice abria esse espaço de diálogo e escuta, Miguel se posicionava reflexivamente

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

frente à atividade desenvolvida. Mais tarde ela me relatou que a pesquisa havia a ajudado a repensar suas ações com ele, buscando captá-lo.

Esses elementos simbólicos e emocionais trazidos no registro de Joice indicam experiências vividas em outros tempos e espaços, seu movimento histórico com o processo de ensino e aprendizagem como uma transmissão de conhecimento despersonalizada.

Percebo que quando Joice está sentada ao lado de Miguel existe uma preocupação com o conteúdo a ser apreendido, mas não com o sujeito, suas estratégias estão voltadas para a apreensão sem compreensão. Não é uma atitude consciente, na verdade é o retrato de como o professor enxerga os processos de significação implicados na aprendizagem do aluno, ou seja, as estratégias estão sempre a favor do conteúdo não do sujeito que aprende.

A intervenção não é pensada como uma ação que exija provocação e intencionalidade, mas como uma ação aleatória que vai surgindo em meio ao andamento do atendimento do sujeito. É fato que ela seja dinâmica e não esteja engessada, mas exige planejamento e organização de como conectar a criança ao que se propõe que ela faça, o que também exige perspicácia à imprevisibilidade de como o sujeito pensa. Na verdade, quando Joice diz em dinâmica conversacional que *“Não tem uma organização, as intervenções acontece com o próprio andamento da aula ou de cada momento vivido em sala de aula”* demonstra que não tem acesso ao que vai ser desenvolvido nesse espaço e não tem como se programar, portanto o que vai ser feito acontece de supetão.

O improviso e o espontaneísmo na ação pedagógica são questões pertinentes à reflexão. Não podemos pensar que o trabalho pedagógico possa ser desenvolvido sem nenhuma intencionalidade, sem nenhuma diretriz ou organização prévia, lidar com a criança exige conhecê-la em suas especificidades e necessidades e o planejamento e a intervenção precisam estar conectados a essas peculiaridades. É necessário entender que o planejamento e a intervenção exigem perspicácia e flexibilidade de quem está direcionando o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança e que jamais será algo rígido e engessado pois, é dinâmico e acompanha o movimento peculiar de como esta pensa e se conecta às atividades propostas, quais os seus caminhos.

A criança, implicada ou não pela deficiência precisa do olhar atento, curioso e investigativo do professor ou auxiliar, o improviso e o espontaneísmo são ações estereis na sala de aula. Miguel nos demonstra isso quando se coloca em uma “zona de conforto”, ou seja, quando as ações estão desconectadas de seu funcionamento psíquico ele não se envolve

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

com a atividade, apenas reproduz o que é pedido e deixa que Joice lhe dê as respostas prontas, mas quando as ações estão centradas em suas necessidades e quando a intervenção entra em sintonia com o seu pensamento ele se revela, se posiciona e busca recursos subjetivos para lidar com o que é proposto.

Quando conversamos sobre a existência de um planejamento para o acompanhamento de Miguel e se ele está em consonância com o planejamento do professor regente, Joice é taxativa: “*Não. Normalmente sigo o planejamento em que o professor planeja*”. O diálogo que realizei para entender como se dava o entrosamento entre professor regente e auxiliar para alavancar os processos de aprendizagem e desenvolvimento de Miguel mostrou que Joice desempenhava um trabalho solitário: “*A escola nunca me perguntou como era o meu trabalho, como é que eu fazia, como é que acontecia. Nem coordenador nem diretora, né?*” e acrescentou: “*Não, assim... O planejamento em si não existe conjunto. Às vezes acontece assim “Isso aqui eu vou fazer assim, mas se você não der conta você pode seguir por outro caminho, aí você faz com ele assim”*”.

Joice coloca no decorrer do diálogo que se houvesse cooperação, pelo menos do grupo de professores, seu trabalho poderia ser um pouco melhor. Essas falas trazidas apontam que o fato de não compor o quadro de profissionais da escola não exige que ela esteja envolvida com o planejamento de ações, que não existe parceria da escola com o seu trabalho e que estar ali esteja desassociado das ações desta. É claro que Anita e Joice se comunicam acerca do que será trabalhado, mas não planejam ações conjuntas. Esse é um indicador de que não existe um entendimento de que o trabalho do auxiliar esteja implicado com o do professor regente. As expressões até então trazidas, apontam que os sentidos subjetivos de Joice acerca da parceria com a escola seja um impossibilitador de um bom trabalho, de ações mais contundentes com Miguel, pois, a parceria é um momento de troca e possibilidade de crescimento profissional.

O crescimento profissional para Joice é colocado como uma necessidade, a percepção de si enquanto sujeito em movimento, inacabado demonstra a sua preocupação em desenvolver um bom trabalho:

“Eu acho que a gente nunca sabe tudo, que a gente tá sempre aprendendo coisas novas, né? Até porque de acordo com a modernidade vai acontecendo as coisas, então, surge coisas novas. A gente tem que tá se atualizando, né? Tem que tá acompanhando pra que tudo dê certo. Então, acho que é esse caminho mesmo, tem que tentar aprender cada vez mais, se interessar pelas coisas, né?”

A expressão de Joice no diálogo me permite hipotetizar que existe uma pressão social para que se esteja sempre atualizado e que essa pressão advém da efemeridade do

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

conhecimento, podemos nos pautar em sua fala “*de acordo com a modernidade*”, ou seja, essa expressão marca uma temporalidade para Joice que deve ser acompanhada, caso contrário o não saber e não estar atualizado comprometeria o seu trabalho. Alguns trechos do complemento de frase coadunam com esse desejo de aprender:

Eu preciso: crescer profissionalmente.

Preciso aprender sobre: muitas coisas, principalmente na área de educação.

Tenho necessidade de: aprender cada vez mais.

Meu maior desejo é: crescer profissionalmente.

Desafio-me a: sempre aprender cada vez mais.

Crescer profissionalmente é um desejo que se constitui em necessidade para Joice e que está relacionado a aprender cada vez mais para fazer melhor. As expressões até então trazidas indicam as representações de Joice acerca do conhecimento como a possibilidade de poder desenvolver um trabalho com segurança e assertividade. E é essa vontade de acertar que movimenta Joice na busca por esse conhecimento, pois ele poderia garantir o controle de suas ações:

“Quando eu comecei a trabalhar com ele (Miguel) eu li muito. Até aqui na escola mesmo as meninas procuravam apostilas com alguma coisa que falasse pra poder a gente tá conhecendo, né? É... Pra poder trabalhar melhor. E eu vejo assim que eu vejo ele com outros olhos”.

Assim os blocos de frase podem indicar como a necessidade de Joice em exercer suas atividades com perfeição e certo controle estão presentes em suas expressões:

Fico alegre: quando as coisas acontecem como eu planejei.

Tenho dificuldade quando: não consigo fazer algo que eu queria.

Esforço-me: para acontecer tudo como eu quero

Meu maior problema é: quando não consigo fazer algo perfeitamente.

Fracassei: quando não consegui realizar algo que eu queria.

Aborreço-me: quando não consigo realizar algo que eu quero.

Lamento: que as coisas não saem do jeito que eu queria.

Eu me desenvolvo profissionalmente quando: realizo tudo perfeitamente.

Nessas frases é evidente a percepção do conhecimento como uma forma de controlar as suas ações e realizá-las perfeitamente. Seu esforço acaba sendo em vão e trazendo-lhe sofrimento e sentimento de fracasso. Nos diálogos, Joice evidenciava querer controlar as ações com Miguel no sentido de que elas fossem perfeitas e previsíveis o que acabava saindo de seu controle. Lidar com o seu pensamento imprevisível e com a forma peculiar de seu funcionamento psíquico constituía-se em desafio para Joice, o que apesar do sentimento de fracasso e impotência a impulsionava a rever suas ações. As ideias de Joice acerca da

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

perfeição apontam seus conflitos com a imprevisibilidade de suas ações e as implicações destas na aprendizagem de Miguel e embora trouxesse aborrecimento e lamento a provocavam e a mobilizavam a fazer diferente, o que gerava enfrentamento das situações:

“Eu acho, assim, que até na vida mesmo eu gosto de ser muito certinha, de organizar, seguir os passos para que dê tudo certo. [...] Se você planejou um caminho, tá vendo que aquele caminho não dá certo, né? Reverter, dar a volta, seguir outro caminho pra ver se consegue chegar num resultado melhor. [...] Ah... Geralmente, assim, eu fico muito preocupada, né? As vezes eu perco até o sono, mas assim no geral eu tento procurar outro caminho pra tentar melhorar ou as vezes até, né? Ajustar aquilo que não deu certo”.

A forma como Joice percebe a necessidade de rever os caminhos escolhidos demonstram um movimento reflexivo acerca de suas ações e expressam o seu comprometimento consigo diante das situações adversas tanto na vida pessoal quanto no acompanhamento de Miguel. Percebe-se que essa expressão acerca da mudança revela o seu desconforto em permanecer estática e a confronta na busca de caminhos diferenciados para a resolução de seus problemas emergindo assim a insegurança e a preocupação como configurações subjetivas que expressam a forma como esses sentidos subjetivos tomam formas diversas.

Outra questão é a forma como essas expressões se encontram com outras falas já trazidas e que reafirmam a preocupação de Joice com o imprevisível marcando o seu desafio em buscar alternativas. Os trechos abaixo mostram a contraditoriedade desses momentos como elementos participantes de sua processualidade como sujeito:

Meu posicionamento: é sempre manter a calma.

Em algumas ocasiões: fico apreensiva.

Fico triste: quando as coisas não dão certo.

Aprendi que: a paciência é a melhor amiga.

Eu me propus a: se preocupar menos com as coisas.

Luto por: sempre me manter bem.

Embora Joice afirme em querer manter-se tranquila nos momentos de apreensão percebe-se que na verdade essa é uma tentativa de ludibriar sua preocupação quando diz que se propôs a “*se preocupar menos com as coisas*”. Ou seja, essas questões indicam o seu esforço em “*manter a calma*” buscando a paciência como “*melhor amiga*” embora exista um movimento que a perturbe contra isso. Mas o que podemos destacar nesses seus momentos de tensão é exatamente a sua luta para lidar com seu anseio em querer que as coisas deem certo para que esteja bem e trabalhe bem.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

É necessário também entender como Joice enxerga a escola, a criança e o grupo no qual está inserida:

A criança: é um eterno aprendiz.

A escola: um ambiente de muito aprendizado.

O grupo de professores: tem que ter bastante coleguismo e união.

O diálogo: é a melhor solução para os problemas.

A ação pedagógica: é um diferencial.

Esse bloco de frases indica que Joice enxerga a criança como predisposta a estar sempre aprendendo e esse ponto é muito relevante, mas, no entanto o diálogo como uma condição favorável à aprendizagem e à aproximação com o outro é algo que parece estar desconectado dessa percepção, pois, parece estar relacionado apenas ao enfrentamento de situações que envolvam os adultos e não a criança. Outro ponto que chama a atenção é que ela entende a ação pedagógica como um elemento diferencial ao seu trabalho, mas não procura utilizá-la a seu favor nas intervenções com Miguel, o que pode se confirmar em suas expressões trazidas anteriormente.

Outro ponto a ser destacado é a forma como a subjetividade social movimenta o seu imaginário dentro da escola em achar que o coleguismo e a união sejam condições imprescindíveis ao desenvolvimento de seu trabalho, percebe-se aí que a tensão e a contradição marcantes nesses espaços institucionais sejam momentos de conflitos que na verdade acabam paralisando a ação do professor, sua frase indica que as coisas precisam sempre estar em harmonia.

Joice revelou necessitar de parcerias no grupo da escola, expôs que estar mais próxima à professora regente traria mais efetividade ao seu trabalho com Miguel e relata que a não aproximação se dá pelo medo de “*atropelar a professora*”. O fato de não compor o quadro de professores efetivos na escola acaba deixando-a desconfortável e apreensiva a participar do planejamento.

Essa expressão de Joice aponta um conflito, percebo que existe uma disponibilidade de Joice para acolher a participação da professora em seu trabalho nos momentos de dificuldades de Miguel, mas ela não compreende que essa seja apenas uma das faces de seu trabalho, ou seja, discutir os descompassos de Miguel, a outra é a parceria propriamente dita entre ela e a professora nas intervenções com Miguel.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

As questões trazidas por meio da construção das informações possibilitadas pelo questionário aberto, dinâmica conversacional e complemento de frases procuram mostrar um pouco de como Joice configura-se subjetivamente no contexto de acompanhamento de Miguel, os sentidos subjetivos analisados expressam a sua organização peculiar diante dos enfrentamentos apontando a sua persistência em procurar melhorar suas ações. Essas expressões podem nos ajudar a entender Miguel no espaço de realização de suas atividades concretas.

6.3. PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NA IMPULSÃO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE: DESENVOLVIMENTO DE SUAS ATIVIDADES CONCRETAS

A escola e a equoterapia revelaram questões instigantes quanto ao desenvolvimento subjetivo de Miguel. No desenrolar de suas atividades concretas muitas vezes me encontrei em situações “incógnitas” e desafiadoras que suscitaram muitas dúvidas devoradoras de como encontrar o caminho para a conexão com o seu pensamento para entender as tramas de seu percurso nesses contextos, o que ele queria expressar, que hipóteses poderiam ser tecidas e como poderia impulsioná-lo nessa trama.

Por meio de instrumentos como “A sala de aula como ela é” e do teatro inserido nesse contexto foi possível levantar indutores que permitissem gerar inteligibilidade acerca de suas expressões, bem como no espaço da equoterapia os diálogos com Gabriel também foram elementos indispensáveis. É importante pontuar as minhas intervenções e expressões nesse movimento como elementos necessários à compreensão desses contextos.

Respeitavelmente apresento a incapturável leveza de Miguel, a sua destreza em constituir-se em vários personagens.

6.3.1. Dois Contextos, Dois Personagens

A escola: na zona de conforto

A sala de aula é um espaço profícuo ao entendimento das tramas subjetivas do sujeito, essa é uma parte da pesquisa em que elegi como o desenvolvimento das atividades concretas

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

de Miguel que observei e de leve busquei intervir. Procuo trazer o meu olhar pesquisador por meio do instrumento que intitulei como “*A sala de aula como ela é*” pela fluidez desse espaço, pela espontaneidade que exala no ar, nas falas, nos olhares e gestos de cada criança com as quais convivi nesse período.

Quem poderia crer que aquele menino falante e conquistador que conheci no espaço da equoterapia há alguns meses atrás poderia ser o mesmo sentado, calado e distante ao lado de sua auxiliar Joice...

Quando cheguei à sala de aula as crianças conversavam sobre a Páscoa, estavam sentadas em suas carteiras grudadinhas uma ao lado da outra e falavam acerca de um filme chamado “O Príncipe do Egito”, elas estavam muito entusiasmadas fazendo relatos e apontamentos sobre suas percepções aguçadas acerca do que viram de maneira a buscar fazer um paralelo com o significado da Páscoa. Miguel com o olhar distante e desconectado estava totalmente sem sintonia com o grupo e com o assunto. Algumas vezes Anita chamava-lhe a atenção para ouvir o que estava sendo dito e participar dando sua contribuição, mas Miguel apenas olhava, respondia um “*tá bom*” e parecia que não era com “ele”.

A desconexão de Miguel com o que se passava naquele momento indicava que aquele assunto não lhe fazia o menor sentido, parecia vasculhar suas experiências históricas, as imagens guardadas na memória para ter algum apoio e dar sentido à experiência atual, mas parecia não encontrar e permanecia perdido. Como diz González Rey (2011b), a experiência é uma forma de organização de qualquer expressão humana e nesse momento Miguel necessita de trabalhar esse jogo entre o real e o imaginário, trazer à tona as emoções que o movimentam e o impulsionam para que se expresse nesse grupo.

Quando na atividade seguinte lhe é pedido para desenhar o significado da Páscoa, a tarefa bem que foi fácil não fosse a frase que teria que ser escrita no verso. Miguel desenhou a família toda com direito a um ovo, seus cachorros e a moça que trabalha em sua casa, mas ao pedir que traduzisse o significado dessa páscoa em uma frase a auxiliar teve um grande desafio pela frente e a descoberta de que ele não conseguia produzir sentido sobre o que desenhara. Na verdade, esse ovo de Páscoa que aparecera no desenho era apenas algo padronizado, um símbolo universal, mas não algo que ele dera sentido e soubesse expressar.

Aos poucos tentei aproximar-me dos dois na tentativa de entender como Miguel conseguiria buscar em suas experiências passadas o que já havia vivido em relação à Páscoa para poder se expressar e nessa tentativa pude perceber como tudo isso era muito simbólico

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

quando não movimentamos a emocionalidade, a fantasia, a imaginação e a criatividade do sujeito dando-o oportunidade de colocar o seu pensamento em funcionamento e como a memória é impulsionada por esses processos. Destarte, conectando-se ao pensamento de Miguel, impulsionando-o ao refletir e criar e deixando fluir suas experiências e todo esse sistema simbólico-emocional gerador surgiu a frase: “ A grande família toda junta pensando em Deus e comendo ovo de Páscoa”. A “grande família” o remetia a um programa global semanal e esse foi um sinal de como ele buscava nessas imagens assistidas conexão com a sua vida real.

Na semana seguinte, ao chegar à sala as crianças estavam realizando uma atividade avaliativa. A tarefa versava sobre uma carta enigmática que envolvia sinais matemáticos de adição e subtração que direcionavam o acréscimo ou retirada de palavras para a complementação de frases. Miguel realizava a sua atividade com o auxílio de Joice, parecia compreender a retirada dos pedaços de palavras, a junção e a formação de novas palavras e complementação das frases. Em um dado momento sua dificuldade centrou-se na compreensão de dois símbolos: teia (de aranha) e placa (de trânsito), o que comprometeu a continuidade da tarefa.

Anita encontrou em seus materiais didáticos um jogo de trânsito que poderia auxiliá-lo onde havia um cartaz com várias placas de trânsito indicativas, tentou dirigir seus pensamentos, trazer suas experiências e nada, não surtiu efeito.

O que me chamava atenção naquele momento era que o agregado de enigmas se desfazia, mas a totalidade maior que era a carta, o conteúdo que ali se destrinchava era algo que não era dado atenção, as frases iam sendo construídas à medida que iam se descobrindo os desafios enigmáticos, mas o que ela ia desvelar e quais os sentidos e significados que iriam aparecer em Miguel não iam sendo tecidos nesse entremeio da atividade. Havia um esforço em fazê-lo descobrir esse enigma e sei que o pensamento está conectado nesse movimento e refletindo o “mais” e o “menos” dos sinais matemáticos, mas a leitura e o mergulho do sujeito no contexto do que está sendo descoberto que é o desafio da proposta pretendida e que impulsionaria a sua produção de sentidos subjetivos, aprendizagem e desenvolvimento foi deixada de lado, não propositalmente, mas despercebidamente.

O que quero trazer com essa questão é que a intervenção é um conectivo na ação pedagógica, é como se ela fosse a coesão e tessitura que desse consistência à possibilidade de

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

expressão do sujeito e ao mesmo tempo possibilitasse ao professor e ao auxiliar a perspicácia de se agarrar a essas faíscas gerando novas impulsões e caminhos ao desenvolvimento.

Em um dos momentos na escola tive a oportunidade de acompanhar uma reunião entre a psicóloga de Miguel com Anita, Joice e a coordenadora pedagógica, aquela se dispõe a fazer o acompanhamento não apenas em seu consultório, mas também em ir à escola para direcionar, ouvir e auxiliar o trabalho com Miguel. Nesse dia, vários esclarecimentos foram dados, dúvidas retiradas, direcionamentos de como trabalhar o livro didático, os conteúdos e as especificidades de Miguel. Senti no ar um frescor de novas possibilidades para a escola.

Dessa reunião destaquei uma fala da psicóloga “[...] *é necessário que Miguel desenvolva as mesmas atividades que as outras crianças*”. Vigotski (1924-1935/1997) coloca que todo o aparato da cultura humana está organizado para um homem normal, ou seja, os nossos instrumentos, as técnicas, os signos e os símbolos estão destinados a esse tipo de pessoa. Miguel tem um funcionamento psíquico peculiar, mas o que precisa ser entendido nessa fala é o caráter desse caminho isotrópico que muitas vezes toma uma dimensão em sala de aula que perde as rédeas e o que poderia ser um fator de possibilidade de desenvolvimento pela adaptação às peculiaridades desse funcionamento toma uma direção contrária.

O frescor das novas possibilidades transformou-se em continuar fazendo as mesmas atividades propostas à turma, houve um entendimento de que aquele era o caminho, talvez devesse sê-lo, tudo indicava que fosse: o acolhimento da turma, o direcionamento intimista e doce de Anita, o auxílio de Joice. Mas Miguel parecia sempre divagar em seus pensamentos e estar em uma zona de conforto por não refletir acerca do que fazia, afinal existia quem fizesse por ele, mas não era uma ação consciente.

Fazer o que os outros faziam era uma possibilidade de colocar Miguel em posição de igualdade com os demais, mas o que não era percebido é que a forma como isso era feito o excluía do grupo, o diferenciava. Nesse sentido, quando coloco “o fazer por ele” e sua ação de se desconectar das atividades é uma forma de dizer que a atividade não era personalizada. Joice tinha a boa vontade de ler os comandos, de copiar os textos quando ele cansava, de apagar os erros que ele cometia ao copiar do quadro, de orientar os seus registros, de apontar o seu lápis, escolher o lápis a ser usado, de apontar as respostas corretas, mas não percebia que essas ações excluía Miguel. Ela também não percebia que Miguel sabia e que fingia não saber e que agindo assim o colocava em uma posição confortável, oportuna.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A análise que levanto é que o fator de organização em relação ao direcionamento de suas atividades era um ponto a ser repensado, escolher os mediadores a serem trabalhados com Miguel na condução de suas atividades adaptando-os às suas especificidades poderia ser um diferencial, não a escolha pela escolha, mas como eles poderiam impulsionar o seu pensamento e facilitar a sua aprendizagem. Abrir um espaço de relação com Miguel é favorável à escuta sensível de suas percepções sobre o que aprende, exercita um espaço de diálogo com o sujeito, gera a produção de recursos subjetivos e o posicionamento ativo mobilizando-o diante das atividades que realiza.

Em um trabalho de colaboração com um par na produção de poesia por meio de gravura a professora Anita instigou a dupla a procurar cavalos. Depois da procura em várias revistas, ele dispersou-se um pouco e resolveu sentar-se ao meu lado. Ao encontrar a gravura, numa expressão de felicidade abraça e beija um colega da classe e dá um longo beijo na gravura sinalizando alívio. Nesse momento a professora solicita ao seu parceiro que o ajude a procurar outras gravuras.

Percebo que Miguel não compreende muito bem o que é proposto à turma, pergunto-lhe o que está fazendo, mas ele não sabe explicar, pergunto então o que é uma poesia, ele também não sabe dizer que gênero textual é esse. Miguel não sabe operar com rimas, produz frases aleatórias utilizando o cavalo e traz aspectos vivenciados na equoterapia em frases como: “*Eu gosto de montar*”; “*O cavalo gosta de comer capim*”. Seu colega sugere algumas frases para rimar com as produzidas por Miguel explicando-o a dinâmica da atividade, Joice interfere, mas ele continua sem compreender.

Pergunto a Joice sobre a participação de Miguel nas discussões da turma e ela me responde que ele participa somente quando é convidado e que por vezes suas respostas correspondem às perguntas realizadas e que em outras vezes busca nas novelas um ponto de fuga. Chamo Anita em um cantinho e pergunto como é a organização do trabalho com gêneros textuais, sobre como repertoria as crianças para o processo de escrita para compreender como esse processo chega até Miguel.

Observar Miguel em meio a seus pares foi fundamental para reafirmar o papel da coletividade em seu desenvolvimento, operar com conceitos não é algo que possa ser trabalhado de forma memorística e reprodutiva em crianças com síndrome de *down*. Analisar essa situação de colaboração entre pares em que um colega socializa o seu pensamento com o outro é uma possibilidade de confrontar os saberes de Miguel, de desenvolver a sua lógica,

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

buscar nexos e relações já conhecidas por ele com a ajuda e parceria de um adulto que possa intervir e dirigir a reflexão. Para Vigotski (1924-1935/1987) essa é a forma em que a operação conceitual se revela, por meio da atividade coletiva.

Em muitos momentos me deixo levar por essas questões sobre como a operação com conceitos pode mobilizar a aprendizagem de Miguel sobre como esse processo vai implicar no desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores que são também engendradas por suas emoções e envolvimento nessas atividades. Assim, fico buscando entender como suas produções de sentidos subjetivos podem ser provocadas de maneira a fazer com que suas experiências possam ser mais calorosas.

Discutindo sobre um filme assistido sobre a vida dos pingüins, Anita procurava fazer com que as crianças fizessem comparações do comportamento desses animais com outros conhecidos pelas crianças. Elas falavam de suas experiências. Anita busca a participação de Miguel para que conte sua experiência com o cavalo, quando ele percebe que ele está feliz ou triste. Percebo que Miguel procura organizar o seu pensamento para compartilhar sua experiência com a turma e diz: “*Ele gosta de passear*”. - Ao que a professora o indaga: “*E é assim que ele mostra que está feliz?*” – E ele confirma dizendo que “*Sim*”. A professora pergunta a ele o que o cavalo faz quando está triste, ao que ele responde: “*Ele gosta de mim*” – Confirmando que seja mais uma manifestação de alegria, porém não consegue responder à segunda pergunta.

Outros colegas continuam fazendo suas colocações, percebo uma inquietação em Miguel quando Eduardo fala de sua cadela Mel (ele também tem uma cadela de mesmo nome), ele manifesta certa vontade de compartilhar algo, mas imediatamente cala-se.

Após a discussão do filme a professora Anita parte para a correção dos exercícios do livro didático propostos em outra aula que foram realizados em grupo. Miguel apoia os cotovelos na mesa e segura a cabeça com as mãos totalmente desligado, Joice cutuca-o e pede que abra o livro na página a ser corrigida, ele não parece muito interessado. Logo, logo começa um apaga, apaga sem fim, sem ao menos conferir suas respostas copia as do quadro mecanicamente. Algumas vezes Joice o auxilia apagando as palavras em que a cópia foi feita erroneamente, Miguel olha para o quadro copia-a novamente, mostra o caderno como quem pede o visto e continua a lida.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Miguel não expressa nenhum tipo de reação de desagrado, esboça um semblante tranquilo, por vezes boceja, outras vezes coça os olhos, vira para trás e manda beijos para mim, sorri, finge estar cantando e retorna à sua atividade.

Olhando toda essa trama vivida por Miguel, nesse dia começo a entender que na verdade esse processo de auxílio o coloca em uma zona de conforto diante das atividades que desenvolve, não existe provocação ao seu pensamento. É como se diante de sua “incapacidade de pensar” fosse mais fácil lhe dar respostas e ele espertamente utilizava sua percepção aguçada para não ter que refletir e colher tudo que lhe davam de mão beijada.

Ele tinha sempre uma mania interessante de perguntar “*O que é isso?*”, a princípio me gerava “incômodo”, parecia esquecer as coisas, coisas tão simples como o nome dos objetos e até certos conceitos, eu muito atenciosa e observadora sempre respondia aos seus apelos e recebia como devolutiva um “*Ah, tá!*” (era como se fosse um muito obrigado por manter-me na minha zona de conforto).

E foram esses “incômodos” que também levantaram minhas dúvidas quanto ao seu **silêncio**¹⁹ em sala. Eu procurava sempre sentar ao seu lado e de Joice, inicialmente apenas observava, mais adiante passei a dar algumas sugestões, até para ver se Miguel quando provocado colocava o seu pensamento em movimento.

As atividades desenvolvidas nos livros didáticos são as que me causam inúmeras dúvidas e conflitos... Miguel e Joice fazem a leitura dos comandos das questões, ele aguarda quais serão os direcionamentos para a resolução do que é pedido. A atividade centra-se em uma interpretação de texto. Os dois voltam à página em que encontra-se o texto em busca da resposta, ele perdido se deixa conduzir pelos dedos de Joice ao encontro do esperado “x” da questão.

Pergunto a Joice se não seria interessante que ele lesse sozinho o comando e discutissem o que estava sendo pedido, relembassem aspectos do texto que possibilitassem responder a questão e que se necessário fizessem novamente a leitura do texto. Nesse momento viajei um pouco e até pensei que Miguel pudesse desenhar o texto, construir imagens, unir imaginação e realidade apoiado em sua memória e produzir sentidos subjetivos acerca daquilo tudo, poderia ser uma forma de envolvê-lo melhor na atividade. Não socializei... Mas Joice, sempre muito disponível, passou a trabalhar a atividade buscando as

¹⁹ Quando utilizo essa palavra silêncio na verdade coloco-a não no sentido de calar-se, mas de permanecer inerte a todas as ações experimentadas na sala de aula.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

reflexões de Miguel, por vezes vinham respostas aleatórias, outras assertivas. Ele pareceu não gostar muito de ser “cutucado”, às vezes fingia não ouvi-la.

Eu e Joice passamos a conversar mais acerca de Miguel e suas dificuldades enfrentadas no desenrolar das atividades, discutíamos sobre como ao invés de respostas dadas ela poderia tornar as intervenções mais mobilizadoras e descobrir quais os nós do processo. Figurativamente falei-lhe:

“Sabe esses cutucões que você dá em Miguel para que ele retome a atenção em suas atividades? Procure fazer isso com os seus pensamentos, coloque ele para refletir sobre o que faz, deixe ele falar, conecte-se ao que ele diz e quem sabe assim você descobre que caminho ele está percorrendo para desenvolver a atividade? Olha, se eu estiver sendo chata e interferindo no seu trabalho, pode dizer.”

Joice fez algumas colocações dizendo que já trabalhava dessa maneira, agradeceu-me e disse que toda ajuda é sempre bem-vinda. Foi daí que essa história de “*cutucar pensamentos*” surgiu. Mas passou a dar mais ênfase aos pensamentos de Miguel, deixá-lo perceber seus erros, analisá-los, refleti-los e retomá-los.

Como aponta González Rey (no prelo) aprender é uma produção subjetiva do sujeito em que a imaginação e a fantasia são partícipes desse processo como recursos geradores e inseparáveis da reflexividade da criança. Encontrar outros recursos que favoreçam o potencial criativo de Miguel podem ser momentos de subjetivação favoráveis à sua aprendizagem e desenvolvimento e configuração de uma personalidade saudável.

Conversando com Anita sobre os aspectos observados nesse tempo de acompanhamento a Miguel e sobre a forma como operava com os conceitos propus que planejássemos ações que envolvessem aquilo que de fato chamava a sua atenção, o uso de novelas e atrelado a isso o teatro e fantoches, mas que essas ações não atrapalhassem a sua dinâmica na organização dos conteúdos a serem trabalhados. Anita demonstrou acolher a sugestão, colocou algumas questões em relação ao projeto que estava sendo desenvolvido pela escola e que poderíamos ir inserindo essas ideias ao planejamento. E assim começamos nossa jornada de planejamentos nos encontros de sexta-feira, dia de coordenação pedagógica de Anita.

Começamos levantando tudo que seria necessário em relação aos conteúdos e como direcionaríamos esse trabalho com Miguel, no caso, como eu poderia fazer a intervenção junto a Joice, pois a mesma nesses momentos acompanhava Miguel em sala e não podia participar de nossos empreendimentos pedagógicos.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Preparamos uma semana de planejamento envolvendo jogos, filme, imagens, documentário, produções escritas, pesquisa e teatro respeitando as especificidades do trabalho desenvolvido pela escola até porque eles fariam uma feira de ciências e a turma de Miguel estava responsável pelos animais do gelo e fariam um estudo aprofundado dessas espécies para exposição.

A ideia de adentrar os planejamentos e discutir um pouco das impressões acerca das observações com Anita e Joice seria perceber seus enfrentamentos diante do curso da aprendizagem e do desenvolvimento de Miguel, seria também analisar como impulsioná-lo a sair da zona de conforto na qual percebi colocar-se em sala de aula e como esse espaço de subjetividade social pode ser convidativo ao desenvolvimento de sua subjetividade individual permitindo a possibilidade de Miguel posicionar-se singularmente nesse contexto.

A segunda-feira foi marcada pela análise de gravura no livro didático, a gravura continha pinguins no Ártico e foi embalada pelo levantamento de hipóteses das crianças e pela análise do globo terrestre. Miguel apenas deixava seus olhos correrem de um lado a outro e não tomava conhecimento do assunto. Aproximei-me de Joice e juntamente com ela fomos dando o tom da intervenção procurando mergulhá-lo na figura, buscar suas sensações, levantar um pouco dos seus saberes a respeito do assunto. Pescamos Miguel para perto do globo incentivando os colegas a localizá-lo no espaço, favorecendo a comunicação entre os pares, fazendo um interjogo comunicativo. As crianças ficaram em polvorosa e todas queriam dar informações preciosas a Miguel.

Miguel ria e perguntava pelas cores, dialogava sobre os mares, sobre os pólos e produzia sentidos subjetivos que indicavam que o seu silêncio era a falta de provocação do seu pensar e configuravam subjetivamente um menino que sabia o que queria: aprender. Nesse dia as perguntas de Anita não foram em vão, tiveram respostas firmes.

O fantoche não ocorreu, mas o teatro na quarta-feira agitou sem dúvida aquela turma. Ficaram tão entusiasmados com a atividade que a divisão de papéis foi tumultuada. A novela a ser encenada era “Cordel Encantado”, na época televisionada pela Rede Globo no horário das 18h. Os personagens principais de nossa cena seriam Jesuíno, Zóio Furado, Açucena, o Padre, Timóteo e alguns capangas. Encenaríamos o casamento forçado de Jesuíno que foi a cena assistida e escolhida pela turma. A intenção do teatro seria ver como Miguel operaria com conceitos partindo da novela como ponto de apoio. Os conteúdos selecionados pela professora para adentrar a situação trabalhada foram: forma de governo e adjetivos pátrios.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Na verdade essa atividade com o teatro era uma possibilidade de colocar a imaginação de Miguel a favor de sua aprendizagem e desenvolvimento. Vigotski (1930/2009b) coloca que a imaginação depende da riqueza e da diversidade da experiência da pessoa, ou seja, que quanto mais rica for a sua experiência, mais rica será a sua imaginação. As novelas corroboram para a atividade criadora de Miguel, aliam-se às suas histórias, imaginação e realidade se encontram e no caso dele são partícipes da sua organização subjetiva, ajudam na regulação de seu comportamento.

Nesse dia nós já havíamos traçado quem seria Miguel, seria o nosso Jesuíno, o cangaceiro guerreiro que ele sempre relatava ser na equoterapia e na própria escola para seus colegas, mas ele foi sujeito de sua novela e decidiu que seria Zóio Furado. Deixe-me explicar: nessa cena escolhida pelas crianças o Jesuíno seria levado à forca por seu rival Timóteo, e mesmo tendo que contracenar com sua amada Açucena, que seria vivida por Malu, sua amada na vida real, ele não queria experimentar o sofrimento e preferiu ser capanga. Esse posicionamento de Miguel é um indicador de que a realidade e fantasia para ele possuem uma relação tão íntima passível de ser encarnada que o impulsionam na tomada de decisões que o favoreçam. São elementos simbólicos e emocionais que se organizam frente a certos contextos em que aparecem configurações subjetivas de enfrentamento.

Inserir toda a turma em um contexto novelístico conectou Miguel com seus colegas. Na hora do lanche eles conversavam sobre como seria a cena que encenariam. Miguel dava alguns toques sobre como alguns personagens se comportavam para seus colegas. Pouco depois chega perto de mim e comenta que a Joice será a Antônia, uma mocinha da novela, pergunto porque, mas ele não me dá ouvidos.

Ele é o centro das atenções da turma, sabe tudo sobre a novela, é sujeito de si, toma posicionamentos diante dos colegas, encontra recursos subjetivos para lidar com as situações surgidas sem auxílio de ninguém, direciona os amigos sobre a cena a ser encenada, conversa com o elenco, a produção de sentidos subjetivos de Miguel apontam um sujeito que vai se reposicionando nesse espaço social, encontrando em seus saberes uma forma de posicionamento e adentramento no grupo.

Após o recreio demos início à tão esperada dramatização da cena, eu funcionava como a diretora, Anita foi o padre e a diversão estava completa. Miguel era a expressão da maldade, fez cara de gente mau, conduzia Jesuíno à forca a mando de Timóteo sem dó nem piedade, seu corpo expressava a sua dureza. Nesse momento percebo na dureza do corpo de Miguel os

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

registros históricos e sociais que o constituíram enquanto sujeito de cultura e que são responsáveis pela teia simbólica e emocional que vem à tona, são expressões que revelam suas emoções no momento atual da experiência vivida. Açucena mais mandava e desmandava do que chorava, parecia que Timóteo que casava à força. Enfim a cena estava gravada e todos muito alegres e impactados pela atividade, era um tititi na sala.

Anita conduziu todos aos seus lugares e levantou as hipóteses necessárias para chegar aonde queria: nas formas de governo e nos adjetivos pátrios. Foi tecendo a trama da novela com os aspectos reais vividos pelas crianças e fazendo registros no quadro, todos participavam e Miguel estava entre os mais empolgados. Enquanto isso eu ia fazendo a intervenção dos aspectos não compreendidos e pedindo auxílio ao colega que estava sentado ao lado, procurava deixar fluir o seu pensamento, analisando os seus nós no processo, provocando e confrontando o seu pensamento. Propus um diálogo com o par ao lado, impulsionando a organização subjetiva de Miguel na busca de recursos que promovessem o seu envolvimento com a atividade e a sua produção de sentidos subjetivos.

Descobrir caminhos isotrópicos em sujeitos com necessidades educacionais especiais não é fácil quando não nos disponibilizamos a enxergar o outro como sujeito de possibilidades. Envolvimento é uma via de mão-dupla, diálogo não é monólogo, qualidade nas relações não é assimetria, escuta sensível é imprescindível. Miguel deixou claro que a aprendizagem é uma produção de sentido quando existem ações favoráveis e simétricas que impulsionem e não paralisem e que a qualidade das relações estabelecidas nesse espaço de aprendizagem e desenvolvimento são imprescindíveis à configuração de uma personalidade saudável que implique o domínio da própria conduta.

Chegar até esse ponto foi um longo caminho, exigiu a mudança de instrumentos, a abertura de canais dialógicos e o enfrentamento de situações inesperadas.

Os momentos em que participei da intervenção de Miguel, as conversas com Anita e Joice no decorrer da pesquisa, as análises levadas ao contexto da equoterapia e divididas com Gabriel me levaram a crer que a aprendizagem e o desenvolvimento exigem parcerias, implica trocas, discussões, reflexões, tensões e conflitos. Não podemos pensar que o trabalho no isolamento seja profícuo. Miguel precisava dessa articulação, de parcerias, de pessoas que o enxergassem enquanto um sistema gerador em movimento.

Dessa forma a articulação entre escola e equoterapia exige intercâmbio, assim como qualquer outra atividade em que a criança esteja envolvida precisa de espaço para ecoar na

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

sala de aula. A possibilidade de colocar Gabriel a par dos sucessos e descompassos de Miguel na escola fazia com que ele planejasse suas ações voltadas para as suas necessidades, fazia-o entender melhor suas ações e redirecioná-las quando necessário, levava-o a compreender que não somente o cavalo era um facilitador do processo terapêutico, mas as suas intervenções conectadas à criança. Miguel não estava implicado pela deficiência, ele estava implicado pelo desconhecimento em entendê-lo enquanto ser pensante, ativo e de posicionamentos.

As ações de Gabriel ecoavam na escola e mesmo sem saber Anita e Joice compartilhavam dos benefícios terapêuticos propiciados pela equoterapia. Miguel aos poucos deixava fluir em sala a sua capacidade reflexiva nas atividades, nos desenhos e nas pinturas.

Nesse sentido, os descompassos de Miguel na escola estavam relacionados à forma de operar com recursos que ele não compreendia o que o levava a atuar de forma mecânica não impulsionando os seus recursos subjetivos nesse processo. O que demonstra que tarefas despersonalizadas distanciam a criança do processo de desenvolvimento e aprendizagem.

6.3.2. A equoterapia: o protagonismo do sujeito

Gabriel é o equitador da equipe, trabalha com as crianças do programa de educação/reeducação na equoterapia, é professor da SEEDF e antes de fazer parte do grupo atuava no Centro de Ensino Especial. Atendia três crianças na época da pesquisa, todas diagnosticadas com síndrome de *down*, dentre elas Miguel. Era notável o quanto Miguel estimava a sua relação com Gabriel, o chamava de amigo e era só sorrisos e carinhos com seu parceiro. As sessões iniciavam sempre com um diálogo caloroso entre os dois, Gabriel sempre solicitava a Miguel que contasse o seu dia na escola, as tramas vividas e a partir daí iniciava o seu trabalho. Miguel tinha uma liberdade “dirigida”, suas colocações eram sempre motivos de interesse de Gabriel que perspicazmente utilizava-as em prol do atendimento. A qualidade da relação estabelecida entre os dois era notável.

Gabriel disponibilizou-me uma abertura valiosa em seus atendimentos, era sempre solícito às minhas dúvidas constantes e abria espaço para que de certa forma eu também atuasse como parte da equipe e desse vazão às minhas especulações, ideias e sugestões. Eu não me via apenas como pesquisadora, mas como parte atuante da equipe. Essa maneira de me enxergar como alguém que não estava ali para fiscalizar ou avaliar o seu trabalho foi o

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

diferencial na relação que estabelecemos o que também impulsionou a minha aproximação a Miguel.

Chamou-me a atenção o interesse de Gabriel pelos pontos que eu destacava em nossas conversas acerca do desenvolvimento de Miguel na escola, colocava-se sempre atento às minhas percepções sobre Miguel. Nossos diálogos estavam sempre permeados por trocas de experiências e possibilidades de alavancar o desenvolvimento de Miguel.

Em nossas conversas Gabriel deixava clara a necessidade de planejar suas ações e o quanto a falta do planejamento acarretava insatisfação e impossibilidade de concretização dos objetivos propostos. Mas é interessante desfazer uma possível visão de Gabriel enquanto alguém que enxergue nesse planejamento um engessamento ou uma diretriz rígida que formate a sua ação quando coloca que: *“Por mais que planejemos a gente vê que a execução nunca é igualzinha porque a gente tem ali momentos muito diferenciados.”* Essa fala revela a percepção de Gabriel em ver a dinamicidade da ação, a exigência que ela revela diferentemente dos registros pontuais, o que o coloca em constante movimento e atenção. Portanto enxerga nesse planejamento uma organização, mas não uma lista de fazeres desconectados do movimento da criança ali atendida.

Quando via Miguel ali ao lado de Gabriel na equoterapia tão desprendido e espontâneo eu me perguntava qual o diferencial desse espaço...

Miguel chega sempre cedo ao espaço da equoterapia. Quem o vê nesse contexto tão saltitante, falante e comunicativo de longe o associa àquela figura observadora da escola. Cumprimenta a todos com enorme sorriso, é figura cativa. Vez ou outra passa direto senta-se à mesa, acompanhado de sua mãe, para fazer seus deveres de casa da escola enquanto sua sessão não começa. Enquanto isso o “mediador”, o guia e a auxiliar preparam o seu cavalo com os instrumentos adequados às suas especificidades.

Gabriel é a pessoa que coordena o seu atendimento, eu não o colocaria como o mediador, mas como o provocador, como o organizador do contexto de atendimento, aquele que fará as intervenções, que escolherá os mediadores a favor dos processos de aprendizagem e desenvolvimento de Miguel. Quando Vigotski (1924-1935/1995) aponta o papel dos signos e das ferramentas na transformação da natureza pelo homem e da implicação dessa transformação em sua própria natureza aborda a atividade mediadora desses meios no comportamento do homem e enfatiza a diferente orientação de ambos e a forma como eles vão impulsionar as suas funções psíquicas superiores, dessa forma vale ressaltar que ninguém

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

media ninguém. Por isso, optou-se nesse trabalho na não utilização do termo mediador como usualmente é encontrado na literatura vigente da equoterapia.

Gabriel foi acolhedor, sempre deixou as portas da observação e da intervenção abertas e foi essa abertura que nos lançou na possibilidade de colher bons frutos ao lado de Miguel. As observações sempre foram um ponto de reflexão desde o começo, todos os dias havia espaço propício a perguntas e respostas.

Inicialmente procurei aproximar-me de Miguel nesse contexto, afinal tinha diante de mim dois sujeitos e percebia claramente que ali naquele espaço podíamos estar mais próximos, tínhamos mais tempo para conversar. Procurei organizar dois momentos com Miguel na equoterapia: primeiramente o acompanhamento das sessões de atendimento e logo após, momentos de diálogos, contação de histórias, desenhos, algumas vezes o próprio acompanhamento de suas tarefas escolares dentre outras situações que propiciassem provocar as suas expressões.

As primeiras observações foram reveladoras, longe de alguém que se colocava em uma zona de conforto na espera de respostas e diretrizes para o seu comportamento Miguel demonstrou-se independente e Gabriel impulsionava-o a ser um sujeito de posicionamentos naquele espaço.

Como provocador Gabriel incentivava Miguel a estabelecer uma relação amistosa e de respeito com o seu animal, o início era norteado pelo cumprimentar da égua Flor, que a princípio era o animal mais indicado ao atendimento de Miguel por suas especificidades, portanto sua andadura, seu dorso macio e seu temperamento eram considerados. Um beijo e um longo abraço zeloso com um passar de mão, leves batidinhas em seu pescoço e um “*Oi Florzinha*” selavam o início da sessão, essa atitude de Miguel era um indicador de que a qualidade da relação existente entre ele e o seu animal possibilitava uma conexão essencial ao momento vivenciado e era a condição para que as suas produções de sentidos subjetivos pudessem ser provocadas mobilizando a sua organização subjetiva e promovendo o seu desenvolvimento.

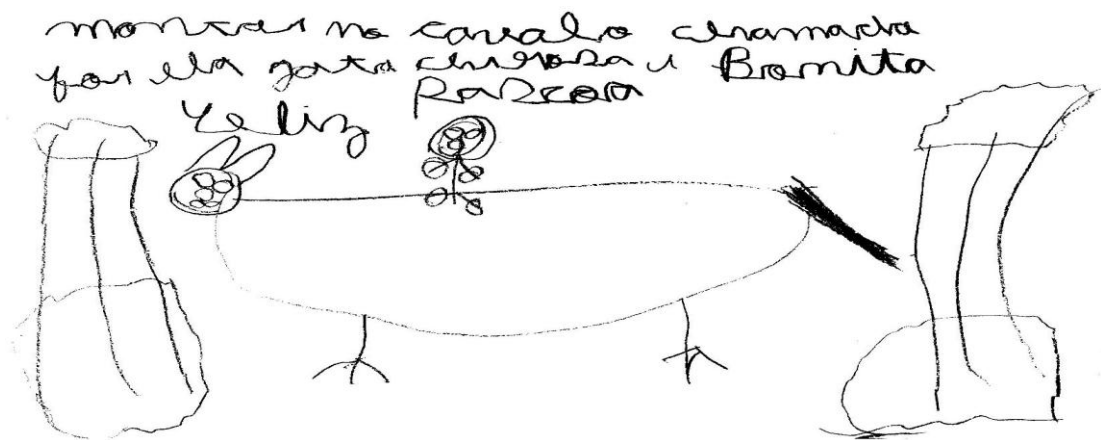
Logo em seguida Gabriel sinalizava o percurso e as ações planejadas. Embaixo da sombra convidativa das árvores era dada a orientação para o alongamento, Miguel fazia a contagem de cada parte do corpo que alongava e me intimava a fazer os movimentos conjuntamente. Terminado o alongamento íamos para um novo espaço, as árvores eram condutoras da atividade planejada por Gabriel, ele discutia com Miguel o percurso a ser

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

percorrido com o cavalo, explicava-lhe como seria o trajeto entre elas, desenhavam ziguezues no ar, quadrados, retângulos, oitos e discutiam o nome das figuras, ao mesmo tempo em que as contavam e faziam situações-problema intermináveis ao passo do cavalo. Miguel se posicionava como sujeito e queria fazer tudo sozinho, conduzir o cavalo sozinho, sem auxiliar lateral, sem guia e sem Gabriel. Ele era tão sorridente e expressivo, tão imponente em seu cavalo, autoritário por vezes que Gabriel fingia que ele que mandava.

Essas expressões de Miguel indicavam que a qualidade da relação estabelecida com Gabriel dava-lhe segurança para manifestar-se, para participar das decisões tomadas e também tomar decisões. Gabriel promovia sentimentos de segurança e autoconfiança em Miguel e isso corroborava para a produção de sentidos subjetivos que provocassem a expressão de bem-estar e espontaneidade que ali apareciam.

Em um dos momentos depois da sessão sentei com Miguel para que conversássemos sobre aspectos relacionados à escola e à equoterapia, depois de uma longa conversa pedi que desenhasse o que mais gostava naquele espaço. Ele não quis usar lápis de cor, mas o desenho relata bem as questões supracitadas.



Desenho de Miguel realizado em 02/05/11

Depois que ele terminou o desenho fiz algumas indagações:

P: O que você gosta aqui na equoterapia?

M: Montar no cavalo.

P: Você gosta da sua eguinha?

M: Ahã.

P: Como é que é o nome dela?

M: Flor.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

P: *O que você faz aqui?*

M: *Dou banho no cavalo.*

P: *Como você está se sentindo? (Pergunto em relação a ele no desenho que fez) Você está sorrindo?*

M: *É.*

P: *Você está feliz?*

M: *Ahã. Feliz Páscoa! (Aponta no desenho)*

P: *Por que Feliz Páscoa?*

M: *Porque é bom.*

Essas questões marcam que as experiências vividas por Miguel na equoterapia são momentos de subjetivação, pois são situações que promovem o seu envolvimento e participam da sua organização subjetiva o que indica que são também expressões provocadoras de expressões simbólicas e emocionais. O desenho e a fala de Miguel expressam as produções de sentidos subjetivos que se desdobram no momento da experiência e que carregam situações e emoções vividas em outros contextos. O desenho era a expressão da atividade vivida no momento atual, o machucado na testa da Flor que o marcou, no caso aparece abaixo do nariz, as folhas das árvores, que podem ser vistas no amontoado junto ao tronco, mas em sua fala ele resgata aspectos experimentados em outros momentos vividos no espaço da equoterapia e da própria escola.

Gabriel dava espaço para as fantasias de Miguel. A cada sessão ele encarnava um personagem diferente ou relatava cenas assistidas, as novelas não passavam despercebidas, eram aproveitadas na sessão. E foi exatamente no acompanhamento de uma dessas sessões com sinopses de novela que percebi algo que merecia destaque no dia, exatamente a forma como Miguel operava com conceitos.

No percurso traçado para o dia, Miguel iniciou o relato de uma cena da novela das 21h televisionada na época na emissora Globo chamada “Insensato Coração” - “ *A Norma descobriu que o Léo não era o Armando*” - Gabriel atento à sua fala logo perguntou-lhe: “ *Quer dizer que hoje ela tira o seu cobertor?*” E ele firmemente repete: “ *Não, ela **descobre**²⁰ que o Léo não é o Armando.*” Em vista desse detalhe peço a Flora, uma das pessoas que nos acompanham nesse dia, que pergunte a Miguel o que vem a ser descobrir. É claro que ele conceitualmente não apresenta o que venha a ser a palavra, mas sua fala evidencia que

²⁰ Grifo meu.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

percebe claramente as diferenças em que descobrir seja desvelar, saber e descobrir no sentido de retirar, deixar à mostra.

O que quero trazer com esse exemplo vivido em um dos momentos das sessões observadas é dizer que esse ponto foi um atravessador entre escola e equoterapia de certa forma. Gabriel começou a perceber que o não entendimento de Miguel de certas palavras envolvidas no contexto de seu atendimento prejudicava toda a atividade desenvolvida com ele e um desses exemplos foi a palavra equipe. Miguel precisava trabalhar conjuntamente com um outro colega do espaço da equoterapia para uma competição, mas não conseguia compreender o que queria dizer trabalhar em equipe. Gabriel lutava de todas as formas em dizer *“Vocês são uma equipe, precisam trabalhar juntos”*, mas para Miguel esse conceito não fazia o menor sentido e ele continuava a adotar ações individualizadas. Pedi que Gabriel tentasse explicá-lo sobre o que fosse uma equipe, ele continuou sem entender e toda a atividade foi prejudicada.

Ao final desse dia conversamos sobre esse aspecto peculiar do funcionamento psíquico de Miguel, sobre como ali na equoterapia poderíamos nos aliar para descobrirmos como ajudá-lo a operar com conceitos de maneira que isso impactasse em suas aprendizagens e desenvolvimento tanto nesse espaço quanto na escola. Nascia ali uma parceria.

Gabriel é uma pessoa que se percebe em construção, não foi apenas uma palavra que completasse uma sentença, mas efetivamente era aberto ao conhecimento, mais tarde em um dos diálogos que tivemos desabafou: *“O conhecimento é uma ferramenta para o dia a dia da gente, né? Quando a gente se vê limitado ali, pôxa, sem uma ferramenta praquilo que vai dar uma impulsão no seu trabalho, a gente fica meio triste. Parece que num tá rendendo, né?”*. A expressão de Gabriel é um indicador de que o conhecimento é um fator de mobilização do seu trabalho e que estar em busca desse movimento de conhecer algo é uma possibilidade de romper com a limitação, de não estar inerte.

Em virtude de nossa conversa transformei-me em elo entre esses dois espaços: escola e equoterapia. Os aspectos observados na escola passaram a ser um ponto de reflexão para Gabriel e, por conseguinte, os descompassos de Miguel passaram a ser condutores no planejamento do atendimento.

O que quero dizer é que pudemos aliar as situações vividas por Miguel na escola ao auxílio do cavalo conjuntamente à intervenção de Gabriel como potencializadora de expressões simbólicas e emocionais na equoterapia por meio de ações que promovessem a

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

impulsão de seu funcionamento psíquico gerando o seu desenvolvimento e a sua organização subjetiva. Quando destaco “situações vividas por Miguel” quero ressaltar não a reprodução de fatos vividos em um outro espaço, mas trazer à tona suas expressões frente às habilidades e conteúdos desenvolvidos: o silêncio, a dispersão, o assujeitamento, dentre outras.

Com o propósito de colocarmos em prática as questões discutidas pedi licença a Gabriel para adentrar o planejamento do atendimento de Miguel partindo da análise do estudo de caso feito pelo grupo equoterápico com as diretrizes a serem trabalhadas: os objetivos delineados e as estratégias ressaltadas no documento, o que já é de praxe. Mas o que foi diferenciador nesse processo foi discutir com Gabriel as suas intervenções, como sintonizá-las com o pensamento de Miguel colocando-se como provocador e mobilizador desses pensamentos buscando perspicácia em se conectar às suas necessidades, abrindo um canal dialógico e imprimindo qualidade à relação com ele.

A postura de Gabriel diante dessa parceria revelava a sua inquietude em compreender como esse contexto social de atuação que é o atendimento pode ser organizado, assim como também entender que a escolha de mediadores possibilitaria impulsões à aprendizagem e ao desenvolvimento de Miguel. Suas produções de sentidos subjetivos revelavam o encontro das novas experiências com as velhas, frutos desse espaço de subjetivação que é o trabalho com a equoterapia, o que o fazia também transitar por sua prática pedagógica vivenciada em outros momentos e espaços para dar cor ao que estava por vir.

“Na equoterapia eu me sentia muito mal no início quando eu sabia muito pouco, eu sentia que eu tava dando voltas com o cavalo com a criança igual a qualquer pessoa poderia fazer e a partir do momento que eu comecei a pesquisar mais, eu vi que eu podia fazer muito de imediato e melhor em situação de aprendizagem e desenvolvimento daquela pessoa que estava ali.” (Gabriel, 03/11/2011)

A fala de Gabriel é um indicador de que esse saber muito pouco não é um fator paralisante que o desmotive na busca por fazer melhor e nos indicam um sujeito que se coloca em movimento diante do não conhecido e que se disponibiliza a aprender.

Realmente essa é uma expressão que conduziu a nossa relação, pois a princípio quando perguntado sobre como organizava suas intervenções e quais os aspectos eram priorizados respondeu:

“Nos atendimentos aos quais participo trabalho muito aspectos relacionados à montaria e na relação entre a equipe equoterápica, praticante e cavalo. São priorizados aspectos relativos à segurança na montaria, a conduta autônoma do cavalo, a parte física, lateralidade, exercícios, alongamentos, noção espacial.”

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A relevância dessa fala para mim é que ela não marca propriamente a ação de Gabriel no contexto social de atendimento de Miguel, o que mostra os aspectos contraditórios de como o sujeito se vê diante de suas ações. Por mais que dissesse que suas ações eram restritas ao campo da equitação ele conduzia o atendimento implicado pelas necessidades pedagógicas pertinentes ao momento, mas não tinha consciência de como esses aspectos estavam entrelaçados à sua condução com Miguel.

Dessa forma a nossa parceria indicou que esses aspectos estavam mais participantes em sua prática do que ele podia imaginar e as conversas travadas nesse ínterim descortinaram esse entendimento fazendo com que Gabriel desabrochasse o seu repertório pedagógico a favor da amplitude de sua ação e das possibilidades de desenvolvimento de Miguel.

Dessa parceria surgiram três planejamentos por meio da análise dos documentos da equoterapia no intuito de alavancar o desenvolvimento de Miguel. Como nessa época ele estava estudando os animais e suas características, procuramos dar espaço na equoterapia às experiências ocorridas na sala de aula observando os aspectos peculiares de seu funcionamento psíquico para a conexão com as suas necessidades e intervenção.

O primeiro momento planejado começa na selaria, local onde ficam armazenados todos os instrumentos a serem utilizados com o cavalo: selas, cabeçadas, baldes de alimentos e de ferramentas de uso exclusivo de cada cavalo, estribos, mantas, cilhões e capacetes. Quem direcionou a atividade foi a auxiliar lateral Ingrid. O objetivo proposto para Miguel era organizar o material a ser utilizado com o seu cavalo na sessão nomeando-os e discutindo suas diferentes finalidades.

Ingrid explicou-lhe o que deveria ser feito primeiramente - pegar o balde em que continham os materiais de uso de seu cavalo - mas ele sempre fugia as regras. Na parede da selaria ficavam afixadas as fotos com o nome dos cavalos, logo abaixo delas um preguinho onde ficavam penduradas as cabeçadas e logo abaixo o balde de materiais contendo: rasqueadeira, escova, limpador de ranilha e toalha. Miguel deu um novo tom para o planejamento, contou todos os baldes, leu o nome de todos os cavalos, olhou balde por balde e descobriu que a toalha que estava no balde de seu cavalo não pertencia a ele e cobriu Ingrid de perguntas levando-a a procurar a tal toalha. Logo após posicionou-se onde ficavam as mantas, os pelegos e as selas para separá-los para o uso.

Miguel era convidado a nomear cada objeto e a discutir sua finalidade o que o forçava a pensar sua experiência, pois esta trazia à tona o como eles estavam dispostos em seu cavalo

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

e o como de certa forma ele utilizava-os. O envolvimento de Miguel com a atividade era percebido através de um misto de ansiedade e curiosidade. Seu olhar atento e sua postura independente e espontânea marcavam o posicionamento ativo de quem é convidado a ser sujeito, suas expressões indicavam a forma como mobilizava o pensamento e como as emoções ali sentidas poderiam estar indicando um momento propício para o desenvolvimento de novos sentidos subjetivos nessa atividade.

Imediatamente após a seleção dos instrumentos a serem utilizados Miguel foi conduzido ao encontro de seu cavalo, com o balde em mãos Ingrid mais uma vez o convidava a descobrir como tudo aquilo seria utilizado com o Trovão, seu novo cavalo. Depois de descobertas as finalidades era hora de colocar aquilo tudo a favor da aprendizagem de Miguel. Naquele momento ele aprendeu a rasquear o cavalo, a escová-lo, a limpar suas ranilhas (uma parte saliente e mole na planta do cavalo que acumula sujeira) e a prepará-lo para o atendimento. Toda essa situação de aprendizagem ocorria com o auxílio de Gabriel e Ingrid, que iam nomeando para Miguel cada parte do cavalo à medida que ocorria a atividade.

Miguel estava tão envolvido com os diálogos e com o ato de preparar seu cavalo que se apropriou da situação, dizia saber fazer tudo sozinho e era instigado a isso, Gabriel e Ingrid apenas conduziam como deveriam ser os movimentos para limpar o animal. Nesse comportamento se expressa como o bem estar no relacionamento, e o fato de ser reconhecido como ele é num espaço de ação, associam se a maior segurança e disposição para atuar, o que é um indicador importante da emergência de uma nova configuração subjetiva no espaço da equoterapia que, sem dúvidas, poderá ser uma fonte de novos sentidos subjetivos na escola. Essa situação mostrava o quanto a qualidade da relação estabelecida por eles fortalecia a autonomia, a aprendizagem e o desenvolvimento de Miguel, havia uma conexão com o pensar e o sentir dele e as intervenções revelavam a perspicácia de como essa sintonia com suas necessidades se dava.

Miguel era provocado a pensar sobre a experiência vivida e sobre como se sentia e aprendia, Gabriel e Ingrid também procuravam fazer a conexão dessa experiência com as já aprendidas em sala de aula sobre as características e temperamento dos animais. Os conceitos ali produzidos mostravam a colaboração de Ingrid e Gabriel nesse processo o que promovia de acordo com Vigotski (1934/2009a) o amadurecimento de suas funções psicológicas superiores, longe de assimilações e memorizações.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A liberdade de atuar era expressa por falas que indicavam uma satisfação com aquele momento: “*Legal*”, “*Eu sei fazer sozinho*”, “*O que é isso?*”. Essas expressões a meu ver são elementos que indicam a configuração subjetiva de Miguel no espaço da equoterapia, um sujeito ativo, comunicativo e autônomo.

Nesse mesmo dia Miguel experimentou dialogar sobre os movimentos do cavalo, expressar sensações sentidas, fazer comparações entre ele e o cavalo, bem como descobrir a diferença entre a sua medida e a do cavalo utilizando barbante. González Rey (2011c) traz uma relevante colocação acerca do caráter do defeito quando assertivamente diz que o desenvolvimento dessas crianças esbarra-se nos processos inadequados de socialização e ensino em que a qualidade das relações e as práticas sociais são assimétricas e que esses processos afetam o desenvolvimento de suas personalidades. O envolvimento de Miguel nas atividades é uma fonte de emergência de sentidos subjetivos que o impulsionam a ir além de suas dificuldades.

O segundo momento foi marcado pela visita aos potros da equoterapia, Miguel primeiramente ajudou na arrumação do cavalo, Gabriel pontuou para ele os aspectos que seriam trabalhados nessa sessão lembrando os experimentados na sessão anterior. Antes do início do percurso Miguel experimentaria a sensação, de analisar os seus batimentos cardíacos e os do cavalo, antes durante e depois da sessão. Ficou tão empolgado que queria sentir os batimentos de Gabriel e fazia comparações sobre o ritmo das batidas sentidas. Durante o percurso Miguel foi convidado a fechar os olhos e a sentir os movimentos do cavalo, o barulho dos seus passos marcados no chão, os ruídos que a natureza ali tão disposta tinha a oferecer: o sopro do vento nas árvores, o cantar dos pássaros, as pessoas conversando, e enquanto isso ia deitado sobre o dorso do cavalo totalmente relaxado. Chegando ao local onde estavam os potros ouviu a história de como nasceram, de como se comportavam, sobre como a égua mãe os acalentava e sobre os cuidados necessários com esses futuros participantes do atendimento. O retorno foi compassado pela música que havíamos escolhido para ensiná-lo com o intuito de trabalhar a sua atenção, memória e concentração. A música da “Velha” foi trabalhada como se fosse uma dramatização, Miguel assumiu o papel do gato, Mariana (colega nova no atendimento) do cachorro e Gabriel do rato e eu fazia a vez da velha. Havia uma organização subjetiva nas ações de Miguel implicada pelas emoções ali envolvidas que nos mostravam que a natureza desses processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores ocorrem dentro de uma teia simbólica e emocional por meio do envolvimento da

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

pessoa na experiência vivida o que evidenciava o caráter gerador das emoções impulsionando a aprendizagem.

O último momento foi organizado de maneira a colocar Miguel como auxiliar no trabalho com os dois outros colegas. Dessa forma foram priorizadas situações em que Miguel tivesse espaço para conduzir o trabalho. As outras duas crianças também tinham o mesmo diagnóstico de síndrome de *down* e estavam implicadas por descompassos que iam desde a linguagem à familiaridade com as palavras. Portanto era necessário atender essas especificidades e como Miguel era comunicativo e por vezes tirava a oportunidade dos outros participarem o colocamos como peça central do atendimento nesse dia.

Inicialmente foi realizado o alongamento, Miguel sugeria os movimentos com os braços e pernas sobre o dorso do cavalo e direcionava Mariana e Gustavo indicando a forma correta de proceder. Fazia as contagens necessárias para cada movimento e Gabriel conduzia-o a abrir espaço para que os outros também contassem. Logo depois seguimos para a sombra das árvores onde Gabriel trabalhou a condução do cavalo em zigue-zagues, a formação do oito entre as árvores e a forma do retângulo contornando as mesmas. Após as instruções eles costumavam desenhar no ar as formas antes de efetivamente começar a atividade. Como disse anteriormente, essa era uma oportunidade de trabalhar com os números, contar as árvores e saber quantas formava o retângulo e seus devidos lados, o trabalho com zigue-zagues também envolvia o reconhecimento de pares de árvores, o controle do cavalo. Enfim, Gabriel provocava as crianças a discorrer sobre o que faziam, buscava no conhecimento delas o ponto de apoio para novas aprendizagens e conduzia seus pensamentos buscando elementos que o norteassem nessa caminhada.

A princípio pareciam complexas para as crianças as proposições apresentadas por Gabriel, mas sua intervenção os provocava a sair da zona de conforto. Ao final desse dia, em roda, relembramos a música da “Velha” dramatizando os animais envolvidos e a própria personagem, nesse dia Miguel foi convidado a ensinar como procederíamos a Gustavo que havia faltado, o fato é que Miguel ali não era um personagem, era protagonista de sua história, de sua experiência nesse espaço social. Nesse sentido podemos dizer que a experiência em grupo vivida por Miguel fazia com que o sentido subjetivo sobre a coletividade ali estabelecida tivesse outro significado para ele, não o de distanciamento, mas de entrosamento e participação, o que implica dizer que houve uma reconfiguração subjetiva dessa atividade para ele.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

As experiências vividas ao lado de Miguel no espaço da equoterapia fizeram-me perceber que a qualidade da relação ali estabelecida, a abertura de um canal dialógico propício à escuta sensível e as intervenções em sintonia com o seu pensamento apareciam na escola por meio de elementos simbólicos e emocionais muito sutis, pois promoviam a ele impulsões significativas em sua aprendizagem e desenvolvimento.

Quando tive a oportunidade de planejar com Anita algumas ações e de intervir junto a Miguel em sua sala de aula ao final da pesquisa percebi que as intervenções no espaço da equoterapia voltadas para a atenção, para a memória, para a formação de conceitos e para os posicionamentos diante do que se propunha havia mudado, aquela criança outrora observadora e desconectada se revelava participativa e segura quando convidada. Miguel adotou uma postura reflexiva, e isso era evidenciado em sua fala e conexão com as perguntas da professora. Se a princípio quando havia um convite a participar ele titubeava, agora ele deslanchava a falar e agia com convicção. Seus desenhos mudaram, as cores que antigamente passavam longe do real, agora vibravam realidade. Em um último momento Anita me convidou a apreciar um desenho de Miguel envolvendo a técnica de simetria, ela estava encantada com o que vira, ele realizou a atividade com primor.

O desenho que vi na escola de Miguel trazia novas composições, eram matizes reais de quem passava a lidar diferenciadamente com a realidade, pois por meio da expressão do trabalho com simetria proposto por Anita percebi a acolhida de comandos, o entendimento e posicionamento diante da atividade como também percebi um maior engajamento de Miguel em sua sala de aula. Esses elementos indicavam que Miguel se configurava subjetivamente, que os sentidos subjetivos que ali se organizavam em relação ao posicionamento sobre o conhecimento configuravam em sua personalidade a legitimização da conquista de seu espaço enquanto sujeito.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

6.4. TRAMAS SUBJETIVAS E CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS: A PERSONALIDADE

Massinha “A composição do personagem de uma novela real”

Miguel é uma criança que se utiliza da novela para conectar-se à realidade, insere-se no mundo da imaginação e fantasia para dar cor e magia ao que chamamos de realidade. Adentrar o seu mundo e entender como tece e significa a forma como se vê diante de si e do outro é um elemento imprescindível à pesquisa. Nos inúmeros contatos era visível a forma como se entrelaçava a cada uma das personagens assistidas, neles encontrava um pouco de si, efervescia a sua essência e trazia à tona os matizes de como entendia e desvelava as coisas.

A massinha possibilita a criação, a modelagem de um mundo próprio, com cores e formas de entendimento peculiares que vão surgindo e ganhando vida e é exatamente esse ganhar vida o objetivo desse instrumento. Propor a massinha a Miguel é desvendar esse personagem, desatar os nós e fazer emergir quem é esse ator, é mais que possibilitar uma pura descrição, é construir, dar significado, produzir sentido subjetivo, mergulhar na condição de ser sujeito. Portanto o que se propõe é que escolhamos a novela, sejamos o personagem, nos encontremos nele e façamos nossa história pontuando desejos, angústias, amores, impondo e desmistificando os nossos sentimentos.

Um coração nada insensato

A massinha surge da necessidade de compreender como Miguel se organizava subjetivamente, como a sua relação com o mundo novelístico, precisamente as suas escolhas por determinados personagens e a dimensão da fantasia, da imaginação e da criação que entrelaçadas à realidade configuram a sua personalidade em dados contextos de suas ações sendo partícipes de sua aprendizagem e desenvolvimento. Como aponta Vigotski (1930/2009b):

A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Seria um milagre se a imaginação inventasse do nada ou tivesse outras fontes para suas criações que não a experiência anterior. (p.20)

Isso implica dizer que a pessoa é produtora de sentidos e está constituída como sistema de configurações de sentido ao longo de sua história (GONZÁLEZ REY, 2009). O que nos permite pensar que o processo de imaginação e fantasia ao tomar emprestado esses elementos

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

reais da experiência social do sujeito impulsionam o seu desenvolvimento subjetivo, pois integram os seus conflitos, tensões e momentos contraditórios necessários para a configuração de uma personalidade saudável.

Parece algo “bobo” aos olhos, mas o encantamento desse instrumento é a forma densa e ao mesmo tempo leve de como sujeito e personagem amalgamam-se em sucessivas perdas e retomadas. Portanto, a tentativa era capturar um pouco dessa criança em suas expressões mais espontâneas, percorrer o seu entendimento do outro por meio de suas produções de sentidos subjetivos impulsionando-a por meio da sua paixão por novelas a divagar na fantasia, na imaginação e a trazer à tona como fonte de criação suas tessituras vividas nos diversos contextos transitados, de forma a compreender como estes sentidos dão “alma” à configuração de sua personalidade e como esses elementos vão se desdobrando e promovendo o seu desenvolvimento subjetivo.

Chegar até aqui foi um longo percurso, era preciso entender como usar a novela para desvendar por onde caminham os pensamentos, as expressões e as produções de sentidos subjetivos de Miguel, uma tentativa de conexão perspicaz, imprevisível e hipotética sempre, algo que tecemos em meio a elementos muito sutis. Atrelado a isso o teatro (um pouco de cordel encantado – cenas de uma sala em um ato real) e a intervenção.

Teatro e massinha: de um lado a expressão corporal que traz a marca de como o corpo externa emoções e figura a história do sujeito mesmo em silêncio, de como a utilização do espaço delata como o social marca o individual, de como a escolha do personagem revela um pouco de quem somos ou de quem precisamos ou queremos ser num dado momento de enfrentamento, do outro lado, a evidência de um sujeito protagonista e observador, que de figurante não tem nada, que analisa o seu espaço na família, seu lugar, quem está próximo e distante, sabe quem o coloca na “zona de conforto” e quem o impulsiona, o inquieta, “cutuca” o seu pensamento. Não é à toa que tem nome de anjo! Foi com ele que aprendi que nem sempre o antagonismo é de todo mal.

Há algum tempo já trabalhando com o Miguel, acompanhando-o tanto em sala de aula quanto na equoterapia, notei que alguns instrumentos que eu havia proposto para compreender algumas questões que buscava na pesquisa eram totalmente estéreis e inférteis em relação a ele. Os desenhos não saíam do lugar e não apraziam o rapaz, os tais contos e recontos que propus não eram cabíveis e não havia uma conexão, assim como os jogos.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Comecei então a notar algo o acompanhando nas sessões equoterápicas e conversando com ele nos momentos vagos, ele era uma criança deslumbrada, apaixonada por novelas, a cada dia que o encontrava ele era um novo personagem, do mocinho ao bandido. É bem verdade que ele era mais antagonista do que protagonista. Foi então que um novo curso em relação à pesquisa surgia, uma outra pesquisadora se revelava. Era muito difícil compreender as lógicas de Miguel sobre o mundo, sobre as convenções estabelecidas socialmente e tão presentes no meu mundo. Miguel me ensinou a me despojar do meu olhar tão cheio de preconceitos.

Nesse sentido, faz-se mister destacar que o pesquisador tem que ser perspicaz com essas frestas que se abrem no espaço da pesquisa, são espaços férteis de criação onde são lançadas fagulhas de ideias que podem gerar novos cursos para a produção intelectual. Destarte, houve um engajamento e entendimento em abarcar todos os atores da pesquisa o que permitiu a abertura de um caminho para uma discussão de um trabalho interventivo em sala de aula onde a novela adentrou a trama e também a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito Miguel. E foi por meio desses revezes que a massinha, o teatro e a ação interventiva constituíram a pesquisa.

A intervenção não poderia deixar de aparecer nessa pesquisa principalmente quando estamos implicados pelos princípios da *Epistemologia Qualitativa* e entendemos a dimensão dialógica do que seja pesquisar, ou seja, um processo comunicativo (GONZÁLEZ REY, 2005a).

A intervenção aqui trazida é a que partilho com a pesquisadora Tacca (2008) no sentido de conectar-se ao pensar do outro, captar suas necessidades buscando entender os seus caminhos tão singulares e identificando por onde encontram-se os seus nós e possibilitando ações criativas e situações comunicativas que favoreçam a emersão do sujeito e o desfazimento dos seus descompassos.

A primeira novela com a qual brincamos chamava-se “Insensato coração”²¹ era uma novela do horário nobre da emissora Globo de Televisão, passava às 21h. A escolha foi de Miguel. Antes de chegarmos ao ponto de criarmos o nosso “quadro”²², conversávamos sobre os acontecimentos das novelas assistidas, personagens, impressões, dentre outros aspectos.

²¹ Telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares e dirigida por Dênis Carvalho no ano de 2011.

²² O que estou chamando de quadro nesse trabalho é o suporte de construção do instrumento que dá vida à cena desenvolvida pelo sujeito.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O interessante é que antes de trabalharmos com esse instrumento eu e Miguel já estávamos bem próximos, com a relação um pouco conturbada, abalada, a verdade seja dita. É que descobri que eu era a provocadora do seu pensamento e que essa situação lhe causava desconforto. O fato de tirá-lo da “zona de conforto” em que se colocava na sala de aula na realização de suas tarefas e de promover diálogos e impulsionar o seu pensamento passou a ser um verdadeiro tormento para Miguel. A meu ver, ele literalmente queria correr! Sentar ao seu lado na sala, provocá-lo a pensar em seus deveres, fazer perguntas, instigá-lo e desafiá-lo provocou uma relação imprevisível entre nós. Uma verdadeira novela!

Desta forma, algumas revelações de Miguel:

P: Que ator? Que personagem você vai ser?

M: Vi...

P: Quem você vai ser?

M: Começa com V.

P: Começa com a letra V? Vixi! De que novela que é? Qual a novela que a gente vai fazer hoje?

M: Insensato Coração.

P: Ah! A gente vai brincar de Insensato Coração? Legal! Essa aqui vai ser a televisão (aponto para a folha branca), tá bom? E quem será que você vai ser, heim? Eu gosto muito de Insensato Coração. Então eu vou descobrir o seu personagem, mas você vai fazer ele para mim. Você tem massinha agora ó, faz o seu personagem pra mim, faz você aí.

M: Vi- ní- cius.

P: Você é o Vinícius? Então faz aí o Vinícius pra mim.

M: Assim? (pega a massinha branca e apenas gruda na folha).

P: Faz aí... Cadê a cabeça? Você vai ser o Vinícius? Por quê?

M: É lindo!

P: O Vinícius é lindo? Por que ele é lindo? Coloca mais aqui no meio, quer colocar mais aqui no meio da televisão? Você parece com o Vinícius?

M: Uhum...

P: Por quê?

M: É lindo!

P: Por que você acha ele lindo?

M: Fofo.

P: Ele é fofo? E por que que o Vinícius é fofo?

M: É lindo!

P: Ele é bonzinho? O que ele faz de coisa boa? E você, você é bonzinho?

M: É.

P: Na novela, o que o Vinícius faz que ele é bonzinho? (não responde... Faço várias perguntas, mas não obtenho nenhuma resposta, fica totalmente alheio) E eu, quem eu vou ser nessa novela?

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

M: Você?

P: É! Você é o Vinícius, eu também quero ser alguém nessa novela. Quem eu vou ser?

M: aaa... Noorma (como quem esbraveja um nome).

P: Eu sou a Norma? Posso fazer a Norma?

M: Ahã.

P: Posso fazer ela aqui?

M: Ahã.

P: Por que eu vou ser a Norma?

M: É bom!

P: Por que é bom ser a Norma? Mas ela é malvada, eu sou malvada?

M: É.

P: Sou? Por que que eu sou malvada? O que que eu faço que eu sou má? Conta pra mim...

A princípio foi difícil entender as escolhas de Miguel por certos personagens, mas apenas um instrumento não é suficiente para dar conta de compreender essa imensa teia como os sentidos subjetivos se organizam e vão tomando forma para se desdobrarem em uma configuração subjetiva mais estável. Miguel precisa tomar várias posições diante das experiências vividas em sala e fora dela e estas configuram a sua personalidade que se desdobra por meio de ações mais ríspidas ou de parcerias em dados contextos. Nessa hora ele pode ser o Vinícius, o vilão, bravo, que precisa mostrar quem é e fazer valer a força ou pode ser o herói Jesuíno (de outra novela “Cordel Encantado”²³) e juntar-se ao bando e oferecer ajuda e estabelecer reciprocidade. Entender a escolha por um personagem antagonista a princípio foi desafiador, em outros momentos pudemos conversar na tentativa, um pouco torpe da minha parte, de demover a ideia de se entrelaçar a figura de um bom menino à vilania de um personagem. Nossos valores ainda direcionam nossos fazeres.

Mas Miguel é um grande provocador e sustentador de suas escolhas, o que o faz tão incapturável! E nessa trama fez-me compreender que suas produções de sentidos subjetivos não estavam na base do bem ou do mal, mas em como estes sentidos se organizavam e se configuravam subjetivamente em dados contextos, fossem na equoterapia, fossem na escola, no posicionamento de um sujeito corajoso, bravo, do embate, ou simplesmente apagado, alheio.

²³ Cordel Encantado é uma telenovela brasileira que foi produzida e exibida pela Rede Globo no ano de 2011 pelas autoras Duca Rachid e Thelma Guedes com a direção de Amora Mautner, Gustavo Fernandez, Natália Grimberg e Ricardo Waddington.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O que é uma hipótese que podemos analisar diante de suas expressões abaixo:

P: O Miguel é o Vinícius, por que mesmo?

M: Haaaaaaaaaaaa... (num tom de quem assusta o outro)

P: Por que você é bravo?

M: É.

P: O Vinícius é bravo?

M: É.

P: E o Miguel é bravo?

M: É.

P: Lá na escola você é bravo?

M: É.

P: Como é que o Miguel faz?

M: (desconversa)

P: Como é que o Vinícius faz com os colegas dele lá na novela?

M: Faz.

O interessante é que essa maldade não caminha pelo ato de fazer o mal, mas de posicionar-se, agir. A forma como produz sentidos subjetivos sobre o que seja a maldade implica como as experiências que permeiam esse sentimento são advindas de outros movimentos e contextos transitados nos espaços de suas relações e organizados na configuração subjetiva desses espaços.

Esses trechos de fala indicam que a escolha de Miguel pelo personagem de Vinícius é uma forma de se enxergar através dele, mesmo em seus posicionamentos nefastos na novela, o que ele visualiza não é a maldade do personagem, mas a coragem de enfrentamento. Assim podemos hipotetizar que quando Miguel esbraveja “*Haaaaaaaa...*” traz à tona a forma como precisa proceder diante de certas situações experimentadas, com pulso e coragem, o que eu vejo como um ato simbólico dessa bravura.

Em uma dramatização proposta na sala de aula em que o trabalho foi desenvolvido partindo de uma cena da novela das 18h “Cordel Encantado” (já relatada anteriormente) também da rede Globo de Televisão assistida pelas crianças em que o personagem principal está à beira da morte e a mocinha prestes a casar-se com o inimigo, a ideia era que Miguel fosse o mocinho que tanto gostava e se identificava, mas diante da possibilidade de morrer ele escolhe ser o vilão secundário na cena, um personagem intitulado Zóio furado.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A intenção da aula nesse dia era provocar em Miguel maior participação no espaço da sala de aula disponibilizando a ele que acessasse o seu acervo novelístico em prol de sua aprendizagem e desenvolvimento juntamente ao grupo, portanto suas expressões e conhecimentos precisos sobre o assunto eram necessários para a organização de toda a trama, do elenco, da cena e da atuação do grupo de alunos.

Para minha surpresa no desenvolver da dramatização Zóio Furado (Miguel) deixou-se levar pela condução alheia, a única expressão vívida era a face enraivecida e o corpo enrijecido de quem transmite a raiva do cangaceiro. Porém, no que sucedeu a dramatização... Mais surpresas, uma eclosão de participação como quem deixa fluir toda a sapiência represada, aproveito e sugiro ao colega ao lado um diálogo sobre o conteúdo travado em sala, instigo que dê sugestões à professora, um banquete aos deuses. De fato, somo as minhas inquietações aos pressupostos de Vigotski (1924-1935/1997):

Quando comparamos a pedagogia da coletividade das crianças atrasadas com a pedagogia das crianças normais e nos perguntamos o que elas têm de comum e distinto, obtemos a mesma resposta que recebemos sempre quando se trata da comparação das medidas pedagógicas singulares aplicadas à criança normal e anormal: os mesmos objetivos e os métodos particulares para alcançar esses objetivos, inalcançáveis para a criança anormal pelas vias diretas. (p.226)²⁴

Quanto à questão supracitada, nota-se que Miguel semanas depois volta à atividade trabalhada em sala em um segundo momento em que trabalhamos a massinha, o que aponta que a coletividade como fator do desenvolvimento do sujeito e a aprendizagem como uma produção de sentidos participam da organização subjetiva do sujeito. Miguel revela em suas expressões o significado que deu à experiência vivida:

M: Aí, aí, aí, a segunda-feira...

P: Na segunda-feira? Que que tem?

M: Do Cordel Encantado...

P: Do Cordel Encantado?!

M: É! Lá, lá, lá na minha escola (lembra de um dos momentos da pesquisa em que trabalhamos teatro na sala de aula utilizando a novela para ver sua expressão e de que forma essa conexão com o mundo novelístico facilitava sua aprendizagem).

P: Ah! Naquele dia que a gente brincou?

M: Ahã.

P: Ah, você gostou?

M: Gostei.

P: Você gostou de ser o Zóio Furado?

²⁴ Tradução minha

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

M: É.

P: É você tava com a cara de bravo, não foi?

M: Foi.

P: E por que você tinha que ficar assim com a cara de bravo?

M: Porque sim!

P: Por quê? A cara do Zóio Furado é como? Ele fica assim com a cara fechada?

M: Assim (sussurrando e fazendo cara de bravo).

P: É?

M: É.

P: Por que ele é um cangaceiro?

M: É.

P: Cangaceiro é mau?

M: Não.

P: Não? Ele é bonzinho?

M: É.

P: Por quê?

M: Ele é do mal.

P: Como é ser do mal? O que é ser do mal?

M: Ele pegou o tesouro.

P: Ele pegou o tesouro?

M: Ahã.

P: E fez o que com o tesouro? Fugiu?

M: Ahã fugiu.

P: Pra onde?

M: Praaaa... não sei.

P: E o que ele ia fazer com o tesouro?

M: Pra, pra, pra... matar a Açucena.

Aqui podemos inferir que surgem novos elementos da novela, mas carregados de sentidos que nos remetem à experiência vivida anteriormente e que marca a mudança de percepções de Miguel acerca do personagem. Por mais que ele retratasse o personagem como um antagonista não reconhecia o seu caráter de vilão, dizia ser este bonzinho. Em uma discussão em sala com uma colega propiciada no dia da dramatização, o colega dispôs de todos os argumentos que derrubassem os seus, o que mesmo assim não conseguiu mudar sua visão. Nesse dia, me surpreendi com a forma de ver o personagem, notei uma perspectiva reflexiva, novos sentidos subjetivos havia sido produzidos dando novos contornos à sua forma de enxergar o personagem e creio que a si mesmo, era um novo contexto, uma nova

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

organização que apontava para novas configurações subjetivas de Miguel. A discussão com o colega fez Miguel se posicionar e defender sua opinião, foi um diálogo permeado de embates e conflitos, a cada pergunta e argumento do colega ele necessitava de pensar em como se defender e sustentar o seu ponto de vista e para isso se propôs a refletir sem que ninguém interferisse. Quando coloco que ele enxergou a si e ao personagem com um novo olhar é que naquele momento ele não precisou de ninguém para exercer a sua defesa e se viu capaz, o personagem foi o seu suporte para isso e agora Miguel poderia enxergar os dois lados da moeda, a face boa e a má e fazer novas escolhas.

As configurações subjetivas de Miguel trazem aspectos importantes a serem considerados, é claro que o intercâmbio entre a escola e a equoterapia por meio de um elo traria mais consistência ao trabalho, mas o que fica claro é que essa articulação independentemente de uma ponte existe e o que vai fazer com que ela ecoe em sala de aula é a forma como os processos de aprendizagem e desenvolvimento serão impulsionados pelo professor. Quando os sistemas comunicativos em sala de aula são propícios ao diálogo e à escuta sensível por meio da qualidade da relação que se estabelece entre o professor e aluno, e quando as ações pedagógicas são planejadas, as atividades personalizadas e as intervenções conectadas aos caminhos e necessidades da criança fazendo com que ela produza sentido, ela tem espaço para se posicionar, para encontrar recursos que a auxiliem a lidar com as dificuldades e a encontrar alternativas para vencê-las.

Intervir é uma ação criativa, propositiva e dialógica implica a conexão do professor com a organização sistêmica da criança e a descoberta de como ela se conecta às atividades propostas, quais os percursos de seu pensamento, quais as pistas dadas, qual a sua forma peculiar de resolução no curso da atividade e como dispor de possibilidades de impulsões ao seu desenvolvimento e aprendizagem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica embasada nos pressupostos da Teoria da Subjetividade de caráter histórico-cultural no contexto educativo apresenta-se como um desafio para a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, pois marca o caráter sistêmico e plurideterminado do aluno e a sua imprevisível produção simbólica e emocional no seu contexto de atuação onde se constitui enquanto um sistema gerador, dinâmico e processual em meio às suas experiências. Assim a pesquisa aqui apresentada traz o processo do pesquisador em pisar no terreno fértil e árido do desenvolvimento subjetivo humano aportando a metodologia qualitativa dentro dos princípios da Epistemologia Qualitativa como um processo comunicativo e dialógico de construção das informações produzidas no campo empírico.

A lógica configuracional aqui desenvolvida foi organizada de maneira a possibilitar a compreensão do problema estudado e a tomada de decisões do pesquisador não como a expressão rígida dessa produção, mas como uma necessidade de elencar eixos inteligíveis para a construção das informações trazidas.

Nesse sentido a aprendizagem aqui defendida é um processo de produção de sentidos subjetivos do sujeito implicadas pela sua emergência enquanto sujeito comunicativo, ativo, criativo e processual provocadas pela qualidade das relações, pela abertura de um canal dialógico e de escuta sensível e pela intervenção enquanto um movimento mobilizador e em conexão com os seus pensamentos impulsionando o seu desenvolvimento. Dessa forma o aluno trazido pela pesquisa é um sujeito implicado por sua história, cultura e espaço social como momentos de subjetivação e processualidade.

Outro ponto dessa pesquisa é pensar que a aprendizagem não seja um processo despersonalizado, mecânico e reprodutivista, mas um processo personalizado e comprometido com o envolvimento da criança como condição imprescindível ao seu desenvolvimento subjetivo e à configuração de uma personalidade saudável que se expresse em seus contextos de atuação por meio de seus posicionamentos ativos. Na pesquisa se colocou em evidência como os processos simbólicos e emoções que acontecem numa área da vida vão se transformar em fontes de novos posicionamentos em outra área, o que explica como o posicionamento de um aluno na escola não se reduz ao que nela acontece, envolvendo em

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

nível subjetivo toda uma biografia de vida, considerando os diferentes contextos de seu momento atual.

Portanto essa pesquisa procurou adentrar dois contextos distintos: a escola e a equoterapia como espaços possibilitadores de sistemas de comunicação comprometidos com a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com necessidades educacionais especiais, bem como a articulação entre esses dois contextos na impulsão desses processos. Destarte, conhecer a movimentação desses contextos analisando a subjetividade social como uma complexa organização subjetiva dos diversos espaços sociais, a forma como o social e o individual são momentos de um sistema coexistente e recíproco em constante tensão e contraditoriedade na organização da subjetividade individual, foram indubitavelmente imprescindíveis para a compreensão dos sujeitos dessa pesquisa.

Desse modo a compreensão de como a aprendizagem e o desenvolvimento são partícipes do atendimento equoterápico implicados pelas ações pedagógicas e como essas ações corroboram com o desenvolvimento subjetivo do sujeito com deficiência no contexto escolar por meio da intervenção pedagógica ativa e criativa na configuração de uma personalidade saudável, foi um desafio.

Considero que essa pesquisa coloca em evidência o papel da intervenção como uma ação intencional e planejada articulada às necessidades do sujeito, comprometida com o seu funcionamento psíquico peculiar e conectada ao seu pensar, agir e sentir no momento de desenvolvimento de suas atividades concretas. Dessa forma o professor e o terapeuta são enxergados como provocadores do pensamento do sujeito por meio da abertura de um canal dialógico saudável imprimindo qualidade na relação estabelecida com o outro em que a escuta sensível permita-o envolver-se nessas atividades expressando a sua emocionalidade.

Com efeito, o caráter subjetivo dos processos de desenvolvimento e aprendizagem marca o rompimento com a lógica universalista de entendimento da pessoa e alcança a compreensão de sua singularidade nesses processos, assim essa pesquisa procurou dar lugar aos sujeitos pesquisados procurando também entendê-los como únicos em suas produções subjetivas saindo dos modelos comparativos e quantitativos de fazer pesquisa. A construção da informação possibilitou compreender que a produção da informação aparece como uma fonte de tessitura das expressões peculiares de cada sujeito abrindo margem ao mergulho do pesquisador enquanto parte também integrante da pesquisa por meio de sua produção

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

intelectual e geradora de pensamento também marcada por sua história, crenças, representações e valores.

Indubitavelmente a emergência de um posicionamento mais ativo em Miguel passava pela provocação de seu envolvimento com as atividades concretas por meio de intervenções conectadas às suas necessidades e geradoras de impulsos ao seu pensar, e da geração de novas necessidades no curso da ação. Mas essa provocação que destacamos nessa pesquisa parte da premissa em entendê-lo enquanto sujeito de possibilidades e não de ausências, e o que marcamos aqui foi que o desenvolvimento e a aprendizagem de Miguel são possíveis quando existe um olhar desprovido de preconceitos.

Portanto também foi pertinente compreender os posicionamentos de quem conduz a aprendizagem e o desenvolvimento de Miguel, suas concepções são um convite à reflexão acerca de como o entendimento da criança, da ação pedagógica e da intervenção são mobilizadores da prática educativa. Caso esses elementos norteadores do processo sejam enxergados como algo despersonalizado, mecânico, padronizado e reprodutivo possivelmente teremos muitas crianças impossibilitadas de produzirem sentidos subjetivos saudáveis à sua personalidade, como Miguel em alguns momentos de realização de suas atividades concretas.

Outro fator lamentável seja a consideração dessas ações como algo dissociado do sujeito e voltado somente à transmissão e apreensão de conteúdos. A preocupação com o conteúdo a ser aprendido e não com a criança demonstra que os processos de significação implicados na aprendizagem do aluno são deixados de lado tornando a aprendizagem estéril e memorística. Podemos verificar essa questão na forma como a criança acaba sendo obrigada a operar com atividades mecânicas que a impossibilitam de gerar recursos subjetivos na busca de alternativas diferenciadas pra lidar com o conhecimento distanciando-a do seu processo de desenvolvimento.

A presente pesquisa também revelou que uma coletividade afinada com o processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos reflete na ação do professor, não apenas como uma conjunção de ideias em comum, mas como um espaço de promoção da discussão desses caminhos, como troca de olhares curiosos e atentos a esses processos e como espaço também de tensão e contraditoriedade relevantes ao crescimento profissional. Assim, o trabalho coletivo que se disponibiliza em colocar o aluno como um desafio de todos torna-se profícuo e cuidadoso e garante a responsabilidade não apenas daquele que está diante do aluno, mas de todos os envolvidos. Dessa forma este se constitui em fortalecimento das ações

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

individuais e propicia um olhar crítico perante as dificuldades enfrentadas nesse contexto o que é um importante indicador do nível de motivação do grupo de professores refletindo na qualidade das relações estabelecidas com os alunos o qual é central à experiência educativa. Entretanto vimos dois espaços distintos como também dois coletivos distintos marcando visivelmente essa transformação do profissional.

Nesse sentido a compreensão do grupo equoterápico acerca da necessidade da formação em serviço como possibilitadora de um pensar reflexivo e ativo se constitui em um diferencial no atendimento das crianças e no próprio desenvolvimento profissional, pois a formação retroalimenta as ações desenvolvidas, estas ganham nova vida, novos contornos.

Destaca-se que a percepção do grupo acerca da aprendizagem como um movimento sistêmico e gerador de alternativas, rompendo com uma visão linear de desenvolvimento coloca a equoterapia como um espaço diferencial e promotor do rompimento de ações padronizadas. A valorização do prazer e da busca pela felicidade se constitui em elemento fundamental ao envolvimento da criança nesse contexto.

Outro ponto relevante à pesquisa foi entender que a garantia do desenvolvimento de Miguel era exatamente a qualidade da relação estabelecida com ele, não como um montante de ações assimétricas, muito pelo contrário, a simetria em colocá-lo numa posição de igualdade na relação. Portanto, o que verdadeiramente fazia com que Miguel avançasse em suas aprendizagens não era apenas o fato de estar na equoterapia, mas a consolidação de uma relação saudável que o permitisse revelar-se como sujeito aprendente e visível e que afortunadamente configurava uma personalidade saudável. Assim a equoterapia ressoa sim no espaço da sala de aula, mas quando esse sujeito é convidado a se expressar e a se posicionar impulsionando os processos ali também experimentados havendo envolvimento nas atividades concretas desenvolvidas.

Nesse sentido podemos responder as perguntas iniciais e ao objetivo dessa pesquisa pontuando que a equoterapia e a escola podem ser espaços propícios ao desenvolvimento quando suas ações estão em consonância com a organização sistêmica do aluno no seu processo de aprendizagem em que o envolvimento com o movimento do seu pensamento é a força motriz na promoção e impulsão de seu desenvolvimento.

A promoção da saúde da criança é favorecida quando as ações desenvolvidas nesses contextos são capazes de promover a sua recursividade. Destarte, essa questão corrobora no entendimento de que as intervenções pedagógicas são imprescindíveis ao desenvolvimento

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

subjetivo do sujeito, implicam a abertura de espaços relacionais dialógicos em que as situações comunicativas promovam a produção de sentidos subjetivos. Professor e aluno são partícipes de um processo de sentidos e significados que movimenta o espaço de desenvolvimento em que ambos são constituídos e constituintes da imensa teia de produções simbólicas e emocionais.

Cabe ao professor organizar o contexto social promovendo a colaboração entre os pares, criando e se utilizando de mediadores que oportunizem essa ação atenta e criativa. Esta atenção pode ajudar as crianças a gerarem recursos subjetivos que impliquem no desenvolvimento de atitudes recursivas mediante situações de conflito emergindo outras possibilidades de ação.

Sendo assim, a articulação entre esses dois contextos de desenvolvimento pode estar em consonância por meio da parceria entre escola e equoterapia através de um elo que possibilite essa aproximação e promova o encontro entre terapeuta e professor de maneira a discutir e a traçar ações sistemáticas considerando as questões supracitadas. Porém, essa articulação não deixa de acontecer caso não exista essa parceria, o que ocorre é que os processos desenvolvidos no atendimento equoterápico só poderão ecoar na sala de aula se a criança tiver abertura para se posicionar, se as atividades propostas estiverem voltadas para ela e não para o conteúdo, se as atividades forem personalizadas e respeitarem o seu funcionamento psíquico singular promovendo o seu envolvimento e se a intervenção criativa, o diálogo, a escuta sensível e a qualidade das relações forem propícias e profícuas ao seu desenvolvimento.

Faz-se mister destacar que quando o processo de desenvolvimento e aprendizagem nesses espaços se conectavam à Miguel todos os envolvidos aprendiam, mas em contrapartida quando esses processos eram pensados apenas nas outras crianças desconsiderando as especificidades de Miguel, ele ficava a parte, alheio e sem vida diante das experiências vividas. Fazer o que todos faziam não era uma condição de igualdade na forma como a situação era conduzida, mas uma forma de distanciamento, de exclusão e não era uma atitude intencional e sim de desconhecimento. A “zona de conforto” que de certa forma era imposta à criança nada mais era do que a falta de mobilização dos seus pensamentos.

Pode-se perceber também que a intervenção ativa do professor seja uma condição imprescindível à captura da singularidade do sujeito no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento e que essa captura dá-se por meio da conexão com o seu funcionamento

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

psíquico peculiar disponibilizando ações criativas e perspicazes que o provoquem a pensar o seu próprio pensamento no confronto com o que aprende.

Outra questão considerável é a presença do pesquisador nesses espaços não apenas como alguém que ouve e observa, mas como alguém que se coloca como parceiro, intervém e participa do que propõe a discutir construindo novos espaços subjetivos.

Finalmente, gostaria de colocar a pesquisa trazida como uma reticência ao processo de entendimento do desenvolvimento humano subjetivo colocando-a como uma premissa à reflexão e à busca incansável às descobertas acerca dos processos educativos. O que aqui foi apresentado não é algo fechado e acabado, mas uma impulsão à compreensão de como conectar-se, entrar em sintonia com as necessidades e caminhos isotrópicos de um sujeito pensante e ativo que por vezes transforma-se em incógnita dentro das salas de aula quando desconsideradas as suas emoções.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDE – Brasil. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/equoterapia.php>>. Acessado em: 07/10/2009.

ANDE-BRASIL. *Curso básico de equoterapia. Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE. Brasília, 2011.*

FOERSTNOW, Paulo Sérgio. *A educação e o trabalho interdisciplinar em equoterapia na voz de seus atores pedagogos e terapeutas*. Monografia orientada por Cristina Massot Madeira Coelho. Brasília, 2010.

FRDI - Disponível em: <http://www.frdi.net/>, acessado em 23/09/11

FREIRE, Heloisa Bruna Grubits. *Equoterapia: teoria e técnica – uma experiência com crianças autistas*. São Paulo: Vetor, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. -25 ed.- São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Política e educação: ensaios*. -5 ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Personalid y salud: La dimensión subjetiva em La salud humana*. In: Revista cubana de psicología. VI. 12, n. 2-3, 1994, p. 135-143.

_____. *La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica*. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis (orgs). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004.

_____. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005a.

_____. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005b.

_____. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005c.

_____. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____. *O social na psicologia e a psicologia no social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

_____. *El pensamiento de Vigotski: contradicciones, desdoblamientos e desarrollo*. México: Trillas, 2011a.

_____. *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Ed.Cortez, 2011b.

_____. *Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: além dos limites concretos do defeito*. In: *Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência*. MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (orgs.). Campinas, SP: Editora Alínea, 2011c.

_____. *Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia*. In.: HOLANDA, Adriano de. *O campo das psicoterapias: reflexões atuais*. Curitiba: Juruá, No prelo.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Trad. Lúcia Mathilda Endlich Orth. Petrópolis: editora Vozes, 1973

LAKATOS, Eva. M.; MARCONI, Marina, A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LERMONTOV, Tatiana. *Psicomotricidade na Equoterapia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

MEDEIROS, Milena; DIAS, Emília. *Equoterapia: bases e fundamentos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

_____. *Distúrbios da aprendizagem: a equoterapia na otimização do ambiente terapêutico*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *O outro e sua significação para a criatividade: implicações educacionais*. In: *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. SIMÃO, Livia Mathias; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina (orgs.). São Paulo: Thomson, 2004.

_____. *A teoría da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade*. In: *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. GONZÁLEZ REY, Fernando Luis (org.). São Paulo: Thomson, 2005.

_____. *La perspectiva histórico-cultural y la educación especial: contribuciones iniciales y desarrollos actuales*. In: Revista Electrónica publicada por el Instituto de Investigación en Educación Universidad de Costa Rica. VI 09, pp. 1-28. Costa Rica, 2009a.

_____. *Vygotsky e a criatividade: novas leituras, novos desdobramentos*. In: *Da criatividade à inovação*. ZULA, G.G; SOLANGE, M. W; DENISE. B. (orgs.). São Paulo: Papirus, 2009b.

MOTTI, Glauce Sandim. *A prática da equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade*. Dissertação de mestrado em Psicologia orientada por Heloisa Bruna Grubits Freire. Campo Grande, 2007.

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

OMS. *Organización Mundial de La Salud*. In: Perguntas más frecuentes. Disponível em: <http://www.who.int/suggestions/faq/es/index.html>, acessado em 05/04/2011.

PENIDO, Cláudia M. F. *Embustes interdisciplinares: da especialização à polivalência - contribuições a partir do campo da saúde mental*. Disponível em http://www.hc.ufmg.br/gids/anexos/os_riscos_da_interdisciplinaridade.pdf, acessado em 10/03/2011.

SILVA, Carlos. Henrique. *Equoterapia para cegos: efeitos e técnica de atendimento*. Dissertação de mestrado em Psicologia orientada por Sônia Grubits. Campo Grande, 2003.

SILVA, Melissa Cristina. *A percepção das mães de crianças atendidas em equoterapia*. Dissertação de mestrado em Psicologia orientada por Heloisa Bruna Grubits Freire. Campo Grande, 2006.

SEVERO, José Torquato (org.). *Equoterapia, equitação, saúde e educação*. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. *Processos de aprendizagem e a perspectiva histórico-cultural: concepções e possibilidades em torno do movimento de inclusão*. In: Educação, arte e mídias, gênero, raça/etnia e juventude, educação ambiental, diversidade e inclusão. VI. 03. 9º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste/ANPED. Brasília: Liber Livro Editora: ANPED, 2008.

TUNES, Elizabeth; PIANTINO, L. Danezy. *Cadê a síndrome de down que estava aqui? O gato comeu...: o Programa da Lurdinha*. 3.ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto. N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paula: Atlas, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovich *Obras Escogidas, Tomo III: Problemas del desarrollo de la psique*. Visor: Madrid, 1924-1935/1995.

_____. *Obras Escogidas, Tomo V: Fundamentos de Defectologia*. Visor. Madrid, 1924-1935/ 1997.

_____. *Psicologia Pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1926/2004.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1934/2009a.

_____. *Imaginação e criação na infância*. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 1930/2009b.

WERNER, Jairo. *Saúde e educação: desenvolvimento e aprendizagem do aluno*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

WIKIPÉDIA- Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udio_Galeno, acessado em 23/02/11

APÊNDICES

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 1 . Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**TÍTULO DA PESQUISA: EQUOTERAPIA. ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA
SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Pesquisadora: Vanessa Martins Rubim

Orientador: Prof. Fernando Luis González Rey – PhD.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a) você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que será desenvolvida como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília FE/UnB. Tal pesquisa tem por objetivo compreender como o atendimento equoterápico e suas ações terapêuticas facilitam o desenvolvimento do aluno influenciando a aprendizagem e como os processos terapêuticos e pedagógicos interferem na configuração subjetiva da criança ,investigando os contextos escolar e equoterápico em que essa criança transita.

Para efetivação deste estudo serão realizadas observações, entrevistas, dinâmicas conversacionais, completamento de frases, desenhos e filmagens dos atendimentos realizados no espaço equoterápico. Estes encontros poderão ser filmados ou gravados.

Vale ressaltar que a sua participação é voluntária sendo resguardada a liberdade de recusar-se a participar da pesquisa ou solicitar a retirada do seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem que lhe implique qualquer tipo de prejuízo.

É importante esclarecer que os participantes não correrão riscos uma vez que as informações colhidas durante a pesquisa serão tratadas de forma confidencial, garantindo assim o anonimato de cada participante.

Os dados obtidos e analisados serão mantidos com os pesquisadores e serão utilizados tão somente para fins científicos, sempre que necessário para a divulgação do conhecimento.

Brasília, 14 de fevereiro de 2011.

Vanessa Martins Rubim
Mestranda em educação – FE/UnB

Fernando Luis González Rey
Prof. Orientador FE/UnB

LIVRE CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ RG. _____ SSP/____, professor(a) da Rede de Ensino Particular ou Pública do DF da Escola _____ de Sobradinho, DECLARO que fui esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelo(a) pesquisadora Vanessa Martins Rubim bem como, de que será mantido sigilo sobre dados que possam me identificar. Dessa forma, **AUTORIZO** minha participação para fins estritamente científicos nesta pesquisa, bem como a realização das gravações dos encontros, o uso das imagens e áudios para fins de estudo e para publicação em revistas científicas e de formação de profissionais.

Brasília, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do participante

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 2 – Autorização para realização de pesquisa



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Subsecretaria de Educação Básica
Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação



**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 3 – Solicitação ao IFB para realização de pesquisa



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Coordenação do Pro



**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 4 – Autorização do IFB para realização de pesquisa



INSTITUTO FEDERAL
BRASÍLIA

Campus Planaltina

À Direção Geral



**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 5 – Questionário auxiliar

QUESTIONÁRIO ABERTO

1 Como você compreende o trabalho de auxiliar?

2 Existe algum acompanhamento da escola quanto à organização das suas intervenções? Como?

3 Como você enxerga a criança atendida?

4 Que benefícios você considera que as intervenções promovem ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança atendida?

5 Como você descreveria o grupo no qual está inserido (a)?(ações, envolvimento, percepção das crianças, organização do trabalho, dentre outros aspectos que julgar necessário.)

6 Qual a sua concepção de deficiência?

7 De que forma você procura organizar as suas intervenções no atendimento? Que aspectos são priorizados?

8 Que fatores você considera relevantes para o desenvolvimento de um bom trabalho?

9 Fale um pouco sobre como você concebe os processos de desenvolvimento e aprendizagem. Em que modelos de pensamento se ancoram a sua prática?

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

10 Em que momentos avalia o atendimento e como reelabora suas ações?

11 Quais os aspectos considerados em seus registros diários?

12 Existe um planejamento desse acompanhamento? Caso exista, como é elaborado? Está em consonância com o planejamento do professor? Explícite-o:

13 Como se dá o trabalho entre o professor e o auxiliar? Como as ações para a aprendizagem e o desenvolvimento dessa criança são organizadas pelos dois?

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

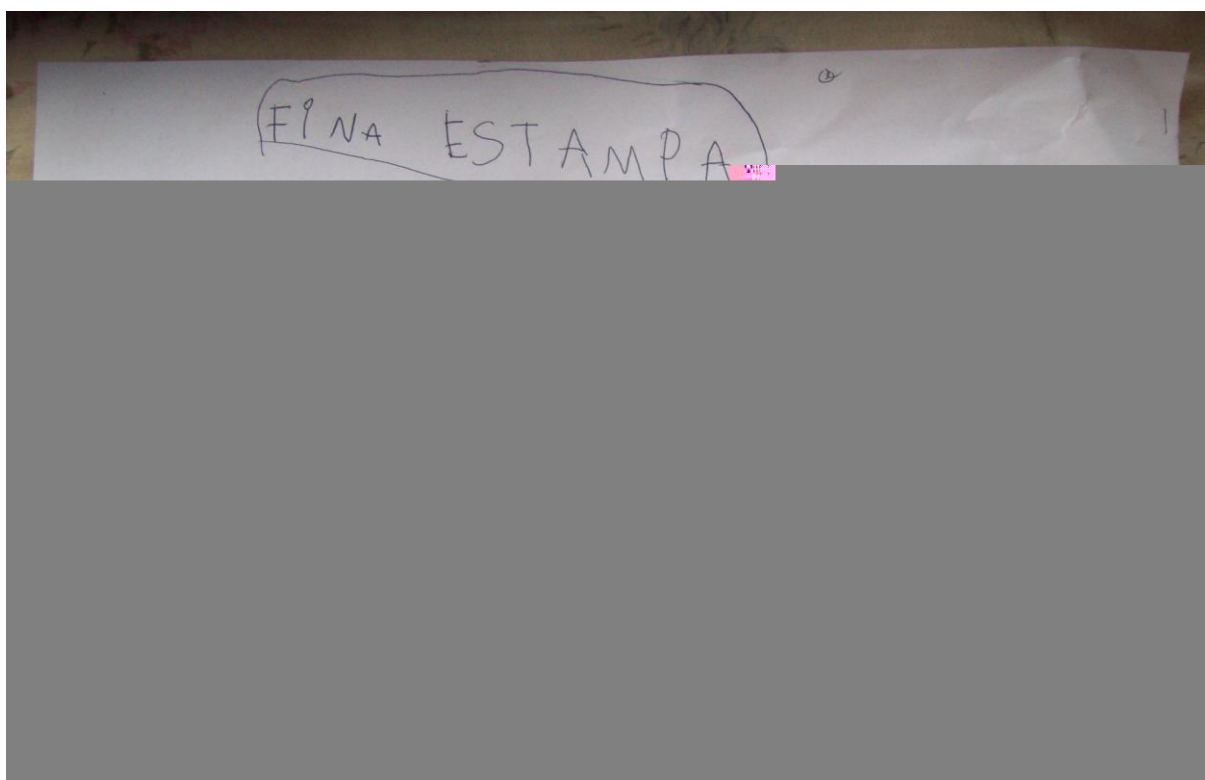
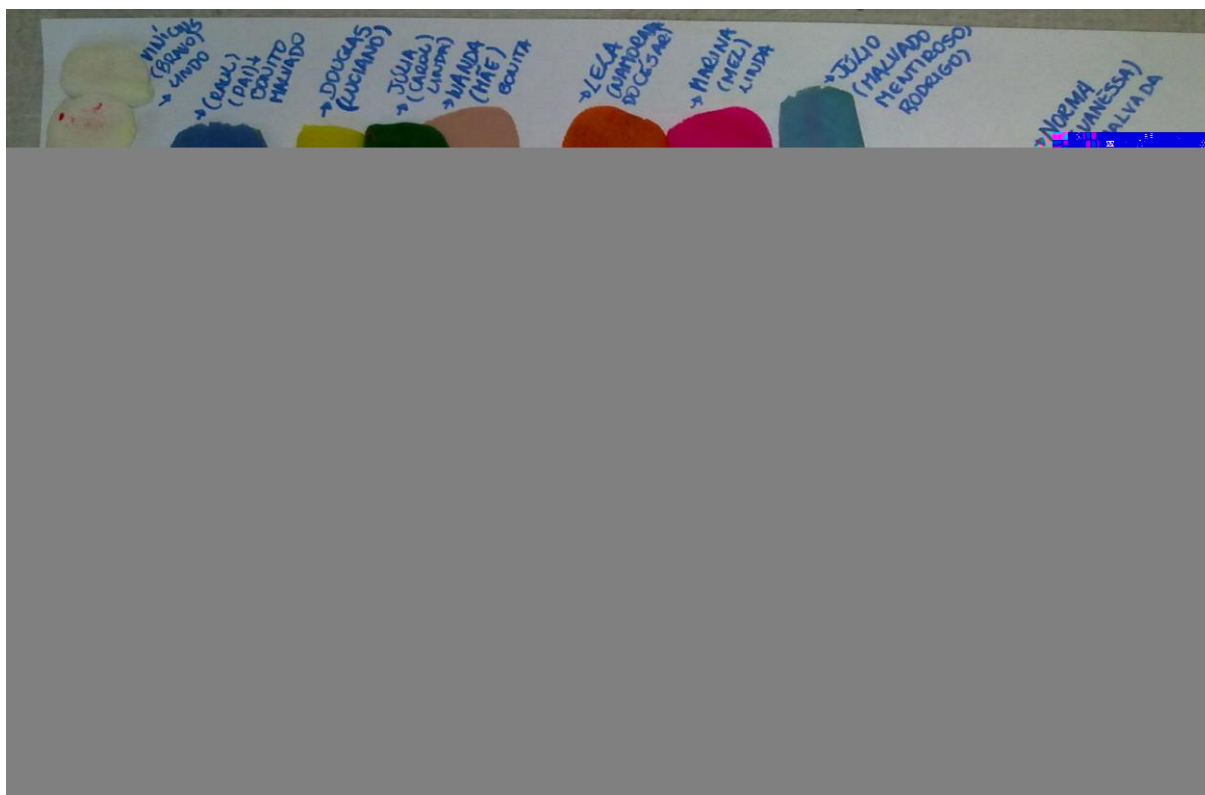
Apêndice 6 – Complemento de frases auxiliar

COMPLEMENTO DE FRASES

- 1) Eu: _____
- 2) Os Professores: _____
- 3) Eu preciso: _____
- 4) Fico alegre: _____
- 5) A criança: _____
- 6) Tenho dificuldade quando: _____
- 7) Esforço-me: _____
- 8) Tenho que refletir sobre: _____
- 9) Sinto que: _____
- 10) Fico triste: _____
- 11) Em algumas ocasiões: _____
- 12) Meu posicionamento: _____
- 13) Eu me desenvolvo profissionalmente quando: _____
- 14) A deficiência: _____
- 15) Preciso aprender sobre: _____
- 16) Ensinar: _____
- 17) Aprendi que: _____
- 18) Tenho necessidade de: _____
- 19) Gostaria que: _____
- 20) O trabalho: _____
- 21) Eu prefiro: _____
- 22) Eu me propus a: _____
- 23) Sofro: _____
- 24) A escola: _____
- 25) Não posso: _____
- 26) Meu maior problema é: _____
- 27) Meu maior desejo é: _____
- 28) Considero que posso: _____
- 29) Algumas vezes: _____
- 30) Fracassei: _____
- 31) Preciso de: _____
- 32) Esforço-me diariamente: _____
- 33) Aborrece-me: _____
- 34) Luto por: _____
- 35) Amo: _____
- 36) Não posso tolerar: _____
- 37) Creio que minhas melhores atitudes são: _____
- 38) Vejo possibilidades: _____
- 39) Desafio-me a: _____
- 40) Lamento: _____
- 41) Aprender: _____

EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Apêndice 7 - Quadro das massinhas de Miguel



**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 8 – Questionário equoterapia

QUESTIONÁRIO ABERTO

1 – Motivos importantes que o (a) levaram a trabalhar com a Equoterapia:

2 – Como você compreende o trabalho equoterápico? (retrate a realidade em que você está inserido: sentimentos, emoções, nível de participação, empenho e comprometimento do grupo, qualidade das relações interpessoais).

3 – Como você enxerga a criança atendida por este espaço?

4 – Que benefícios você considera que este espaço promove ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança atendida?

5 Como você descreveria o grupo no qual está inserido (a)?(Ações, envolvimento, percepção das crianças, organização do trabalho, dentre outros aspectos que julgar necessário.)

6 Qual a sua concepção de deficiência?

7 De que forma você procura organizar as suas intervenções no atendimento? Que aspectos são priorizados?

8 Que fatores você considera relevantes para o desenvolvimento de um bom trabalho?

9 Fale um pouco sobre como você concebe os processos de desenvolvimento e aprendizagem. Em que modelos de pensamento se ancoram a sua prática?

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 9 – Questionário Professora Regente

QUESTIONÁRIO ABERTO

1- Fale um pouco sobre como você enxerga a sua prática pedagógica:

2- Como você compreende a escola em que trabalha? (retrate a realidade em que você está inserida: sentimentos, emoções, nível de participação, empenho e comprometimento do grupo, qualidade das relações interpessoais, direção, coordenação, alunos, pais)

3- Quais são os elementos norteadores para a organização do seu trabalho pedagógico?

4- Quais são as estratégias criadas em sala de aula para lidar com os caminhos diferenciados envolvidos nos processos de aprendizagem?

5- Como você enxerga os seus alunos?

6- Qual a sua concepção de deficiência?

7- De que forma você procura organizar as suas intervenções com essa criança? Que aspectos são priorizados?

8- Que fatores você considera relevantes para o desenvolvimento de um bom trabalho?

9 Fale um pouco sobre como você concebe os processos de desenvolvimento e aprendizagem. Em que modelos de pensamento se ancoram a sua prática?

**EQUOTERAPIA, ESCOLA E SUBJETIVIDADE: PROMOÇÃO DA SAÚDE,
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Apêndice 10 – Complemento de frases Professora Regente

COMPLEMENTO DE FRASES

- 1) Eu: _____
- 2) A escola: _____
- 3) Eu preciso: _____
- 4) Fico alegre: _____
- 5) A criança: _____
- 6) Tenho dificuldade quando: _____
- 7) As atividades: _____
- 8) Esforço-me: _____
- 9) Tenho que refletir sobre: _____
- 10) Sinto que: _____
- 11) Fico triste: _____
- 12) Em algumas ocasiões: _____
- 13) Meu posicionamento: _____
- 14) A sala de aula: _____
- 15) Eu me desenvolvo profissionalmente quando: _____
- 16) A deficiência: _____
- 17) Preciso aprender sobre: _____
- 18) Ensinar: _____
- 19) Aprendi que: _____
- 20) Tenho necessidade de: _____
- 21) É preciso criar: _____
- 22) Gostaria que: _____
- 23) O trabalho: _____
- 24) Eu prefiro: _____
- 25) Eu me propus a: _____
- 26) Sofro quando: _____
- 27) Descobri: _____
- 28) O grupo de professores: _____
- 29) Não posso: _____
- 30) Meu maior problema é: _____
- 31) O diálogo: _____
- 32) Meu maior desejo é: _____
- 33) Considero que posso: _____
- 34) Algumas vezes: _____
- 35) Fracassei: _____
- 36) A ação pedagógica: _____
- 37) Esforço-me diariamente: _____
- 38) Aborrece-me: _____
- 39) Luto por: _____
- 40) Promover a colaboração entre os pares: _____
- 41) Creio que minhas melhores atitudes são: _____
- 42) Vejo possibilidades: _____
- 43) Intervir é: _____
- 44) Desafio-me a: _____
- 45) Lamento: _____
- 46) Favoreço a aprendizagem quando: _____
- 47) Não posso tolerar: _____